

ADENÁUER NOVAES



REENCARNACÃO  
PROCESSO EDUCATIVO



FUNDAÇÃO  
LAR HARMONIA

*Reencarnação:  
processo educativo*

3ª Edição  
Do 6º ao 10º milheiro

Criação da capa: Objectiva Comunicação e Marketing  
Direção de Arte: Rafael Oliveira  
Foto da capa: Michel Rey  
Modelo de capa: Carlos Eduardo P. O. Malheiros

Copyright ©1995 by  
Fundação Lar Harmonia  
Rua da Fazenda, 560 – Piatã  
41650-020

atendimento@larharmonia.org.br  
www.larharmonia.org.br  
fone-fax: (071) 286-7796

Impresso no Brasil

ISBN: 85-86492-02-7

Todo o produto deste livro é destinado à manutenção  
das obras da Fundação Lar Harmonia

**Adenáuer Novaes**

*Reencarnação:  
processo educativo*



**FUNDAÇÃO LAR HARMONIA**  
**CNPJ/MF 00.405.171/0001-09**  
**Rua da Fazenda, 560 – Piatã**  
**41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil**  
**2003**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Novaes, Adenauer Marcos Ferraz de  
Reencarnação: processo educativo. – Salvador:  
Fundação Lar Harmonia, 12/2003.

156p.

1. Reencarnação. I. Novaes, Adenauer Marcos Ferraz de, 1955. - II. Título.

CDU - 133.7

CDD - 133.9

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Reencarnação: Espiritismo 133.7

Love is the mystical charme,  
God's sweets in man's heart,  
luminous impact on human life,  
Divine Presence in mankind insert.  
God and man - solitary meeting,  
forbidden finit for child's mind.  
The love greater than history is,  
there unknown and known together are:  
shadow which makes light,  
light which shadow the bright.  
Sensibility is nothing beside,  
love is indescribable charme.

Ling Ch'eng Yü/Élzio F. Souza  
(Channelled)

Por que o passado deveria ser o senhor da vida,  
se cada nova vida é esperança de renovação?  
Não ressuscites espectros e fantasmas,  
nem os alimentos com fugas e fantasias;  
somente o serviço desinteressado liberta:  
os "mortos" devem continuar mortos.

L'in Ch'eng Yü/Elzio F. Souza  
Caminhar Vazio

"O determinismo é flexível,..." - Joanna de Ângelis/Divaldo P. Franco.  
No Limiar do Infinito.



# Índice

|   |    |
|---|----|
| Prefácio a 2ª edição                            | 9  |
| Apresentação                                    | 11 |
| Reminiscências                                  | 15 |
| Introdução                                      | 20 |
| Análise dos Fatos                               | 23 |
| Campos de Pesquisa                              | 28 |
| Pesquisas sobre reencarnação                    | 31 |
| Memória Espontânea na Infância                  | 33 |
| Memórias do Feto                                | 35 |
| Vida Antes da Vida e Regressão à Vida Passada   | 37 |
| Terapia de Vida Passada                         | 40 |
| Comunicações de espíritos ainda ligados à Terra | 43 |
| Experiências Fora do Corpo                      | 44 |
| Aspectos Comparativos                           | 45 |
| Hipóteses de Albertson e Freeman                | 46 |
| Regressão de Memória                            | 49 |
| Regressão de Memória e reencarnação             | 56 |
| A psicologia de Jung e a reencarnação           | 62 |
| Psicologia e reencarnação                       | 66 |
| Psicologia Infantil                             | 71 |
| Sexualidade e reencarnação                      | 74 |
| Sonhos  | 75 |

---

|   |     |
|---|-----|
| Psicotestes   | 75  |
| Justiça Divina  | 77  |
| Esquecimento do Passado   | 80  |
| A reencarnação como processo educativo                          | 84  |
| Planejamento da reencarnação                                    | 88  |
| Como “planejar” sua próxima encarnação                          | 95  |
| Processamento da reencarnação e a união do espírito com o corpo | 104 |
| Argumentos contrários   | 113 |
| Breve Histórico   | 118 |
| Perguntas e respostas sobre reencarnação                        | 131 |
| Bibliografia  | 153 |

## Prefácio à segunda edição

A pedido da Fundação Lar Harmonia revi alguns capítulos deste modesto trabalho para a impressão da segunda edição, corrigindo alguns erros verificados na primeira. Decidi por não ampliar o material, já que se trata de uma iniciação ao estudo da reencarnação, sem a pretensão de ser nada mais que isto. Meu objetivo ainda continua sendo o de mostrar que a reencarnação, longe de ser um fenômeno de crença, muito menos instrumento de punição divina, trata-se de um processo educativo para o desenvolvimento espiritual. Alguns anos se passaram desde o início em que me motivei a escrever sobre o tema e ele continua a merecer a atenção do público em geral, embora ainda muito pouco estudado, principalmente nas academias, o que priva a sociedade de experimentar as conseqüências práticas de importante conhecimento.

Quando a reencarnação alcançar, de forma mais intensiva, o estudo e as pesquisas nas universidades, a sociedade ganhará com sua aplicação no cotidiano das pessoas. A compreensão da natureza humana será ampliada a partir da visão reencarnacionista. A psicologia será radicalmente contaminada pela perspectiva palingenética, permitindo ao profissional que dela tenha consciência, penetrar na essência do que é o ser humano.

A compreensão da história da humanidade a partir do paradigma da reencarnação, terá novo alcance, visto que se estenderá para além do material, do físico e do que é percebido

pelos cinco sentidos. Os fatos históricos poderão ser percebidos como repetições exercidas pelos seus antigos protagonistas que retornaram e retornarão a cenários muito semelhantes aos anteriores. Paulatinamente assistiu-se, a cada momento, malgrado o pensamento científico ortodoxo, a inserção da idéia da reencarnação no consciente e inconsciente coletivos da humanidade. Tudo parece estar conspirando a favor da percepção crescente do espiritual como sentido real do universo.

O século XX, que parecia ser o da imagem e do movimento para fora da Terra, tornou-se o do espírito e do movimento para o interior do próprio ser humano. Certamente que a percepção da reencarnação não é o fator que possibilitou tal movimento, mas ela é uma das condições que propiciam ao ser humano perceber-se nessa imensa complexidade que é sua própria natureza. A crescente necessidade de auto-explicar-se decorre da falência de suas próprias teorias a respeito de si mesmo. Qualquer paradigma inadequado gerará um desequilíbrio no sistema auto-regulador, que mantém o psiquismo humano. Essa desarmonia provoca um vazio a ser preenchido por algo que seja verdadeiro e pleno.

A reencarnação não é dogma ou crença à mercê de explicações pseudo-científicas. Não há o que temer quanto a sua investigação meticulosa e séria. Se for uma verdade (como de fato é) acabar-se-á revelando-se quando o ser humano tiver olhos de ver. Notáveis cientistas demonstraram sua realidade, da mesma forma que Galileu que, pela lógica irretorquível dos fatos, provou o sistema heliocêntrico.

Somos, e seremos por muito tempo, seres reencarnados a despeito dos dogmas religiosos que teimam em querer submeter a verdade às tradições equivocadas de sistemas ultrapassados.

Convido o leitor a não permanecer apenas na leitura deste livro, indo buscar, na bibliografia ao final, outras informações sobre o tema, cuja importância para sua vida será maior do que imagina.

Adenauer Novaes  
Salvador, primavera de 1997

# Apresentação

A força de uma idéia e o interesse que ela desperta podem ser medidos pelo número de estudiosos que se dedicam a seu exame e pelo número de livros escritos sobre o tema ou que dele tratam em seus capítulos. Isto ocorre hoje com a teoria da reencarnação, a ponto de já constituírem uma densa bibliografia os livros dedicados a sua investigação, bem como ao estudo da terapia das vidas passadas, de modo específico, infelizmente desconhecida do público brasileiro. Raros livros têm alcançado tradução no Brasil; de modo geral, publicados por editoras não-espíritas, não atingem a maioria dos espíritas de nosso país, salvo quando alguma emissora de televisão lhes dá algum destaque através de reportagem sobre o assunto, o que é ainda mais raro. As colunas dos jornais espíritas, dedicadas ao noticiário bibliográfico, silenciam sobre essas edições, pois muita gente teme qualquer livro editado por livraria pertencente ao circuito comercial, esquecida da lição de Jesus: “quem não é contra nós é por nós.”

Embora a reencarnação seja uma teoria espalhada pelo mundo, no tempo e no espaço, os modelos reencarnacionistas variam em certos detalhes nas diferentes filosofias e religiões, tornando-se, por isso, necessário confrontá-los com os achados das pesquisas realizadas pelos investigadores científicos. O modelo espírita deve passar também por esta prova, pois, conforme lecionou Allan Kardec:

***“O Espiritismo não admite como princípio absoluto senão o que está demonstrado com evidência, ou que resulta logicamente da observação.” (La Genèse. ch. I, n.55).***

Esse, aliás, é um dos atrativos com que nos brinda Adenauer Marcos com seu “Reencarnação: processo educativo”, dando-nos a conhecer os métodos com o auxílio dos quais se desenvolve a pesquisa, destacando sua importância para a psicologia e outros ramos do conhecimento, e, sobretudo, analisando a técnica reencarnatória no contexto da evolução. Como sua finalidade precípua é possibilitar a um público bastante amplo o conhecimento do material que lhe é consciente ou inconscientemente ocultado, o livro está redigido numa linguagem simples, direta, comunicativa, restringindo o autor o exame da bibliografia já extensa que possui, sem que com isto deixe de lado a análise das principais questões suscitadas pela teoria reencarnacionista.

Oferecer introduções bem cuidadas, com informação atualizada, que possibilitem a iniciação dos interessados na temática espírita, é uma tarefa recomendável aos nossos escritores e editores. Esses livros propedêuticos são escassos em nosso meio, pois muita coisa que se publica é apenas repetição de noções primárias, reescritas em tom apologético e, às vezes, até apocalíptico, com notas de um profetismo ultrapassado, enquanto que outras obras com pretensão a uma mais profunda exposição não apresentam qualquer novidade para os estudiosos do assunto, embora distanciam-se do entendimento do público menos afeiçoado aos estudos específicos. Por tudo isso, é louvável o esforço desenvolvido por Adenauer Marcos no sentido de oferecer uma introdução ao estudo da reencarnação ao leitor espírita que fuja a tais extremos, mas que possibilite a compreensão básica sobre o tema, a informação atualizada sobre os novos métodos de pesquisa e o repasse das noções doutrinárias.

O autor, com formação científica, inclusive psicológica, e filosófica, não é um diletante das letras espíritas, mas um indiví-

duo empenhado na prática espírita e na concretização dos ideais da Doutrina no meio social. Em vista disso, aceitamos o convite para alinhar estas linhas de apresentação do seu trabalho, certo de que a reencarnação mais que uma teoria para ser ensinada, constitui-se numa fonte estimuladora para que possamos compreender o processo educativo.

Salvador, 03 de Julho de 1995  
Elzio Ferreira de Souza



# Reminiscências

Escrevia sobre reencarnação, sentado ao computador, quando, sem que me desse conta, fechei os olhos e transportei-me a uma outra época. Via-me com trinta anos menos que agora. Estava tendo uma experiência transpessoal. O tempo desaparecia naquele momento. Minha consciência se dilatava além de mim mesmo. Percebia-me como sujeito e espectador ao mesmo tempo.

Era primavera de 1964. Fazia nove meses que ali estava. Alguma coisa me esperava adiante. Só o tempo poderia me assegurar do que se tratava. Minha família se transferira no verão daquele ano para aquela grande cidade. Todo um desconhecido vinha pela frente. Se de um lado tinha receio dele, do outro, algo me dizia que coisas grandiosas ocorreriam. Sentado sobre a grama da praça do Farol, divisava o horizonte além das águas que, teimosamente, batiam nas pedras aos meus pés. O mar parecia convidar-me à introspecção. Meditava na grandiosidade da natureza e na sua unidade à minha frente. O belo é uno e simples. Não completara dez anos de idade. Era um menino. Mais do que isso, era um ser voltado para uma busca. O quê, não sabia. Mas tinha que buscar alguma coisa. O que era tão importante para ser buscado? Sabia que aquelas não deveriam ser preocupações para a minha idade. Mas que fazer, se elas surgiam em minha mente?

Naquela meditação, não percebi que alguém se sentara ao meu lado, também contemplando a paisagem à frente. Embora o

barulho das ondas, pude ouvir outra respiração além da minha. Olhei instintivamente para o lado e notei a presença dele. Era um jovem belo e formoso, vestido à moda oriental. Traços finos. Tez morena. Roupas de seda e bonitos braceletes e anéis ornando suas mãos delicadas. Pensei tratar-se de um personagem de minha imaginação de criança. Esfreguei os olhos como para me certificar daquela presença que me causava suave sensação de paz. Antes que completasse minhas reflexões ele me falou, mais ou menos nestes termos:

*“O que procuras está a tua frente. O mistério da vida é a busca confiante em algo que seja maior que tu mesmo. Não te preocupes quanto ao futuro. Hajas como se ele fosse uma obra de arte. Vá tecendo o cenário palmo a palmo. A vida te reservará grandes alegrias. A dor não será para ti motivo de sofrimento. Procuras o amor. Ele está em todo lugar. Estará sempre no significado que deres à vida. Não te detenhas no medo. Teus conhecimentos a respeito da vida te darão a dimensão correta do viver. Vais lembrar lentamente do teu passado. Será um bálsamo para a compreensão do futuro. Nas horas difíceis estarei com você. Serei uma companhia sincera a te mostrar teus erros e felicitá-lo pelos acertos. Nossos laços de amor se perdem no tempo.”*

Suave como veio, ele se foi. Não deu tempo de me refazer da reflexão inicial. Ainda tentei chamá-lo, mas não sabia seu nome. Queria prolongar aquele momento, mas senti que não dependia de mim. Sem que controlasse, voltei ao meu gabinete, à frente do computador, compreendi que a experiência tinha se findado. O que tinha acontecido? Como não sabia explicar o fenômeno, passei então a rememorar a lembrança e analisá-la. Já consciente, fiquei repensando aqueles idos, de cujas lembranças, agora, me pareciam familiares. Percebi que algum mecanismo trouxe-me ao consciente algo que estava cuidadosamente esquecido.

Por um motivo especial, porém incompreensível para mim, nunca mais esqueci aquelas palavras. Tal lembrança, permitiu-me ter a certeza de que aquele homem não fazia parte de minhas imaginações infantis. Era um personagem de um passado longínquo que, teimosamente, retornava ao meu consciente. Foram momentos de inesquecível paz. De intraduzível integração com Deus. De profunda harmonia com a natureza. Ali, tive a certeza de que minha vida seria diferente. Não consegui relatar o episódio a ninguém. Era um segredo que guardei por muito tempo, pois, se o contasse, poria em risco minha sanidade.

Por muito tempo fiquei a meditar naquelas palavras. Qual o significado dos laços que me uniam àquele ser misterioso? A vida era mais do que a existência no corpo como ele parecia sugerir-me? Havia outra vida antes desta?

Suas palavras repercutiram em minha vida, dominaram minha adolescência e arremessaram-me na direção de descobertas fundamentais sobre mim mesmo e sobre o ser humano. Impulsionado por aquelas palavras decidi-me, mais tarde, ao estudo da reencarnação. Achava que, a compreensão do passado e do futuro, estaria a resposta para viver-se bem no presente.

Hoje, debruçando-me sobre a temática da reencarnação, compreendo o quanto é importante viver buscando a realização de um ideal. O quanto é nobre saber que esse ideal se insere no Bem. Vi que, mesmo sabendo algo de meu passado, o meu destino estaria traçado a partir das minhas realizações no presente. Como pensava Albert Schweitzer, acredito que não se deve deixar morrer os ideais juvenis.

Espero que as idéias aqui expressas sirvam para auxiliar o ser humano na compreensão da vida e do quanto é importante viver em harmonia. A vida só tem sentido quando fazemos com que alguém o perceba na sua própria. Espero, com elas, dar sentido à vida de alguém.

Este é um livro escrito por várias mãos. Autores diversos foram consultados. Vez por outra pode se encontrar idéias desses

autores aqui expressas com outra linguagem. Não creio que eles se incomodem. Meu objetivo foi reunir o pouco conhecimento que tenho do assunto, com aquelas idéias. Algumas delas estão expressas de forma embrionária. São fragmentos de intuições que oportunamente serão desdobrados. Trata-se, pois, de uma introdução ao estudo da reencarnação em face da complexidade que o tema possui. Sentir-me-ei bastante honrado se estudiosos do tema discutam as idéias aqui esboçadas, inclusive contestando-as, pois, não tenho a pretensão de estar afirmando o absoluto.

Não espero que o leitor creia em tudo que aqui está expresso. Mas, considere que foi escrito com a convicção de que se trata da percepção pessoal de como ocorrem os fatos acerca da reencarnação.

Não parti do princípio que deveria provar a reencarnação. Este estudo, desde seu início, já considera a reencarnação como um fato. Suas provas estão nos livros constantes da bibliografia ao final. Há relatos consistentes que merecem a atenção do leitor.

Contei com a prestimosa colaboração de companheiros do movimento espírita que, após leitura dos originais, sugeriram algumas considerações importantes, sem as quais este trabalho estaria comprometido. Em particular, agradeço ao amigo Divaldo Pereira Franco pelo estímulo à confecção desta pequena obra e pelas importantes considerações que fez.

Vários mestres tive para que alcançasse a feitura deste livro, dentre eles, nomino aquele que tem desempenhado relevante papel na minha compreensão sobre reencarnação. Sem ele seria impossível alcançar algumas conquistas pessoais. Trata-se do amigo Elzio Ferreira de Souza, a quem agradeço a paciência que tem comigo e as orientações para conclusão deste modesto trabalho.

Agradeço também as excelentes traduções de Terezinha Burak, Maria Tereza, ambas de Ilhéus, Bahia, e Solange Liberato, de Salvador, bem como às correções e ponderações de Djalma Argolo, Kátia Pithon e Robélia Dórea.

Àqueles a quem tive a oportunidade de encontrar, e reencontrar, nesta encarnação e que se tornaram meus educadores para a vida, peço desculpas pelos atos inadequados que cometi. Espero reencontrá-los adiante, em outras encarnações, para, juntos, alcançarmos um mundo melhor.

No curso da elaboração deste livro, pouco mais de um mês, descobri que, para sua realização, contei com o auxílio de pensamentos alheios aos meus, desta vez, de origem espiritual. Algumas idéias me foram intuídas. Senti, por diversas vezes, sentado ao computador, que novas concepções sobre o tema me eram sugeridas. Concepções que sabia não me pertencerem e que nem sempre fui capaz de captar como deveria.

Minhas limitações para escrever e minha incapacidade para traduzir o que me era sugerido, serão logo identificadas quando o leitor tiver dificuldade na compreensão do conteúdo de alguns trechos do livro. Tal dificuldade pode ser compensada se o leitor consultar a bibliografia ao final do livro.

Em especial, agradeço a Rosângela, Camila, Juliana e Diego, esposa e filhos que, privados do meu convívio, permitiram que me empenhasse nesta pequena obra.

Salvador, Junho de 1995  
Adenáuer Novaes

# Introdução

Presente nas mais diversas culturas, a reencarnação desafia o tempo, permanecendo viva na história, na mente e nas crenças do ser humano. Desde a mais remota Antigüidade até os dias de hoje, ela vem sendo a forma mais completa de explicar os diversos fenômenos da experiência humana, bem como a maneira como a sociedade evolui. As civilizações se sucedem, a modernidade avança, e, no entanto, a reencarnação não desaparece de sua história. Cada vez mais se percebe a utilização popular do termo, antes apenas presente nas seitas esotéricas e só acessível a seus iniciados. O vocábulo parece ganhar um contorno de sentimento ou impressão interna associada à esperança futura. Não desaparece porque se constitui no elemento fundamental para a manutenção da cultura, das tradições, dos mitos, dos ritos e dos cultos. No entanto, o fato de estar presente nas diversas culturas e religiões não lhe dá maior ou menor credibilidade. As crenças, mitos e contos de fadas também estão e nem sempre lhes emprestamos verossimilidade. A certeza vem de evidências experimentais, de provas sob o mais rigoroso controle científico, a partir de fatos incontestáveis. A história registra o que faz parte do contexto humano, seja ele imaginário ou verdadeiro. A reencarnação justifica a própria história do ser humano como também amplia sua percepção do passado. É a chave para a compreensão da vida. É a prova cabal da imortalidade do ser humano.

A reencarnação é hoje um fato cientificamente pesquisado. Com fortes evidências sob o ponto de vista da ciência, já alcançou a atenção dos institutos de pesquisas das universidades, notadamente nos Estados Unidos, onde é vasta a literatura científica a respeito. Embora não seja difícil demonstrar, através de provas científicas, que a reencarnação é uma lei universal e que a evolução humana se processa através dela, não irei me ocupar de repetir experiências de célebres autores, embora citarei algumas. Neste trabalho tentarei dar noções básicas, introduzindo o leitor a respeito do assunto, colocando a reencarnação como um processo *neguentrópico*, organizador, que leva o ser humano a encontrar a sua verdadeira identidade espiritual.

Por não ser objetivo deste trabalho sobre reencarnação, não irei me ater à tentativa de demonstrar suas provas, muito embora mostrarei alguns aspectos científicos que envolvem o tema. Partirei do princípio de que a reencarnação é um fato, e, como tal, deve-se aprender a lidar, pois faz parte da realidade existencial. O leitor mais exigente pode consultar alguns livros indicados na bibliografia.

O termo reencarnação já alcançou o domínio popular. Não é raro ver-se pessoas referir-se a ele quando se trata de adiar alguma realização pouco provável na existência atual. Os meios de comunicação, notadamente no Brasil, têm explorado o assunto nas telenovelas e em peças de teatro, de grande sucesso. Filmes de bilheterias milionárias também têm, por sua vez, tratado do assunto. O que tem servido para sedimentar a idéia no psiquismo humano.

Será que já vivemos antes? Será que estamos revivendo as situações que desconfiamos estarmos repetindo? Será que, a saudade que muitas vezes sentimos, de um tempo e um lugar indefiníveis, se refere a vidas passadas? Talvez as respostas estejam no fato de estarmos reencarnados e de, constantemente, estarmos acessando os registros inscritos em alguma contraparte imaterial que sobrevive ao fenômeno da morte celular.

Certamente a reencarnação nos fornecerá as chaves que procuramos para desvendar os infindáveis caminhos da mente humana e das lacunas que o saber científico atual tem inserido.

# Análise dos fatos

O conceito aqui empregado de reencarnação é o de retorno a um novo corpo, através de um novo nascimento (via fecundação biológica) da personalidade individualizada do ser humano (personalidade entendida como sendo o conjunto das aquisições intelectuais, morais e espirituais que compõem o indivíduo, também denominada por alguns de “eu superior”, “Self” ou “espírito”, parte indestrutível com a morte do corpo físico). Encontra-se como sinônimo de reencarnação o termo metempsicose, de origem grega, cujo significado aproxima-se do de reencarnação, porém, por implicar num retorno a formas animais, sem nenhuma evidência observacional, torna-se incompatível com a idéia evolutiva. A palavra que mais se aproxima do conceito de reencarnação é palingênese<sup>1</sup>, cujo significado mais conhecido é renascimento<sup>2</sup>, também é encontrada em vários textos antigos. Não se aplica ao conceito de reencarnação o termo ressurreição, empregado por algumas religiões de ascendência cristã, cujo significado em nada se aproxima da utilização de um novo corpo através de uma nova gestação. Ao que me parece, o termo reencarnação foi substituído por ressurreição, pelo simples motivo de que não se concordava com o entendimento de se tratar de algo

---

<sup>1</sup> Palin = outra vez; Gênese = nascer

<sup>2</sup> O vocabulário palingenesia tem significados distintos – reencarnação e regeneração. No Novo Testamento é empregado em Mateus 19:28 e Tito 3:5. A 1ª passagem é tomada por alguns como referência à reencarnação.

punitivo. Buscou-se um termo que pudesse simbolizar a vida eterna sem o retorno purificador. Vale salientar que, ontem como hoje, muita gente confunde o significado da reencarnação.

Embora muito difundido na sociedade, o termo tem permitido algumas formas de entendimento obscuras. Reencarnar é retornar à carne. É voltar a um novo corpo, através da união dos gametas na fecundação biológica. Embora haja entendimentos sobre a reencarnação entre animais, deter-me-ei ao estudo entre humanos e no sentido único possível, isto é, do inferior para o superior em complexidade cortical, do animal para o humano. Há pessoas que acreditam ser possível ao ser humano retornar à formas animais. Não há nenhuma prova disso. Seria absurdo pensar que o ser humano involuaria a formas primitivas de vida. O ser **humano** retorna a um novo corpo **humano**. Retoma uma nova existência para apreender o que não sabia. A absurda hipótese do retorno a formas animais só atenderia a um processo punitivo, muito a gosto das religiões dogmáticas que, através do medo, buscam manter e aumentar o número de adeptos. O que já foi apreendido de conhecimentos numa encarnação não se perde. Reencarnar é educar-se, é aumentar os conhecimentos do Espírito. Só é possível ao espírito ligar-se à célula fecundada pertencente a seres humanos. Reencarnar num corpo inferior ao humano seria retrocesso na sua evolução.

Reencarnar significa voltar com a mesma individualidade anterior. Apesar de mudar-se de nome, e, às vezes, de família, não se passa a ser outro indivíduo. O conceito de personalidade está intrinsecamente relacionado ao ambiente forjador de seus caracteres. Ela é a conjunção do fator hereditário, do meio ambiente e de caracteres pessoais trazidos de existências pregressas. A personalidade anterior se modifica a partir do nascimento com a convivência num novo ambiente e com os caracteres herdados. O novo ambiente e o novo corpo, iniciam o processo de modificação da personalidade anterior. O espírito é o mesmo. Não se muda a individualidade por se mudar de local de morada.

As pesquisas de Darwin (1859) a respeito da evolução humana evidenciaram uma ligação tal entre as espécies animais, como se elas “conduzissem” “alguma coisa” a “procurar” um organismo cada vez mais adaptado às suas necessidades. Essa “alguma coisa” é o que se chama de princípio espiritual, que, em sua caminhada evolutiva, busca a evolução. Na base da teoria de Darwin está a luta pela sobrevivência, na qual os mais fortes e mais aptos vencem. A natureza faz a seleção natural. O princípio espiritual, acoplado ao corpo físico, apreende, a cada passo, o conhecimento necessário à sobrevivência num novo corpo. Tais conhecimentos se acumulam na contra-parte energética<sup>3</sup>, pré-existente e conseqüente ao corpo. O uso e o desuso transferem-se para o corpo seguinte, pelo perispírito. Darwin enxergou a evolução e percebeu, como também Alfred Russel Wallace, que o corpo caminhava para a formação de um padrão cada vez mais complexo.

O psiquismo, ou princípio espiritual, estagia de organismo em organismo, apreendendo em cada um deles, de acordo com a experiência vivida na espécie, o que ele (o organismo) pode possibilitar aprender, capacitando-se a passar a um corpo mais complexo. O corpo humano é como se fosse um resumo dos organismos inferiores em complexidade. É um resumo melhorado de todos os outros. O corpo humano, organismo mais complexo existente na Terra, abriga também o Princípio Espiritual mais evoluído, que, ao adquirir a razão, é denominado de Espírito ou ser humano. O modelo evolucionista empregado por Darwin, encontra na reencarnação a chave que faltava para sua compreensibilidade. Os saltos verificados entre espécies<sup>4</sup> no reino animal, podem ser justificados pelo aprendizado já levado a efeito pelo princípio espiritual que, a cada encarnação, credencia-se a habitar o corpo de uma outra espécie mais complexa, com

<sup>3</sup> Perispírito na linguagem espírita ou Modelo Organizador Biológico numa linguagem mais moderna. Corpo de natureza semi-material de que o Espírito se utiliza após a morte do corpo físico. É a “roupa” do Espírito. Geralmente tem as características do corpo da última encarnação.

implementos físicos que lhes possibilitem novos aprendizados. Dentro de uma mesma espécie, o princípio espiritual reencarna várias vezes até aprender tudo que é possível naquela espécie. Não é necessário ao princípio espiritual passar por todas as espécies, muito embora ele possa retornar na mesma, se assim for preciso.

O princípio espiritual, estagiando nos diversos organismos, aprendendo as leis da natureza, vai encontrar a razão (livre arbítrio, consciência de si mesmo e de Deus), no estágio humano, onde tem a oportunidade de experienciar a adequação da realidade à sua volta em benefício de seu próprio crescimento e de auxiliar o desenvolvimento da sociedade e de seu próximo.

É no estágio humano que o Princípio Espiritual recebe a denominação de Espírito. É o ponto de chegada e de partida para novo ciclo. Chega-se à razão. Parte-se para um novo ciclo de aprendizagem. É nesse estágio que ele se pergunta para onde vai, cuja resposta só encontrará quando estiver próximo a alcançar um outro estágio superior a esse.

Os renascimentos são inícios de etapas do ciclo evolutivo do princípio espiritual. Um novo ciclo, quando ele já é espírito, se inicia com a razão. O ser humano sai do determinismo e penetra no livre arbítrio. Nesse ciclo no qual entrou, ele se insere no domínio do tempo. Um novo ciclo o fará sair dele e alcançar o da consciência plena. Ainda nesse ciclo reencarnatório, ele passa a descobrir que, além de ter uma missão na terra, precisa perceber que seu Criador o fez com um objetivo. É aí que ele deverá se ocupar em saber o que pode fazer para Deus. Sabendo dos objetivos de Deus ele cooperará com Sua obra.

<sup>4</sup> Interessante observar o salto verificado entre o homem e os animais imediatamente inferiores a ele em evolução (talvez o macaco, o gato, o cão, etc.). O lugar desse salto seria ocupado pelo “elo perdido”. O espírito Emmanuel, através da psicografia de Chico Xavier, refere-se às criaturas sub-humanas no livro Roteiro. Creio que essa referência está relacionada com o “elo perdido”. Fica a pergunta: onde reencarnam tais criaturas, intermediárias entre o homem e o animal? Tais encarnações não se dão na Terra, mas em planetas mais atrasados ou mais adiantados. Neste último caso, ao lado de Espíritos que lhes possam auxiliar no processo de transição rumo à condição de Espírito, dotado de razão, adquirida durante esse período intermediário.

A maioria quando reencarna, busca através da oração e dos cultos, pedir ou adorar a Deus, estabelecendo uma relação de troca ou de adulação. Alguns percebem que a reencarnação tem duplo objetivo: fazer evoluir o espírito e auxiliar a Deus em Sua obra. Somos duplamente beneficiados. Para esses poucos, é fundamental descobrir o que pode fazer em colaboração com Deus. Saem da primeira relação e partem para uma outra, mais madura, entre Criador e criatura.

A reencarnação é um processo dialético entre corpo (matéria) e espírito. Apega-se o espírito ao corpo, ao mesmo tempo em que deseja dele libertar-se. Vive com a certeza da morte; reencarna com a certeza de que vai retornar. Sabe o espírito que voltará à sua origem. Ele vai para o estágio no corpo com a certeza firme do retorno. Quando no corpo não concebe muito nitidamente o ir e vir, porém, quando fora dele, percebe os que vão e voltam.

Reencarnar é uma espécie de morte. Na morte do corpo, o espírito se liberta de uma prisão. A reencarnação é exatamente a entrada na prisão. A morte liberta o espírito para uma realidade em que estará na posse plena de suas faculdades. A reencarnação o leva a penetrar num mundo onde não poderá usar plenamente suas faculdades. A reencarnação geralmente é percebida como uma circunstância penosa ao espírito, pois ela o insere num mar de incertezas e dificuldades. Se, para o ser humano de hoje, a morte é a entrada no desconhecido, para o indivíduo que vai reencarnar a reencarnação é a entrada nele, de olhos vendados e de mãos amarradas. Muito embora a reencarnação seja compulsória no estágio evolutivo da humanidade terrestre, um ou outro espírito deseja seu retorno à carne por não ter se desligado efetivamente da sociedade terrena.

# Campos de pesquisa

Chamo de evidência, ao juízo que se é levado a fazer acerca de uma idéia ou crença, em consequência de fatos reais observados sistemática e rigorosamente. Na prática comum, usa-se denominar de evidência ao próprio fato que contém em si a confirmação ou a negação de uma proposição. A reencarnação possui vários tipos de evidências que a confirmam. Tais evidências podem ser úteis como ponto de partida para sua investigação.

Enumero a seguir as principais evidências e campos de investigação:

1. Crianças com recordações espontâneas de vidas prévias, as quais perduram até idade próxima da puberdade;
2. Recordações simples em adultos, do tipo memória extracerebral;
3. Recordações de adultos ou crianças, acompanhadas de marcas de nascença (birthmarks);
4. Sonhos recorrentes; sonhos anunciadores; sonhos comuns que desencadeiam a memória dos fatos pretéritos ocorridos em vidas passadas;
5. Visões espirituais;
6. O “déjà vu”. Reconhecimento de um personagem, ou um local, ligado à encarnação anterior;
7. Situações similares, isto é, vivência de episódios semelhantes, desencadeadores de conteúdos pretéritos;

8. Doenças graves com estado pré-agônico, delírios, alucinações, etc.;
9. Conhecimento direto paranormal;
10. Desdobramentos, viagens astrais;
11. Informação de espíritos que estão fora do corpo;
12. Informação de sensitivos, ditados paranormais, videntes, tarô, etc.;
13. Informação do próprio reencarnante, antes ou depois de morrer, prometendo voltar;
14. Características inatas: genialidade, defeitos congênitos ou marcas de nascença, embora sem recordações;
15. Qualidades, defeitos, modo de ser ou características psicológicas trazidas de vidas passadas (aptidões inatas);
16. Psicanálise ou análise terapêutica muito profunda;
17. TVP (Terapia de Vidas Passadas) ou TRVP (Terapia Regressiva a Vivências Passadas);
18. Casos de obsessão espiritual;
19. Hipnose com regressão;
20. Ação de drogas diversas, inclusive anestésicos;
21. Traumas violentos;
22. Lembranças durante a gestação;
23. Meditação; êxtase religioso; transe com emersão de personalidade anterior.

Em alguns casos, verificam-se certas coincidências de números relativos às datas de nascimentos e mortes das duas personalidades. Parece que ocorre uma *sincronicidade* entre eventos que se distanciam no tempo. Tais coincidências também se dão em eventos após o nascimento das personalidades analisadas.

Outro aspecto observado nas pesquisas sobre reencarnação, diz respeito à escolha do nome dos filhos. Verificou-se a participação do futuro reencarnante nesse processo. Em certos indivíduos constatou-se que a escolha recaiu sobre o mesmo nome que a personalidade tivera em outra existência.

A pesquisa sobre reencarnação não cessa nessas evidências apontadas. O campo de trabalho é vasto. A eletrônica será chamada a dar sua colaboração nessa investigação. A medicina evoluirá por caminhos que facultarão condições mais propícias para se investigar a mente humana. Cada vez mais nascerão indivíduos mais dotados de relembrar o passado reencarnatório. Tudo está conspirando a favor de sua comprovação.

Chegaremos lá. Adiante abordarei alguns desses campos.

# Pesquisas sobre reencarnação

Muitas críticas podem ser direcionadas à maioria das pesquisas relacionadas com os diferentes aspectos da reencarnação, porque grande maioria dos dados não é reunida dentro das condições de controle científico que são tradicionalmente exigidas. Contudo, o padrão consistente destes dados, vindos de centenas, milhares e até dezenas de milhares de casos, torna possível chegar-se à conclusões definitivas no que diz respeito a muitos aspectos da reencarnação.

Investigações sobre reencarnação devem ser empreendidas somente após um plano cuidadoso de pesquisa. As evidências são diversas e, para cada uma delas, segue-se um método de investigação específico. Nem sempre tais pesquisas chegam a termo. As dificuldades são muitas, principalmente no que tange ao aspecto intrínseco do objeto de investigação. Trata-se de algo que, de forma intencional, foi cuidadosamente escondido: as experiências do passado. Provar a reencarnação é semelhante ao trabalho meticuloso de descobrir um diamante no túnel mais profundo da mina. Assim mesmo, quando ele é descoberto, há o trabalho cuidadoso de trazê-lo à tona.

O padrão consistente dos dados de fontes variadas, obtidos nos relatos oriundos das pesquisas de “Experiências de Qua-

se Morte”, “Memória Espontânea de Crianças”, “Memórias de Feto”, “Regressão à Vida Passada”, torna possível construir uma série de hipóteses e um modelo teórico da reencarnação, o qual pode ser usado como base para uma pesquisa extensiva e significativa, no futuro.

A concordância de resultados obtidos através de diferentes métodos, sob controle científico, é uma das formas de se dar credibilidade a um experimento. A credibilidade das informações sobre reencarnação está diretamente relacionada a alguns fatores que enumerarei a seguir:

1. A coleta, seleção, interpretação, análise e o uso dos dados devem ser feitos com cuidado, evitando-se a contaminação de informações e o apoio em suposições, que, na fase inicial, são prejudiciais. Sempre se deve ter o cuidado de aplicar-se uma pesquisa controlada;

2. O investigador deve ter sempre em mente no recolhimento dos dados a seguinte questão: “O assunto advém do conteúdo da memória do informante ou de uma outra fonte à qual ele estaria normalmente exposto?” (Stevenson, 1975);

3. Os dados devem ser recolhidos de modo que possam ser especificadas as circunstâncias clínicas ou experimentais, elucidando-se se houve intervenção de técnicos e sobre a existência de projetos de pesquisa;

4. Deve ser verificada a existência de um padrão básico de resultados que é repetido quase universalmente no meio de um grande número de estudo de casos.

Outro detalhe importante para os experimentadores e terapeutas é a necessidade de se determinar critérios para distinguir uma alucinação (delírio), como também uma imaginação ativa, de uma vivência passada. Cabe lembrar que pode ocorrer também o fenômeno mediúnico conhecido pelo nome de psicofonia ou incorporação. Nem sempre é possível determinar

as diferenças entre eles. Os casos relatados em que a personalidade atual nasceu antes da morte da personalidade anterior, por deficiência na coleta dos dados, podem ser enquadrados nessa última possibilidade.

Os conteúdos obtidos através dos diversos métodos, cuja origem normalmente se atribui às vidas passadas, podem também ser creditados à existência atual. Nos fenômenos conhecidos como “*déjà vu*”, as lembranças inconscientes podem originar-se na encarnação atual. Há imagens que passam ao inconsciente atual sem a percepção concreta do consciente e que, se trazidas à tona, por similaridade, podem parecer oriundas de um passado remoto. A absorção subliminar de imagens pode gerar o “*déjà vu*”.

Neste capítulo irei relacionar algumas pesquisas levadas a efeito aos mais diversos tipos de fenômenos buscando encontrar respostas sobre a veracidade ou não da reencarnação.

Em alguns casos podem-se notar evidências significativas a favor da reencarnação. Em outros, o assunto é tratado de forma superficial pelas dificuldades inerentes ao tipo de fenômeno, muito embora se possa observar o aparecimento de padrões outros, referentes à imortalidade da alma.

Em alguns casos, de cujo relato não se tem muitas informações, consegue-se levantar hipóteses contrárias à reencarnação. Tais hipóteses decorrem, principalmente, por falta de consistência nos dados ou mesmo de seriedade da pesquisa.

### **Memória Espontânea na Infância**

Este não é um método que foi inventado em laboratório. Nenhum experimentador achou que a reencarnação poderia ser pesquisada dessa forma. Os fatos ocorrem. Simplesmente aparecem sujeitos (crianças) que, de forma espontânea, se lembram de ocorrências que eles mesmos afirmam ser do passado de outras vidas. Essas crianças surgem em várias partes do mundo. Em

países que têm a reencarnação como crença básica em suas raízes culturais, como também noutros onde ela é tida como tabu religioso. Ninguém as induz a isso. Ninguém lhes insinua que tais memórias se tratam de encarnações passadas. Elas próprias afirmam. Não se trata de delírio infantil. Não ocorrem, senão em crianças normais, sem qualquer componente psicótico ou esquizofrênico. Tais lembranças espontâneas se constituem na melhor fonte de investigação da reencarnação que se possui e que se atribui grande credibilidade na pesquisa psíquica. Os pesquisadores que investigam esses casos não estão à cata de confirmações sobre reencarnação, mas apenas de verificar a veracidade dos fatos.

Nessa área destacam-se os trabalhos de Stevenson (1971), Banerjee (1979) e Andrade (1986). São pesquisas de grande credibilidade pelas características da espontaneidade e da insuspeição em se tratando de crianças. Há milhares de casos catalogados com verificação e confirmação das informações sobre vidas passadas. As lembranças não se resumem a vagas memórias ou simples impressões, mas sim a dados precisos, com nomes, datas, locais e detalhes importantes que se confirmaram com as investigações. Em tais pesquisas verificou-se que o intervalo de tempo entre uma e outra encarnação (intermissão) pode variar de dias a séculos. Essas pesquisas foram feitas com rigor científico e metodológico, não deixando dúvidas quanto ao caráter sério e insuspeito dos trabalhos apresentados.

Ian Stevenson (1977) realizou pesquisas em casos de lembrança espontânea de vida anterior e, especialmente, entre crianças. Esta pesquisa foi conduzida com muito cuidado e todas as precauções possíveis foram tomadas a fim de identificar informações falsas ou distorcidas. Estes casos são coerentes porque envolvem principalmente crianças de seis anos ou menos, que falam acerca de uma vida anterior - normalmente a vida passada imediata - descrevendo cenas, casas, circunstâncias, incidentes, datas, pessoas e lugares. As descrições são de tal forma convincentes

às pessoas, que elas se decidiram por contactar com Stevenson, ou com outros pesquisadores que conduziram esse tipo de investigação.

Stevenson catalogou pelo menos 1600 casos em seus arquivos. Ele foi extremamente cauteloso na coleção e análise de seus dados. Só apresentou no relatório aqueles casos nos quais a investigação era muito minuciosa e de grande autenticidade. Os resultados da pesquisa de Stevenson indicam claramente que muitas crianças podem relatar detalhes da vida de uma pessoa já morta e que estes relatórios são espantosamente exatos. Os resultados desta pesquisa levaram à conclusão que a personalidade humana deixa o corpo físico que morreu e, mais tarde, entra num novo corpo, na maioria dos casos, dentro de alguns anos. Isto indica também que a personalidade sobrevivente, ao entrar numa vida física nova, traz consigo a memória da vida anterior. Alguns de seus dados indicaram que a pessoa escolhia os parentes na sua nova vida e, por vezes, rejeitavam os novos familiares, preferindo retornar à família anterior.

### **Memórias do feto**

Thomas Varney (1985) realizou pesquisas que foram conduzidas tanto na Europa como na América do Norte em casos nos quais, no decorrer da terapia, pacientes com problemas psicológicos eram levados atrás no tempo, à sua infância, e por vezes chegavam de tal maneira atrás, que iam ao período antes do nascimento, durante a gravidez, lembrando-se de fatos ocorridos enquanto estavam na barriga de sua mãe.

A informação obtida por este processo indica-nos que a pessoa que está nascendo pode lembrar-se, mais tarde, de incidentes que ocorreram durante a gravidez, cuja mãe nunca comentou com ninguém e fica surpresa quando lhe é perguntado acerca desses incidentes. Muitos outros tipos de experiências são

também relatados e indicam que as lembranças são retidas desde o período da gravidez. Estes fatos são provas evidentes que algo dentro do feto tem a capacidade de entender, compreender e lembrar fatos do meio ambiente externo a si mesmo, sem que nele ainda esteja formado o córtex cerebral. Esse algo que não depende do organismo pode ser chamado de alma ou espírito.

A pesquisa sobre a memória do feto demonstra que algo nele pode lembrar experiências de forma adulta e madura, o que indica que uma alma adulta reside no corpo de um bebê imaturo. O que vale dizer que o espírito não cresce com o crescimento do corpo, isto é, a alma não é criada junto com o corpo, mas antes dele. O perispírito sim, cresce com o crescimento do corpo. O espírito precede ao corpo. Se fosse criada junto com ele, após o nascimento teríamos uma alma infantil, e não adulta. Ora, se é possível a lembrança de fatos ocorridos nesse período em que, em princípio, o espírito está hibernando, porque não seria possível ter-se acesso às memórias de vidas anteriores? Tais fenômenos de lembranças de fatos ocorridos com o espírito no período em que ele se encontrava no ventre da mãe, reforça a tese da ligação do espírito ao seu corpo no momento da concepção, e não na hora do parto.

Se a memória se formasse no corpo físico, não seria possível retê-la no organismo do feto tendo em vista a não formação completa do cérebro. As lembranças ficam no perispírito, acessíveis por mecanismos desencadeados pelas conexões que se formam através das emoções da mãe.

O fenômeno da lembrança ocorrida no período fetal coloca um novo dado sobre a questão do aborto. Desde o princípio, na organização fetal, já existe um ser em processo de ligação. A vida já está presente desde a concepção. As leis que autorizam o aborto até determinada fase do crescimento fetal, foram elaboradas por pessoas que desconhecem a realidade do espírito. Seria recomendável o aborto quando se constatasse a ausência de espírito no corpo em formação ou quando a continuidade da gravi-

dez pusesse em risco a vida da mãe. A primeira hipótese só seria possível através de investigação mediúnica, o que adia sua possibilidade, dada a complexidade do controle necessário a esse tipo de pesquisa.

A perturbação ou o estado de letargia que se acredita existente nesse período da reencarnação, nem sempre ocorre, como demonstram as lembranças posteriores. As conversas que a mãe tem com seu bebê podem, dessa forma, serem correspondidas muito mais do que se imagina. O espírito pode estar participando de todas as atividades externas ao útero. É dessa forma que o espírito, cujos pais intentaram abortá-lo, sabe dessas intenções. Alguns problemas de relacionamentos podem advir dessa rejeição inconscientemente (ou conscientemente) sabida.

Vale lembrar que esse tipo de fenômeno serve também para comprovar os padrões existentes no que tange a imortalidade da alma. As afirmações de Albertson e Freeman, as quais veremos adiante, também se basearam na investigação desse tipo de fenômeno.

### **Vida Antes da Vida e Regressão à Vida Passada**

Helen Wambach (1982) fez um relatório com mais de 1.000 casos de pessoas que retornaram (geralmente através da hipnose em grupos de regressão) à experiência do nascimento e antes deste. Um padrão desenvolveu-se nitidamente, devido aos relatos destes indivíduos, mostrando uma consistência considerável. Em muitos casos, o indivíduo lembrou-se de uma vida prévia e do tempo entre as vidas. Dr.<sup>a</sup> Helen confrontou os dados obtidos na compilação dos relatórios feitos pelos seus sujeitos com as informações históricas. Verificou que os dados obtidos na consolidação das informações de seus pacientes estavam rigorosamente de acordo com os existentes nos compêndios de História. Os relatos de seus pacientes foram obtidos em cidades espalhadas dos Estados Unidos e sem que as pessoas tivessem qualquer conhecimento umas das outras.

Por vezes, seus sujeitos também se lembravam que hesitaram em voltar à terra, a um novo corpo, para uma outra experiência, geralmente devido às circunstâncias agradáveis do outro lado, que eles tinham relutância em abandonar – especialmente quando se apercebiam das muitas dificuldades que iriam encontrar pela frente na experiência terrestre. Estes dados indicavam também, que há guias do outro lado, e que, se lhes for solicitado, ajudam ao espírito a tomar uma decisão acerca de retornar. Embora, nem sempre a escolha é possível ao espírito que se vê, por vezes, obrigado a reencarnar e a enfrentar processos educativos difíceis. Nesses casos o determinismo prevalecerá devido a escolhas feitas em vidas anteriores, que exigem o necessário processo educativo obrigatório.

Usando o mesmo padrão de regressão de grupo, como para Vida Antes da Vida, Wambach (1978) pedia aos participantes para voltarem no tempo e irem a datas específicas, e observarem coisas bem definidas, tais como: o ambiente físico, as roupas usadas, a alimentação, e os utensílios e pratos comuns à época, bem como outros aspectos relevantes ocorridos e que pudessem ser lembrados. Estes dados mostraram padrões consistentes no que diz respeito a muitas das questões que foram postas. Um dado interessante obtido, foi quanto a incidência do tipo de sexo (gênero) experienciado pelo sujeito nas suas diversas encarnações lembradas. Do seu livro extraí o seguinte trecho sobre o assunto:

*“Refleti que eu precisava, pelo menos, de um fato biológico acerca do passado que me facultasse a conferência dos meus indícios. Eu sabia que em qualquer fase pretérita, mais ou menos a metade da população era masculina e a outra metade, feminina. Decidi verificar cada período de tempo e determinar quantas regressões tinham redundado em vidas masculinas e quantas tinham resultados em vidas femininas. Se a rememoração de existências passadas fosse mera fantasia, seria de esperar que preponderassem as masculinas: os estudos mostram que o cidadão comum, em se lhe oferecendo*

*a possibilidade de escolher, optaria por viver como homem. Contra a probabilidade de que a fantasia produziria maior número de sujeitos masculinos, havia o fato de que 78% dos meus sujeitos no primeiro grupo de seminários eram mulheres. Seria acaso possível que as mulheres preferissem ser mulheres numa vida pregressa?*

*Assim sendo, muitos imponderáveis gravitavam em torno da questão do sexo que seria escolhido numa vida passada. Não obstante(...) meus dados são concludentes. Sem levar em consideração o sexo que têm na vida atual, ao regressar ao passado, meus sujeitos se dividiram precisa e uniformemente em 50,3% de homens e 49,7% de mulheres.” (Recordando Vidas Passadas - p. 104/105)*

Surpreendente como a informação obtida pela eminente doutora vai ao encontro do conteúdo constante em O Livro dos Espíritos, como no comentário de Allan Kardec às questões 200 a 202:

*“Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens.”*

Comparando esse dois textos surge uma possível divergência, creditável à cultura dos sujeitos da Dr.<sup>a</sup> Wambach. Se espíritos não têm sexo, como afirmam os espíritos, ou pelos menos o possuem, porém de uma forma que não compreendemos, por que preferiria o espírito nascer homem ou nascer mulher? Se não têm sexo, pelo menos possuem noção de sexo semelhante a que possuímos, pois têm preferência sexual bem definida.

A pesquisa de Vida Antes da Vida, por Wambach, poderia ser expandida para ganhar maior aprofundamento. Poder-se-ia

coleccionar casos de estudos de terapeutas tendo um conjunto de questões para perguntar, quando surgisse a oportunidade, sem comprometer/afetar o cliente. Imaginemos se os profissionais que utilizam as mesmas técnicas da doutora Wambach, se unissem em torno de historiadores na procura de uma nova abordagem dos fatos históricos? A história poderia ser reescrita. Os casos de consultório poderiam ser escritos e encaminhados ao Conselho Regional de Psicologia ou a outro órgão que reunisse estudiosos no assunto, para análise e confronto, bem como para o estabelecimento de novos conhecimentos.

Nos seus dois excelentes livros, a Dr<sup>a</sup>. Wambach traz, inequivocamente, provas à veracidade da reencarnação. A Psicologia fica com a palavra. Sua reciclagem como ciência não pode prescindir dos conceitos de reencarnação para sua própria integridade. Dos trabalhos dela, retiro as considerações sobre a possibilidade do gradiente energético. Seu método de modificação da ciclagem cerebral suscitou-me estudos sobre as cargas energéticas dos conteúdos inconscientes. Tais conteúdos possuem, para cada encarnação, vibração específica. Dentro de uma mesma encarnação, cada lembrança tem sua frequência própria. Alterando-se aquela ciclagem, permite-se a conexão com a frequência específica no inconsciente.

### **Terapia de Vida Passada**

O uso da terapia da vida passada para pessoas com problemas psicológicos tem-se expandido geometricamente nos anos recentes, no Brasil e, principalmente, nos Estados Unidos. Muitos terapeutas têm recorrido a essa técnica para tratar seus pacientes. Milhares deles que tiveram uma regressão às vidas anteriores foram, de alguma forma, auxiliados na compreensão e solução de seus problemas psicológicos. Estas informações mostraram um padrão claro que tem sido reiterado com persistência.

Ao pedir a um paciente para voltar a uma experiência anterior, à qual pode estar relacionada ou causando o problema psicológico a ser avaliado, o terapeuta poderá não se interessar se tal experiência anterior pode ter-se originado na existência atual (na infância ou na vida intra-uterina) ou em vidas passadas. Não lhe importa, em princípio, para seu trabalho, a época, pois lhe interessa a cura do problema. O paciente poderá voltar a uma vida anterior e observar alguma experiência, normalmente traumática ou de morte, tais como: afogamento, morrer queimado, morrer em acidente de automóvel, cair de um lugar alto, ou outro tipo de cena mortal. Com isso não se quer dizer que não se possa lembrar também de outras experiências que foram ditosas. Em princípio qualquer acontecimento do passado pode ser relembrado. Mais facilmente são lembrados aqueles que possuem uma carga energética emocional maior e que não têm nenhum mecanismo impedindo sua lembrança, oriundo de processos mentais patogênicos ou protetores de lembranças desagradáveis. As experiências vividas com muita emoção são mais facilmente lembradas.

O terapeuta poderá aliviar consideravelmente o paciente ou, talvez, curá-lo completamente se, em primeiro lugar, de forma cautelosa, reconduzi-lo através da sua experiência anterior, repetidamente, até o momento anterior ao trauma experimentado. Em segundo lugar, pois não basta lembrar-se do passado, deverá iniciar a terapia a partir do conhecimento do passado, também de forma cuidadosa. De qualquer maneira, há a necessidade de se trabalhar o conteúdo relembrado. Relembrar o passado não significa retirar o núcleo traumático que porventura exista no inconsciente do paciente. Conviver conscientemente com essa lembrança poderá significar o controle de suas conseqüências. Trabalhar tais conteúdos é aplicar-lhe uma ética nova. É necessário perguntar-se, após lembrar do passado: que faria hoje, diante da mesma circunstância, de forma a não sofrer nem provocar sofrimento a ninguém? A resposta virá com a aplicação de uma ética superior,

que elimine os *complexos*, principalmente o de culpa. A lembrança do passado é a ponta do “*iceberg*” da terapia. É ali que ela começa. Dificilmente será seu termo.

Essas sessões de terapia produzem informações consideráveis do que parece ter sido a experiência anterior. Levam o paciente às suas memórias emocionais de uma existência anterior ou de experiências da vida intra-uterina, ou mesmo à sua infância e que, após serem trabalhadas, aliviam os sintomas do problema na maioria dos pacientes.

Stevenson (1977), que se dedicou à pesquisa que envolvia lembrança espontânea em crianças e foi um crítico severo dos dados obtidos através de Regressão à Vida Passada, escrevia: “*Apesar de tudo, os poucos resultados substanciais de uso da hipnose em tais experiências justificam uma exploração mais extensiva da técnica com melhor controle.*” Tal afirmação, não só reflete a importância que ele dava à pesquisa feita pelo método hipnótico, como também aos casos de espontaneidade na lembrança. Sua crítica se baseava nas possibilidades de interferência do operador na hipnose. O que não ocorria nos casos espontâneos.

As pesquisas de Regressão e de Terapia de Vidas Passadas poderiam ser uma expansão e refinamento da pesquisa de Wambach, se fossem feitas questões mais específicas e detalhadas acerca da experiência da morte. Os resultados obtidos nessas pesquisas quando comparados aos obtidos nas Experiências de Quase Morte, poderiam revelar aspectos relevantes às atividades no período entre duas vidas, à tomada de decisões, ao papel dos “guias espirituais”, ao processo de decisão do retorno, ao conhecimento adquirido, anterior à entrada no feto, à perda de memória (esquecimento do passado) – quando e como se dá a comunicação com a mãe e/ou pai antes e/ou durante a gravidez, bem como a outros aspectos intervenientes no processo evolutivo do ser humano.

Observo uma tendência de se utilizar a regressão de me-

mória exclusivamente com finalidade terapêutica em detrimento da área de pesquisa. Tal utilização exclusiva levará a incorreções e riscos no uso da técnica. A falta de experimentos controlados, de estudos mais profundos sobre a hipnose e suas conseqüências que não são levadas em consideração nas terapias, poderá confundir seus usuários. O desconhecimento das interferências espirituais é outro fator preocupante no uso da técnica regressiva. Seria conveniente uma discussão ampla do método sem os preconceitos acadêmicos.

### **Comunicações de espíritos ainda ligados à Terra<sup>5</sup>**

Na análise deste tópico não me reportarei à bibliografia mediúnica publicada no Brasil por ser do conhecimento do público espírita e de fácil acesso. Na bibliografia consultada observei os mesmos padrões obtidos por outros métodos. Vale também ressaltar, que, os autores consultados não se referem, em suas publicações, às obras espíritas. Alguns livros consultados registram depoimentos de espíritos contrários à reencarnação, o que demonstra que o assunto, tanto lá (entre os espíritos desencarnados) como cá, não é muito bem conhecido. Pode parecer paradoxal a ignorância de espíritos desencarnados quanto ao tema. Tal desconhecimento é, de certa forma, esperado, pois a morte do corpo não empresta sabedoria a ninguém. Para alguns espíritos o processo só é sabido quando se aproxima o momento de ocorrer, fato que esquece após reencarnar.

Edith Fiore (1987), Naegeli-Osjord (1988) e William Baldwin (1988), conduziram estudos envolvendo comunicações mediúnicas de um grande número de espíritos que pareciam estar ligados à Terra e não haviam “ido para a luz”, como indicado nas Experiências de Quase Morte. A maioria eram espíritos desorientados que tiveram, ou uma súbita morte traumática e não se

<sup>5</sup> Espíritos presos à Terra – Errantes, ligados à vida material.

aperceberam que estavam mortos ou tiveram algum tipo de obsessão que teria sido a causadora deles terem ficado ligados às pessoas, lugares e/ou coisas do mundo material. As informações obtidas em mensagens provenientes desses espíritos, mesmo considerando seus estados de perturbação, em sua maioria, confirmam a tese da reencarnação.

Os estudos vieram de médiuns distintos e de experiências diferentes por parte dos pesquisadores. Foram coletadas mensagens diversas e a elas aplicadas hipóteses e contra-hipóteses, chegando-se à conclusão da existência de padrões que confirmam a reencarnação e, em certos casos, a imortalidade da alma. Há também estudos a partir de mensagens de espíritos mais adiantados, não tão ligados à vida material, que confirmam a tese da reencarnação.

A pesquisa nos fenômenos de comunicações mediúnicas precisa obter informações adicionais mais detalhadas, com respeito à escolha e processo de ligação a pessoas, o papel do ambiente e da “luz branca”<sup>6</sup>, os motivos para se permanecer “ligado à Terra”, as técnicas e métodos para se comunicar com tais espíritos, o que acontece a eles quando o seu médium morre, etc.

### **Experiências Fora do Corpo**

Experiências fora do corpo físico, conhecidas vulgarmente como desdobramento, projeziologia ou projeção astral, tornam-se cada vez mais comuns, tendo em vista a compreensão mais ampla que se teve quando surgiram diversos livros relatando o fenômeno. Técnicas especiais de treinamento passaram a existir para ensinar às pessoas como ter uma Experiência Fora do Corpo.

Apesar das pesquisas de dados sobre experiências fora do corpo serem limitados, os relatos daqueles que tiveram uma, se-

<sup>6</sup> Padrão observado em muitas experiências de quase morte. Os recém-desencarnados costumam informar que viram uma luz branca muito forte os atraindo para ela. Teria essa luz algum papel no momento da reencarnação?

guem um padrão. Esse padrão é de tal forma similar, que estabelece claramente que, parte do ser humano pode deixar o corpo e deslocar-se para locais, perto e distantes, onde pode ver e ouvir o que está acontecendo e depois voltar ao corpo físico, podendo, em muitos casos, reter a lembrança das ocorrências. Diferentes perspectivas sobre o tema foram expressas por Tart (1968), Monroe (1977), Vieira (1980) e Blackmore (1982 e 1985). Após essas experiências de desdobramentos, as pessoas relataram o encontro com espíritos desencarnados que confirmaram a realidade da reencarnação.

As pesquisas de experiências de quase morte, de experiências fora do corpo e de comunicações de espíritos ligados à Terra, mostram que o espírito pode separar-se do corpo, observar o meio ambiente físico e lembrar-se das suas ocorrências durante o processo.

Nas experiências de desdobramento deve-se examinar se as ocorrências produzidas são universais ou dependentes do modo de produção ou de outros fatores, isto é, se ocorrem da mesma forma com todas as pessoas. Tais experiências diferem dos sonhos comuns, principalmente, pelo deslocamento da consciência e pela nitidez das lembranças. As pessoas que se “projetam” dizem ter sua consciência deslocada espacialmente do local onde se encontra seu próprio corpo. Outro elemento chave dessas experiências é sua comprovação, passível de ocorrer pela consciência dos relatos, porém de difícil prova nos casos de sonhos.

### **Aspectos comparativos**

A pesquisa de lembranças espontâneas na infância pode ser de grande ajuda, ao se pedir a uma criança que descreva o que aconteceu imediatamente após a morte na vida passada relatada. Dever-se-ia buscar os seguintes esclarecimentos: são as experiências similares àquelas descritas em outros tipos de pes-

quisas? O que aconteceu na zona espiritual próxima à Terra? Quais as decisões para voltar à Terra? Estariam os guias espirituais envolvidos? Qual o papel deles? Quando é que o espírito se liga ao feto? Que experiências foram antecipadas para aquela vida? Ao descrever a vida anterior, será que a criança fala e age com a maturidade de um adulto?

Na pesquisa de lembrança do feto que leva a pessoa a retornar no tempo ao período anterior ao nascimento, dever-se-ia investigar se o processo de decidir retornar, é o mesmo que o descrito por Wambach.

Nas experiências fora do corpo, principalmente nos estados de coma, quando do retorno do espírito ao corpo físico, dever-se-ia questionar também quanto ao processo de entrada nele. Será que também houve interferência para sua decisão? Naquele estado fora do corpo, lembrou-se o espírito, de outra encarnação? Teve ele acesso ao seu planejamento reencarnatório para saber se estava indo bem? Algum espírito o informou a respeito?

### **Hipóteses de Albertson e Freeman**

Estudando a reencarnação na Universidade Estadual do Colorado (USA), Albertson e Freeman (1988)<sup>7</sup> testaram algumas hipóteses e contra-hipóteses chegando a conclusões semelhantes a outros pesquisadores que utilizaram métodos diferentes. Tais hipóteses e contra-hipóteses foram aplicadas aos diversos estudos existentes sobre reencarnação bem como à gama de fenômenos psíquicos conhecidos. Revolvendo a história da humanidade, as mais diferentes religiões, filosofias, e os diversos fenômenos ditos paranormais, eles encontraram concordâncias precisas (padrões) sobre a reencarnação. São os seguintes os padrões encontrados pelos dois pesquisadores:

<sup>7</sup> O estudo de Albertson e Freeman consta de um relatório encaminhado a diversos pesquisadores. Há uma cópia nos arquivos do IPP – Instituto de Pesquisas Psíquicas, da Bahia.

1. O ser humano consiste pelo menos em duas partes distintas: um corpo e um espírito;
2. O espírito é uma entidade não-física, existe e pode funcionar independente e à parte do domínio físico;
3. O espírito pode tomar decisões e escolhas acerca da sua situação, tanto em relação ao mundo físico quanto ao domínio espiritual, desde que não viole as leis causais básicas;
4. O espírito existe para sempre;
5. Alguns espíritos passam por mais de uma vida biológica e estão associados sucessivamente com diferentes corpos físicos;
6. O espírito se separa do corpo físico após sua morte;
7. O espírito se junta ao corpo físico, no processo do nascimento;
8. O espírito conserva uma memória de todas as fases da sua existência prévia;
9. O espírito tem dois modos ou oportunidades de aprendizagem: experiências no mundo físico e experiências no domínio espiritual;
10. O espírito pode aprender os princípios teóricos básicos de viver no domínio espiritual e pode aprender a aplicação prática desses princípios no mundo físico;
11. Os pensamentos e ações do espírito numa vida terão conseqüências na sua escolha de circunstâncias para quaisquer vidas subseqüentes;
12. O espírito escolhe cuidadosamente as circunstâncias iniciais – corpo, família, etc. – de uma vida física que iniciará;
13. Um espírito pode receber assistência, na decisão de reencarnar, de guias espirituais;
14. O objetivo principal da vida de um espírito é aprender e praticar o amor incondicional a todas as pessoas, incluindo a si próprio;
15. Enquanto no domínio espiritual, o espírito tem oportunidades de ajudar àqueles que se encontram no mundo físico;
16. Há vários níveis de existência espiritual, após a morte do corpo físico, onde o espírito pode habitar;

17. A situação de um espírito num nível de existência espiritual, após a morte do seu corpo físico, dependerá da sua evolução na época da morte;

18. A evolução do espírito, num dado momento, é determinada em grande parte, mas não totalmente, pelas suas ações e pensamentos passados;

19. O nível mais baixo da existência espiritual, disponível para um espírito, é um estado de ligação próximo à matéria;

20. Espíritos que penetram níveis mais elevados da existência espiritual após a morte do corpo físico, escolhem fazer isso com a assistência dos guias espirituais;

21. Num estado ligado à Terra, isto é, desencarnado à espera de reencarnar de novo, um espírito pode encaixar-se numa das várias atividades, por exemplo:

- a) ligação aos espíritos nos corpos;
- b) esconder-se com medo do contato com outros espíritos;
- c) vagar de lugar para lugar, tentando comunicar-se com espíritos que deixam os corpos físicos;

22. Nos níveis mais altos da existência espiritual, um espírito pode aprender os princípios de viver em qualquer dos templos da sabedoria (cidades espirituais), sob a proteção dos guias espirituais;

23. Os espíritos preferem a existência nos níveis mais altos do domínio espiritual do que no plano da matéria e escolhem retornar ao plano físico para poderem avançar em sua aprendizagem.

Surpreendente como tais padrões coincidem com as afirmações do Espiritismo. Os autores não relacionaram na bibliografia de seu trabalho nenhum livro de Allan Kardec ou mesmo de obras complementares à Codificação espírita. Se de um lado tal omissão reflete a abrangência relativa do trabalho, de outro, serve como demonstração da coerência dos resultados e da universalidade das teses espíritas;

# Regressão de Memória

O termo tem seu significado a partir da verificação de que é possível, a qualquer pessoa, lembrar-se de acontecimentos passados dos quais foi protagonista. Tal passado verificou-se não se restringir à atual existência. Alguns experimentadores e, principalmente, terapeutas, esbarraram em vivências de seus “sujeitos” que extrapolaram, de forma categórica, os limites da vida intra-uterina.

Nos casos relatados a respeito dos resultados obtidos com a regressão de memória, sobretudo levados a efeito por psicólogos, não se observa qualquer indução do operador ao sujeito quanto a crença na reencarnação. As ocorrências verificadas em consultórios de psicólogos se deram independentes do desejo ou dos conhecimentos dos profissionais e de seus clientes. A exemplo disto cito os trabalhos do Dr. Morris Netherton, nos EUA. No prefácio da edição americana de seu livro *Vidas Passadas em Terapia*, de julho de 1979, o Doutor em Medicina Walter Steiss afirma categoricamente: “*Embora a doutrina da reencarnação seja utilizada como um instrumento dessa forma de terapia, a crença na mesma não é imprescindível ao seu êxito.*”

O campo da pesquisa sobre reencarnação, através da regressão de memória, bem como sua utilização clínica, é uma área com grande quantidade de informações, envolvendo experimentadores e terapeutas em várias partes do mundo. Albert

De Rochas (França), Edith Fiore (EUA), Denis Kelsey (Inglaterra), Morris Netherton (EUA), Edgar Cayce (Inglaterra), Helen Wambach (EUA), Hermínio Miranda (Brasil) e outros, desenvolveram experiências em torno da regressão de memória com resultados surpreendentes. A regressão de memória extrapolou o campo científico e penetrou nos consultórios de psicólogos. Da crença, à investigação e desta, à utilização como método para início de terapia, ela vem se tornando importante instrumento de auxílio às pessoas encontrarem as causas de seus traumas e conflitos.

A técnica foi introduzida em terapias sem a preocupação da validação científica, promovendo reações nos organismos oficiais de controle do exercício da profissão. Não que se deva necessariamente submeter-se a tais órgãos, mas, não só para mostrar-se que aquela nova prática pode significar uma tendência ou uma nova abordagem em psicoterapia, como também para buscar, através da pesquisa científica, testar sua eficácia. Deve-se criticar a postura de tais órgãos que, de forma subserviente, aceita a psicanálise freudiana como ciência e não acata a regressão de memória como técnica que, inclusive foi utilizada nos trabalhos iniciais de Sigmund Freud (1856-1939), criador da psicanálise.

Terapia regressiva a vivências passadas (TRVP) é o termo empregado para a técnica introdutória ao método terapêutico usado pelos profissionais em psicologia, que buscam (ou que encontram, pois o fato surgiu antes da teoria), através da regressão de memória, a provável causa dos conflitos de seus pacientes, em épocas anteriores à existência atual, como também em períodos da infância presente e durante a vida intra-uterina. O termo “vivências” foi criado com o intuito de alcançar a interpretação de que esses fenômenos regressivos poderiam se situar em outra esfera que não a de vidas passadas. As vivências passadas poderiam se dar na existência atual ou mesmo ser imaginações com um forte sentido de realidade. Dessa forma, também se fugiria à fiscalização dos organismos de controle do exercício da profissão, como

também aos opositores sistemáticos e a uma clientela mais preconceituosa. No fundo a TRVP contém a Regressão de memória.

São diversos os métodos empregados para se alcançar a lembrança do passado. Várias também são as teorias sobre como funciona a mente humana e onde se “localizam” essas memórias. Parece comum a idéia de que as memórias fazem parte do conteúdo inconsciente não armazenado no córtex cerebral, mas sim num organismo subjacente, acessível por algum mecanismo ainda desconhecido e estreitamente ligado ao consciente. A lembrança dos conteúdos oriundos de outras encarnações estaria relacionada com a faculdade de se desligar momentaneamente um corpo do outro, isto é, o físico do perispírito, tornando a informação contida no corpo espiritual, acessível. Tal possibilidade pode ser espontânea, como era o caso de Edgard Cayce, tanto quanto provocada nos casos relatados em alguns dos outros autores citados. A acessibilidade espontânea é também possível através de conexões com eventos similares aos ocorridos no passado, que abrem uma espécie de “janela” que possibilita essa ligação. A “janela” é uma espécie de “plug” que promove a ligação da zona consciente com a inconsciente, onde estão as memórias passadas. Quando nos deparamos com algum evento semelhante ao que já vivemos no passado e que tem uma carga emocional significativa, é comum voltarmos a ter a mesma emoção anterior. Embora esqueçamos muita coisa do passado, não perdemos aquilo que teve suficiente carga emotiva e que se constitui num núcleo energético<sup>8</sup>, o qual possibilitará oportunamente ser lembrado.

O primeiro passo para as investigações sobre regressão de memória foi dado por Albert De Rochas que, através do magnetismo<sup>9</sup>, constatou a possibilidade da dissociação entre o córtex e

---

<sup>8</sup> Esse núcleo energético guarda muita semelhança com a definição de *complexo* de C. G. Jung.

<sup>9</sup> Imposição das mãos para transmissão de fluidos do operador ao sujeito. Tais fluidos teriam a propriedade de favorecer a alteração dos ciclos cerebrais que permite o acesso a informações arquivadas fora do córtex cerebral.

o perispírito. Descobriu ele, com a magnetização, a exteriorização da sensibilidade para além do corpo, possibilitando o acesso aos conteúdos mais recônditos da mente humana. Dessa forma, isto é, com a manipulação de uma energia sutil, a regressão de memória caracteriza-se como um mecanismo automático, sem conotação subjetiva, nem dependente da crença do sujeito ou da contribuição do operador que induziria o sujeito à imaginação fantasiosa. A participação do operador, na aplicação do método de regressão, como direcionador das memórias do sujeito, cai por terra. O magnetismo, ao contrário da hipnose, elimina os aspectos direcionadores da fala do operador, reduzindo sua possível interferência.

A hipnose foi, e ainda é, utilizada por muitos profissionais que praticam a regressão de memória. O processo hipnótico parece modificar a ciclagem cerebral, induzindo a alterações da frequência para ciclos menores, penetrando em estados de inconsciência. Essa possibilidade, como se pode constatar nos trabalhos da Dr.<sup>a</sup> Helen Wambach<sup>10</sup>, permite eliminar o diferencial energético existente entre o inconsciente atual e o que contém as memórias de vidas anteriores. Tal diferencial é responsável pela impossibilidade da lembrança imediata do passado. No processo da reencarnação, penetra-se num corpo físico com frequências diferentes das existentes no corpo espiritual. As memórias estariam em diferentes frequências do corpo espiritual. Cada existência comportaria um gradiente energético para essas memórias. O gradiente consiste numa escala de quantidade de energia despendida para cada atitude ou emoção, sendo que, numa mesma existência ele é mínimo, menor que entre existências diferentes. Tal carga energética agregada a uma memória poderá, por similitude com um dado presente, estabelecer uma conexão que desencadearia a lembrança do passado.

A hipótese da existência do gradiente energético das memórias parece também justificar um outro método, de certa for-

<sup>10</sup> Vide explicações sobre o método por ela empregado em seu livro *Vida Antes da Vida*.

ma revolucionário, do psicólogo americano Morris Netherton. Seu método, em síntese, consiste na repetição de frases identificadas pelo operador no curso das entrevistas com o sujeito, cuja significação relaciona-se com conteúdos emocionais, desencadeando seus processos anteriores. Parece haver conexão entre as vibrações emitidas pela repetição das frases e aquelas inerentes às memórias do passado. Os núcleos traumáticos daquelas memórias seriam o ponto de partida dessas lembranças. Dessa forma, pode-se dizer que geralmente é possível a lembrança daquilo que foi suficientemente forte e intenso emocionalmente nas experiências passadas. A carga energética de cada lembrança parece estar associada a uma época, ao local em que ocorreu, ao ambiente e à personalidade que a viveu, formando uma matriz, cujos elementos estariam numa mesma vibração energética. Essa carga energética teria, então, um gradiente pequeno dentro de uma mesma existência. A repetição das frases desencadeia as lembranças que estejam numa mesma frequência.

O método parece revolucionário por não utilizar a hipnose clássica, nem o magnetismo, nem a indução verbal, presentes em outros experimentadores. A reação do sujeito quando ocorre a repetição das frases, em alguns casos, parece com o transe que se dá em certos tipos de mediunidade. Caberia um melhor estudo das reações do sujeito no momento da catarse do passado. Creio que, um EEG no momento da lembrança, comparado a um outro no momento do transe mediúnico, poderia servir a estudos muito interessantes. Haveria alguma espécie de transe no momento da lembrança da vivência passada pelo método da repetição de frases? Será que o método de Netherton altera a ciclagem cerebral?

As terapias que utilizam a regressão de memória ainda são consideradas alternativas, cujo conceito é tomado no sentido pejorativo pelos meios acadêmicos. Vítima do preconceito de alguns profissionais da Psicologia, as técnicas regressivas ainda terão seu lugar como métodos terapêuticos imprescindíveis à compreensão dos problemas humanos. Os métodos não são reco-

nhecidos oficialmente pelos conselhos de Psicologia e Medicina no Brasil. Essa será uma discussão necessária para a próxima etapa da implantação definitiva da pesquisa da reencarnação nos meios acadêmicos.

Mais adiante abordarei o assunto da regressão de memória de forma mais detalhada, evidenciando aspectos mais práticos no que diz respeito a suas conseqüências. De qualquer forma, sua utilização hoje vem crescendo cada vez mais, tendo em vista os excelentes resultados obtidos nos processos de cura dos traumas e conflitos humanos.

É comum, nos Centros Espíritas, o uso do método nos processos de desobsessão, aplicados nas reuniões mediúnicas (nem sempre com os devidos cuidados), em espíritos que necessitam enxergar seu passado para compreender seu presente. O uso da regressão de memória nos Centros Espíritas, no Brasil, ocorreu antes da chegada da TRVP. A Dr<sup>a</sup>. Edith Fiore, em seu livro *Possessão Espiritual*, usando a hipnoterapia, constatou a possibilidade de estar lidando com espíritos desencarnados e não com memórias anteriores de seus pacientes.

Considero que, como método de investigação, a regressão de memória é tão confiável quanto as outras técnicas. Nada deixa a desejar quanto a veracidade dos conteúdos expostos pelos sujeitos, muito embora possa encontrar-se, em certos casos, registros de inconsistência. Tais registros, não invalidam o método, pois as inconsistências podem ser encontradas em outros tipos de experimentações. O fato de ser um método artificial, isto é, provocado, não lhe retira a credibilidade.

A regressão pode levar o indivíduo a sensações, imaginárias ou reais, desta ou de outras encarnações. Pode, por exemplo, um indivíduo, sendo biógrafo de alguém, a ponto de saber detalhes íntimos de sua vida, submetendo-se mais tarde a uma regressão, dizer que foi aquele personagem. Isso se daria por mistificação inconsciente ou por algum recalque. Há também um caso relatado pelo pesquisador Henrique Rodrigues, brasileiro de Belo

Horizonte-MG no qual, um ator, submetido a uma regressão, “lembrou-se” ter sido um personagem mitológico, (Jasão) portanto inexistente. Tais ocorrências não invalidam o método como forma de se provar a reencarnação, pois são casos isolados.

O mapeamento do cérebro contribuirá para que a ciência descubra que, não é nele que está a fonte dos registros mnemônicos, mas sim em algum ponto fora dele. As áreas cerebrais são instâncias mecânicas por onde transitam sinais elétricos, tais quais estações abaixadoras dos conteúdos perispirituais. Podem-se encontrar registros reencarnatórios bem como de ocorrências da atual encarnação, ali colocadas por transferência do perispírito, de cuja fonte se originam.

# Regressão de memória e reencarnação

A regressão de memória é o nome da técnica utilizada com o intuito de se levar o indivíduo a lembrar-se de dados referentes às ocorrências passadas da existência atual e das suas encarnações anteriores. O termo também é empregado para lembrança de vivências (emoções subjetivas sem a interferência de processos conscientes) anteriores, dessa ou de outras encarnações. O objetivo primeiro daqueles que se dedicaram no passado à técnica, era encontrar a prova da reencarnação. Há várias evidências de que se chegou a confirmação dessa hipótese. Os trabalhos publicados em várias partes do mundo demonstram isso. As técnicas regressivas são várias, desde a magnetização do sujeito à hipnose, passando pelo transe, como também pelo processo de repetição de frases, segundo a técnica de Netherton.

A regressão tem sido objeto de controvérsias quanto a sua validação. A mais comum das opiniões contrárias é a de que o operador influencia o sujeito na regressão. Segundo essa opinião, o sujeito captaria os conteúdos do inconsciente do operador. Há ainda quem afirme que os conteúdos manifestos durante a regressão vêm do inconsciente individual, isto é, criado exclusivamente na vida atual, ou do inconsciente coletivo do sujeito.

Atualmente as experiências com regressão saíram do ter-

reno experimental e passaram a servir como técnica de apoio a diversas psicoterapias, dentre elas a conhecida com o nome de Terapia Regressiva a Vivências Passadas (TRVP), tem sido a mais difundida. Essa utilização fez proliferar seu uso em consultórios, clínicas, “workshops”, colóquios, e, também, em congressos científicos.

Muita gente deseja fazer a regressão para saber sobre seu passado. Não é necessário buscar semelhantes informações para se viver bem no presente. Aquilo que é necessário saber sobre seu próprio passado, o ser humano já traz na consciência. Os conteúdos inconscientes já são suficientemente intensos para querer-se ir mais além. Tentar saber mais, pode ser extremamente perigoso. Há traumas, conflitos e outras emoções do passado que, aflorando de vez, podem desencadear reações com consequências incontroláveis ao indivíduo. Não se deve buscar o passado por mera curiosidade. A regressão deve ser utilizada para pesquisa ou como recurso terapêutico, em ambos os casos por pessoa habilitada para tal. A indicação da regressão como forma terapêutica deve partir do profissional que a utiliza. Ela não é recomendável para qualquer caso, embora há quem utilize e defenda seu uso indiscriminado para qualquer pessoa. Certamente que, sua disseminação na clínica psicológica, será de grande utilidade para seu estudo mais aprofundado, porém, não é indicada para todos os casos, principalmente em crianças e para certos de tipos de transtornos psíquicos.

Alguns pesquisadores notaram a ocorrência de fenômenos mediúnicos durante a regressão. Nem sempre lhes foi possível estabelecer a diferença entre estar lembrando de uma encarnação passada e a ocorrência de um espírito desencarnado falando através do sujeito. O fenômeno mediúnico é tão ou mais desconhecido que as técnicas regressivas às vivências passadas.

A técnica também é utilizada em sessões mediúnicas, para fazer o espírito lembrar-se de seu passado, com excelentes resultados terapêuticos. São técnicas ditas desobsessivas que visam

esclarecer a entidade espiritual quanto ao que está ocorrendo consigo. O espírito, ao lembrar-se do seu passado, verifica que suas atitudes ou as de alguém que ele está perseguindo, não são mais do que reflexos do seu comportamento em outra vida. Algumas vezes, em certos médiuns, quando submetidos à regressão de memória, a lembrança do passado, nada mais é, do que a presença de uma entidade espiritual no seu “campo” mediúnico. O médium não está lembrando-se de seu passado, mas é o passado da entidade espiritual que está sendo projetado em sua mente. As regressões feitas por experimentadores encarnados em entidades espirituais ocorrem através dos médiuns. Não se sabe que efeito essa técnica proporciona ao médium, pois, talvez, durante a regressão do espírito, ele também entre no mesmo estado. Pesquisas mais aprimoradas poderiam detectar tais influências. A técnica é feita com a ajuda de espíritos mais experientes que conduzem os trabalhos mediúnicos.

Quando se fala em regressão não se pode deixar de pensar também em progressão. Seria possível investigar as vidas futuras? Se existem sonhos premonitórios, e eles sinalizam para tais probabilidades, então se pode, por extensão, investigar tanto o futuro da vida atual, quanto a provável futura encarnação do espírito. Digo provável para não se pensar num determinismo quanto ao futuro. Da forma que estou colocando, penetro no terreno especulativo. Caso se chegue a algum resultado, nada impede que o espírito, no período de intermissão, mude o que foi antes visto, ou mesmo, que aceite aquele tipo de encarnação prevista.

Nas pesquisas de regressão deve-se tentar “ir atrás” dos espíritos em vidas futuras; talvez usando sugestões pós-hipnóticas que poderiam servir como identificadores ou “marcadores”. Se, por exemplo, recomendássemos a um moribundo que, se ele retornar numa próxima encarnação, deverá dar um sinal de que foi proprietário de um determinado objeto, afirmando categoricamente que lhe pertenceu no passado, estaríamos diante de uma identificação. Se tal fato vier a comprovar-se, verificaremos que

a encarnação pode ser previamente planejada. Se assim se pode fazer sem o uso da hipnose, também poderá se dar com sua utilização. Durante o transe hipnótico é possível fazer a mesma sugestão e se aguardar quanto ao futuro. Desta forma, o futuro poderá ser planejado. Pode-se, por análise das probabilidades, saber do futuro. Tal conhecimento não significará que o futuro represente uma fatalidade. As alterações poderão ou não ocorrer a depender do livre arbítrio de cada um.

Se o espírito planeja sua encarnação, se o inconsciente aponta, através de sonhos ou não, para o futuro, se existe espíritos que sabem antecipadamente aquelas probabilidades da ocorrência de um determinado fato, então é possível investigar-se uma encarnação futura. O tempo é relativo para o espírito. O domínio da consciência não encontra a barreira do tempo nem do espaço. A leitura dos eventos não ocorre de forma linear. O espírito, fora do tempo e do espaço, poderá acessar aquele futuro, o qual será sempre uma probabilidade. Assim se dá com os videntes e paranormais que entrevêm o futuro. O destino não é inflexível, pela própria natureza relativa do tempo. As previsões são entes probabilísticos. Pode levantar-se a tese do presente não realizado, do qual depende o futuro. O presente realizar-se-á. Porém, serão possíveis constantes correções de rumo. Digamos que o espírito, de tempos em tempos, promova tal investigação futura.

Dessa forma, não se deve crer que o destino do espírito esteja irremediavelmente traçado. Está traçado o progresso. Como ele se dará, dependerá do livre arbítrio do espírito. C. G. Jung dizia que do inconsciente podem surgir coisas novas e que as previsões são geradas por ele a partir das inspirações. Seria o futuro uma consequência do presente e do passado, adicionado ao modo de concebê-lo? Não tenho dúvidas quanto a isso. Ele é uma espécie de presente virtual, intrínseco ao pensar.

A regressão possibilitará a lembrança de eventos que, de fato aconteceram. A progressão da memória possibilitará a percepção de eventos que *poderão* ocorrer. Tanto uma como outra

experiência serão relatadas na ótica do espírito que a percebe. Pode ser que, sendo a lembrança verdadeira para dois personagens distintos que dela tenham participado, as conotações sejam diversas. Creio que, se ambos regredirem à mesma época, ao mesmo episódio, os conteúdos poderão ser apresentados de formas distintas, pois a repercussão na vida de cada um poderá ter sido diferente.

Nas regressões, é comum o sujeito lembrar-se de experiências passadas de forte cunho emocional. Certamente elas se deram na presença de outras pessoas que, provavelmente, estarão também encarnadas.

Que sensações terão aquelas pessoas no momento da lembrança do sujeito em regressão? Creio que a lembrança do passado, durante a sessão de regressão de memória, disparará uma onda de frequência semelhante à vibração emitida no passado, que poderá ser captada pelos personagens que participaram daquele momento. Ocorrerá, no instante da regressão, algum fenômeno de natureza transpessoal com elas. Talvez, mesmo à distância, um outro personagem poderá lembrar-se do passado ou, se aquela lembrança revivida pelo outro não lhe foi tão marcante, uma melancolia ou saudade de natureza desconhecida, poderá apresentar-se nele. Pode-se pensar, também, em fenômenos telepáticos entre os personagens que viveram um mesmo evento passado.

Caso algum personagem esteja desencarnado, creio que poderá ser atraído àquele local onde está ocorrendo a regressão, fato que poderá acelerar o processo de lembrança do passado. Naquele momento poderão ocorrer alguns fenômenos mediúnicos. Por esse motivo, a regressão de memória poderá favorecer a psicofonia. A falta de experiência do operador nesse campo irá, certamente, comprometer os resultados obtidos.

Nas sessões de regressão seria interessante se dispuséssemos de indivíduos portadores da faculdade mediúnica da vidência, a fim de se verificar a movimentação de espíritos no ambiente e

de se detectar a diferença entre a incorporação mediúnica e a regressão de memória. O Espiritismo muito tem a contribuir no caso particular e na pesquisa psíquica em geral. O conteúdo dos livros espíritas, notadamente *O Livro dos Médiuns*, é de grande valia para a pesquisa. Quem quer começar a estudar a fenomenologia do espírito e a pesquisar a gama variada de fenômenos desse campo, não deveria desprezar sua consulta.

Há uma vasta literatura a respeito. Aos mais interessados recomendo a leitura dos livros de Hermínio Miranda, principalmente por ele ter conseguido fazer uma ponte entre a regressão de memória e o Espiritismo.

# A psicologia de Jung e a reencarnação

Não se pode afirmar com certeza que Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra suíço, pai da Psicologia Analítica, era reencarnacionista. Seus escritos oficiais não apontam nessa direção, muito embora ele tenha deixado pistas de que não era contra. Em seu fenomenal livro *Memórias, Sonhos, Reflexões*, ele escreveu textualmente:

*“O problema do carma, assim como o da reencarnação ou da metempsicose, ficaram obscuros para mim. Assinolo com respeito a profissão de fé indiana em favor da reencarnação e, olhando em torno, no campo de minha experiência, pergunto a mim mesmo se em algum lugar e como, terá ocorrido algum fato que possa legitimamente evocar a reencarnação. É evidente que deixo de lado os testemunhos relativamente numerosos que acreditam na reencarnação. Uma crença prova apenas a existência do “fenômeno da crença”, mas de nenhuma forma a realidade de seu conteúdo. É preciso que este se revele empiricamente, em si próprio, para que eu o aceite. Até estes últimos anos, embora tivesse tido toda a atenção, não cheguei a descobrir absolutamente nada de convincente neste campo.” Mas recentemente observei em mim mesmo uma série de sonhos que, com toda a probabilidade,*

*descrevem o processo da reencarnação de um morto de minhas relações. Era mesmo possível seguir, como uma probabilidade não totalmente negligenciável, certos aspectos dessa reencarnação até a realidade empírica. Mas como nunca mais tive ocasião de encontrar ou tomar conhecimento de algo semelhante, fiquei sem a menor possibilidade de estabelecer uma comparação. Minha observação é, pois, subjetiva e isolada. Quero somente mencionar sua existência, mas não o seu conteúdo. Devo confessar, no entanto, que a partir dessa experiência observo com maior boa vontade o problema da reencarnação, sem no entanto defender com segurança uma opinião precisa.”*

Nos escritos de Jung sobre sua vida, pode-se observar, mesmo pelo leitor não acostumado aos temas espíritas, uma variedade muito grande de fenômenos paranormais com os quais ele teve de conviver. Pode-se dizer, sem nenhuma margem de erro que Jung era médium e dos mais produtivos e que, às vezes, sabia quando ia se dar um fenômeno. Sua faculdade vai da vidência aos efeitos físicos. Sua principal característica era ser médium intuitivo. Mas, deixemos de lado a mediunidade de Jung, que comporta um outro livro, e passemos a análise do tema reencarnação em sua obra.

A possibilidade das memórias de vidas passadas fazerem parte do conteúdo inconsciente arquetípico do sujeito é bastante coerente. Jung, dizia que o inconsciente se divide em: inconsciente pessoal e inconsciente suprapessoal ou coletivo. O inconsciente pessoal contém as experiências individuais. O inconsciente coletivo é totalmente universal e é o receptáculo de conteúdos não elaborados, com imagens universais existentes desde os tempos mais remotos. Imagens primordiais, virtuais, que preenchem o

<sup>11</sup> A essa época, 1959, não havia sido publicado os trabalhos científicos de Ian Stevenson, que era chefe do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Virginia, EEUU, sobre reencarnação, fato que se deu no ano seguinte, o que certamente alteraria as convicções, ou o que Jung escreveu, sobre reencarnação.

imaginário humano. Essas imagens humanas universais e originárias, Jung denominou de *arquétipos*. Para Jung a capacidade de ter essas imagens é herdada.

Postula ele, em seu livro “Estudos sobre Psicologia Analítica”, Obras Completas, Editora Vozes, 2ª Edição, 1981, Petrópolis, RJ, a existência do inconsciente coletivo onde se situam as imagens primordiais, universais e originárias (*arquétipos*). Diz ele que o inconsciente coletivo é a parte objetiva do psiquismo e o inconsciente pessoal, a parte subjetiva. Quando perguntado de onde provinham esses *arquétipos* ou imagens primordiais dizia que “*supõe que sejam sedimentos de experiências constantemente revividas pela humanidade*”. Ele complementa afirmando que “*O arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas idéias míticas; se não as mesmas pelo menos parecidas. Parece, portanto, que aquilo que se impregna no inconsciente é exclusivamente a idéia da fantasia subjetiva provocada pelo processo físico. Logo é possível que os arquétipos sejam impressões gravadas pela repetição<sup>12</sup> de reações subjetivas.*”

O *arquétipo* seria uma espécie de elemento básico do inconsciente coletivo, assim como o átomo é o princípio básico da matéria. Tal como o átomo, sua configuração se assemelha a uma probabilidade. Não se plasma o *arquétipo* como não se isola o átomo. Ambos são concepções teóricas para se tentar explicar o real. Embora ambos sejam entes abstratos, porém, tornam-se as realidades possíveis, um no campo da matéria e o outro no campo da mente.

Jung coloca que estas imaginações, ou imagens, não são hereditárias e que hereditária é a capacidade de ter tais imagens. Essas imagens humanas, universais, originam-se na camada mais profunda do inconsciente.

Particularmente, acredito que só é possível haver aquela repetição, pela vivência pessoal e não coletiva. Só há em mim a

<sup>12</sup> Grifo do autor deste livro.

capacidade de gerar tais imagens se me submeti, em alguma época, à experiências. Mesmo que se acredite na possibilidade da aprendizagem pela *ressonância mórfica*, fica a necessidade de se entender os mecanismos de transmissão de informações de um indivíduo a outro. Ou, talvez, para espécies sub-humanas, não haja dois indivíduos mas, um único, embora separados em corpos distintos (*almas-grupo*).

Deve-se fazer a ressalva quanto a procedência desse conteúdo do inconsciente coletivo. Para Jung tais conteúdos são experiências dos antepassados do ser humano, herdadas por processos filogenéticos. Tal hipótese, não confirmada, não explica as aptidões não herdadas. Fica a lacuna sobre não só como se dá a passagem das memórias via cromossomos, mas também como se pode transmitir, pelas mesmas vias, características inexistentes nos antepassados. Parece-nos que os conteúdos arquetípicos são as próprias experiências individuais, nas sucessivas vivências, nos diversos reinos da natureza, arquivadas no perispírito. Se assim não fosse, seria como acreditar que os conteúdos transmitidos pela herança filogenética, isto é, o inconsciente, é um grande deus criador, o qual regurgita o que não experimentou.

Não se trata aqui de combater a teoria do grande psicologista suíço, mas dar-lhe uma outra visão a partir do entendimento da reencarnação. O inconsciente coletivo de Jung corresponde aos conteúdos acumulados das sucessivas vivências do indivíduo. É arquetípico, possui imagens universais e está carregado de símbolos também universais, porque as vivências dos seres humanos possuem características similares em todas as partes do globo. São comuns (universais) as experiências de: nascer, morrer, viver em família, estabelecer cultos a divindades, manter relações sexuais, temer a morte, lutar pela sobrevivência, criar mitos diversos, escolher entre o bem e o mal, fazer juízos de valores, etc.

A análise desse aspecto comparativo requer um espaço maior. Adiante voltarei a questão no capítulo referente a Psicologia.

# Psicologia e reencarnação

É inestimável a contribuição que a reencarnação tem a dar à Psicologia. Principalmente depois que lhe extraíram a *psiquê* (alma). A reencarnação tende a fazê-la percorrer o caminho contrário, isto é, reencontrar-se com sua “alma”. A própria alma humana. Os novos métodos psicoterápicos não irão prescindir do conhecimento da reencarnação. A reencarnação não diz respeito apenas à problemática da sobrevivência do ser humano após a morte. Suas implicações com a vida social são incomensuráveis.

Os conflitos que chegam a um consultório psicológico, decorrem, na sua grande maioria, de fatores oriundos de várias encarnações. É comum o psicoterapeuta ancorar-se nas relações familiares da infância para justificar os conflitos atuais de seus pacientes. Às vezes, elegendo determinado episódio da infância que, de alguma forma foi marcante para a pessoa, ou mesmo que é lembrado numa sessão, para crucificar a mãe ou o pai, ou outra pessoa, que participou daquele momento. Por mais fortes que tenham sido determinadas atitudes da mãe ou do pai, não se pode acreditar, de forma tão linear, que elas sejam geradoras de certos transtornos psíquicos tão complexos.

Embora só alguns tenham lembranças de suas vidas passadas, todos apresentam traços de comportamento delas provenientes. Em termos de reencarnação pode-se falar em memórias comportamentais. Memórias comportamentais são conteúdos

psíquicos de uma mesma faixa energética, isto é, “pacotes” de experiências similares de encarnações anteriores. Tais memórias comportamentais desabrocham a partir de elementos concorrentes. Quando um elemento que esteve presente na encarnação anterior, surge na encarnação seguinte, a memória é ativada, fazendo emergir o mesmo comportamento ou um similar. Tais memórias distinguem-se de lembranças imaginadas por serem estas impotentes para gerar atitudes consistentes. Nas patologias mentais não orgânicas, é mais do que evidente a força das memórias comportamentais.

A psicologia tem se empenhado em se tornar uma ciência. Como disse Heidebreder (1933), “... *não existe número suficiente de fatos em toda a psicologia para formar um sistema único e completo.*” A reencarnação possibilitará, sem dúvida nenhuma a definição dos contornos, não muito nítidos, e sua entrada definitiva no rol das ciências completas.

Embora não se deva desprezar uma anamnese completa do paciente, principalmente sua trajetória infantil, com a reencarnação entender-se-á melhor a neurose, a fobia, a psicose e os vários distúrbios ou transtornos psíquicos.

### **Psicologia infantil**

A reencarnação pode contribuir para a psicologia infantil, permitindo uma melhor compreensão a certos aspectos do desenvolvimento das crianças. Muitas crianças rejeitam seus pais desde que nascem. Tal rejeição pode não ser levada a sério pelos pais e psicólogos por achá-la pouco provável antes que os pais a manifestem em relação à criança. A justificativa é de que a rejeição é originária, primariamente, dos pais ou que o *complexo edipiano* estaria por trás dela. Diz-se que a criança rejeita a mãe ou pai pelo ciúme e invasão do terceiro componente na relação. Novamente estaremos explicando sentimentos muito complexos por uma suposição subjetiva.

Nos casos de lembranças espontâneas na infância há crianças que dizem literalmente: “Vocês não são meus pais verdadeiros”. Não se trata, claro, de uma simples rejeição, mas de uma negação de autoria. Certamente a criança estará se referindo dessa forma por lembrar-se fortemente dos pais de outra encarnação. O “tratamento” deve consistir em perguntar primeiro à criança quem são seus pais “verdadeiros”. Se ela souber, dever-se-á questionar em seguida onde eles moram. Na hipótese da criança ter respostas assertivas, os pais devem procurar auxílio especializado sobre reencarnação. Caso a criança não saiba nenhuma das respostas, pode-se dizer a ela: “meu filho(a) isso foi há muito tempo; hoje seus pais somos nós; nós cuidaremos tão bem de você quanto eles cuidaram.” É importante compreender a situação de confusão da criança sem admoestá-la. Existem casos em que essa rejeição vai manifestar-se mais tarde, a partir da adolescência. A rejeição não se dá apenas em crianças que se lembram de suas encarnações passadas, mas também com muitas outras que não apresentam tais lembranças. Sempre que houver desafetos presentes num mesmo cenário reencarnatório as aversões tenderão a retornar. Havendo criaturas que se amaram, quando adultos, em encarnações anteriores, num mesmo ambiente reencarnatório, o amor tenderá a retornar. Tal ambiente pode ser na família, no trabalho ou em outras situações de convivência prolongada ou íntima.

Algumas crianças manifestam fobias que não podem ser explicadas por nenhuma experiência traumática conhecida dos pais, nem tampouco se deram com eles. Tais fobias também não se dão por imitação a uma pessoa mais velha, pois, em geral, não existe na família nenhum parente que também a tenha. Há crianças que freqüentemente apresentam fobias relacionadas à espécie de morte que tiveram em vida anterior ou a alguma experiência traumática ocorrida naquela existência. Assim, se ela morreu afogada, poderá apresentar fobia a água; se morreu esfaqueada, poderá ter fobia a objetos cortantes; se morreu por causa de um tiro, poderá ter fobia a armas, se morreu em decorrência do ataque de

algum animal, poderá ter fobia àquele animal ou a outros semelhantes. Nesses casos, a dessensibilização sistemática é recomendada. Tais fobias não se dão só com as crianças que se lembram de outras encarnações, mas também com muitas pessoas. Há crianças que, mesmo tendo lembrado que morreram de certa forma traumática, não têm fobia ligada a ela. O que nos leva a crer que a superação se deu no período de intermissão ou a experiência não foi traumática. Necessário primeiro afastar qualquer hipótese das fobias serem oriundas de alguma experiência traumática na infância, para se creditá-la a encarnações passadas.

As crianças geralmente mostram um interesse inusitado, muitas vezes acompanhado da aptidão correspondente, por atividades que não são comuns em suas famílias. Nenhum outro membro de sua família mostra tal interesse. Assim, uma criança da área rural, poderá ter forte desejo de ver um navio e o mar, o que nada tem a ver com seu grupo familiar; nem tal desejo está relacionado com filmes ou imagens vistas em fotografias. Estas crianças mostram bem cedo na vida, os interesses que tinham na encarnação anterior. Esses interesses não devem ser, em princípio, bloqueados pelos pais. Por mais absurdos que pareçam, podem ser excelentes instrumentos educativos nas suas mãos, com os quais poderão orientar melhor a educação dos filhos.

Há crianças que mostram por vezes, desejo de se intoxicarem com uma droga qualquer, à qual, a personalidade da vida anterior era dependente. Isso pode ocorrer mesmo que seus pais ou parentes diretos não possuem tal vício. Algumas crianças mostram cedo uma necessidade de consumir álcool, cigarro, maconha, cocaína ou drogas semelhantes. Esses desejos, muito estranhos para uma criança, não são resultantes de hábitos de seus parentes. É claro que os pais devem evitar o contato dessas crianças com qualquer tipo de droga, buscando conversar com elas sobre os perigos que causam, bem como procurar orientação especializada. A manifestação desse interesse não se dá apenas na infância. Pode ocorrer a partir da adolescência, mesmo com

indivíduos que não tenham qualquer influência de amigos que o induzam ao consumo.

Algumas crianças nascem com uma carga de ódio muito grande em relação a certa pessoa ou a indivíduos de outras nações, sentimento esse proveniente de experiências traumáticas passadas. Às vezes, aquela pessoa foi seu algoz. E, se ele trocou de país, passa a ter aversão às pessoas daquele país. Esse sentimento de ódio a determinado país, atenua-se com o decorrer do tempo, mas, na maioria dos casos, muito vagarosamente. Novamente a conversa franca com essas crianças será importante, sobretudo falando-lhes da lei de amor, a qual deve ser a diretriz maior.

Há crianças que rejeitam tão fortemente a encarnação atual, aos membros de sua família, ao ambiente em que retornaram, que se alheiam da realidade. Experimentam uma rejeição muito grande à atual encarnação. O espírito prefere permanecer vinculado ao passado, a algo distante e remoto que, de alguma forma, lhe recompensa. Esses casos podem levar à esquizofrenia ou ao autismo. O mutismo, a indiferença, a ausência quase que completa de emoções, geralmente têm suas raízes em encarnações anteriores. A aceitação da atual existência seria fundamental. O trabalho dos pais consiste, em princípio, em reconquistar o filho nessa condição.

A tese da reencarnação não dispensa os conhecimentos científicos sobre hereditariedade, influência do meio ambiente e nem sobre as abordagens que as escolas da Psicologia fazem. A idéia de reencarnação, entretanto, poderá complementar aqueles conhecimentos. Os estudiosos de psicologia infantil constatarão que essas novas perspectivas poderão elucidar certas áreas presentemente obscuras sobre o assunto. Tais perspectivas não se restringem à psicologia infantil, mas também a toda ciência que estuda a mente humana. Limito-me a ela, pelo fato de observar que, os casos investigados de lembranças espontâneas, revelam a presença de conflitos, traumas, fobias, e outros problemas, já na infância, sem nenhuma outra evidência que não a reencarna-

ção. Em alguns casos relatados por Ian Stevenson, as causas mais prováveis não se situavam na vida atual.

### **Sexualidade e reencarnação**

Desde Freud, a sexualidade ganhou importante papel nos estudos da Psicologia. Ela, a sexualidade, se constitui num grande desconhecido para muita gente. O ser humano, de forma desenfreada, procura conhecê-la esbarrando-se nas conseqüências, nem sempre agradáveis, de seu abuso ou de sua repressão. São muitos os problemas ocasionados pelo uso inadequado desse importante campo psíquico. Muito mais do que uma função ligada ao corpo, a sexualidade tem suas raízes no espírito. A procura do prazer do corpo pode, muitas vezes, representar uma busca da alma, que anseia um encontro com o divino. Não é o sexo impuro como pensava (ou pensa) nossa cultura. É algo prazeroso que deve ser entendido como ferramenta de aprendizagem do espírito. Através dele se conquista a afetividade.

A sexualidade é uma função que se manifesta pela utilização da energia psíquica no campo sexual. Tal energia pode ser canalizada para várias atividades. O espírito a utiliza como quer e de acordo com seu nível de evolução. Muitos, por utilizá-la no campo da permuta de energias primárias, resvalam-se em processos educativos dolorosos. Por ser uma energia ligada às origens do ser humano, se constitui numa força poderosa para as realizações do espírito. A energia sexual ou libido sexual é energia de vida, e, para a vida, deve ser direcionada.

Há pessoas que têm o sentimento de terem nascido no corpo errado. Esta idéia pode aparecer bem cedo na infância. Em alguns casos, os pais da criança ou mesmo o meio em que vive, influenciam-na a querer parecer-se com o outro sexo, o contrário de seu corpo físico. A convicção de ser realmente do sexo oposto pode continuar pela vida afora. Algumas pessoas que sentem

isso chegam a assumir a inversão ou, em caso extremo, procurar um médico que possa efetuar cirurgicamente a mudança de sexo. As crianças que têm esse tipo de comportamento, mostram, geralmente, peculiaridades do sexo oposto, como brincar com brinquedos característicos do sexo oposto e juntar-se, de preferência com pessoas daquele sexo. Se essa tendência ao sexo oposto for redirecionada desde a infância, terapeuticamente, pelos pais ou por especialista, ela poderá ser revertida, principalmente se a linha direcional for o respeito pelo sexo do corpo. A maioria das crianças até a adolescência, e depois na idade adulta, adapta-se a seu sexo anatômico, mas outras, não. Isso pode não ocorrer por conta da mudança de sexo entre uma e outra encarnação. Não devemos portanto, esperar uma constante correspondência entre os fatos e os efeitos, na medida em que, aos mesmos efeitos podem atribuir-se diversas causas. Há outros fatores intervenientes nesses casos. Uma mesma observação desse tipo, em crianças diferentes, poderá ter causas diversas. Tais causas normalmente estão diretamente relacionadas com experiências sexuais anteriores à atual encarnação. A análise, portanto, será peculiar para cada caso. Um espírito que reencarnou num corpo feminino, numa próxima, ao reencarnar num corpo masculino, não terá, necessariamente, tendências homossexuais. A homossexualidade não é conseqüência da inversão de sexo de uma para outra encarnação, muito embora possa ter influência.

Como se pode constatar a partir das pesquisas de Dr.<sup>a</sup> Helen Wambach, o espírito pode reencarnar em ambos os sexos, isto é, não há um espírito masculino e outro feminino, o que corresponde dizer que todos teríamos aquelas tendências de forma acentuada. As reencarnações em sexos diferentes poderiam justificar a existência do *ânimus* e *ânima* a que se referia Jung.

Léon Denis, em *O problema do ser, do destino e da dor*, p. 177, sem discordar da possibilidade do espírito escolher reencarnar em sexo oposto ao da encarnação anterior, considera tal mudança inútil e perigosa. Algumas características físicas de

um corpo apresentadas no outro (homem imberbe) seriam, para ele, sintomas dessa mudança. Para nós, a utilidade da mudança, não necessariamente alternada, está na oportunidade do espírito adquirir aptidões características de cada sexo. Talvez a colocação tenha sido feita em função de um contexto e de uma época de pouco conhecimento e discussão a respeito da problemática sexual e, particularmente, homossexual.

O encontro com o prazer pode levar o espírito a não mais distinguir o sexo do corpo, objeto de seu desejo. A satisfação daquele desejo o torna insensível a essa percepção. Seus freios inibitórios desaparecem. Pouco importa para ele qual é o corpo, ou parte dele, que utilizará na relação. Esse é dos motivos que podem levar o espírito a uma experiência homossexual. Passando de uma a outra encarnação, essas tendências podem se conservar. O espírito só mudará sua atitude se, no tempo de intermissão, determinou-se para tal. Assim mesmo, é na carne que ele, verdadeiramente, colocará à prova sua mudança.

Vale salientar que, o tabu existente sobre os assuntos que envolvem sexo e seu complexo relacionamento com a moral, leva o ser humano a ter muitos conflitos nessa área. A grande maioria dos conflitos humanos relaciona-se com a função sexual. Os processos educativos que se estabelecem de uma para outra encarnação, têm relação com essa questão. Saber conscientemente, reconhecer e dominar suas emoções nesse campo, é ter a certeza de que não haverá problemas por causa da inversão de sexo nas sucessivas encarnações. Para os espíritos mais amadurecidos, tanto faz reencarnar num corpo masculino quanto num feminino. Para esses espíritos o corpo é instrumento de evolução. Sua identidade com o corpo é aparente, necessária enquanto encarnado, sem apego à forma física. A procura sexual é feita dentro dos limites sociais, sem qualquer ênfase. Em alguns casos o espírito prefere ser celibatário, buscando reequilíbrio. Para eles o sexo não é impuro mas, energia criadora da afetividade, cuja utilização compreende os altos desígnios da Vida.

## Sonhos

Os sonhos sempre foram uma incógnita para a ciência. Sabe-se muito pouco sobre sua procedência, suas causas e seu significado. Vamos encontrar sua utilidade dentro da Psicanálise de Freud e, mais amiúde, na Psicologia Analítica de Jung. Para eles, os sonhos são expressões específicas do inconsciente. É a linguagem simbólica do inconsciente. Para Jung sua função é reconstituir o equilíbrio psíquico total. Eles funcionam como avisos que não devem ser desprezados, sob pena de, em certos casos, ocorrer acidentes reais. Para ele, os sonhos podem refletir situações futuras. Não por serem premonitórios no sentido paranormal da palavra, mas por indicarem o caminho pelo qual estamos conduzindo nossas vidas, de tal forma, que o consciente não o percebe.

Talvez tenha passado despercebido, ou ele não quis tratar do assunto, ao ilustre psicologista, a possibilidade dos sonhos também serem representações de ocorrências havidas em encarnações passadas, mesmo porque, ao que tudo indica, ele não reconhecia tal possibilidade, embora se possam encontrar trechos em seu livro *Memórias, Sonhos, Reflexões*, onde a reencarnação é, por várias vezes, citada, inclusive com sonhos que testemunhavam sua probabilidade, como foi dito no capítulo que trata da psicologia de Jung.

A linguagem simbólica dos sonhos é evidente. Resta saber se eles se referem a ocorrências passadas, presentes ou futuras<sup>13</sup>, ou se não se tratam de confusões psíquicas ou subproduto de ocorrências digestivas. No caso de ocorrências futuras seriam prognósticos. Quando digo presentes, estou me referindo não só às preocupações do dia-a-dia, às ocorrências do passado da atual encarnação, como também à possibilidade de ocorrências durante o sono, no desprendimento do espírito de seu corpo físico. Os

<sup>13</sup> Jung reconhecia a autoria de Alphonse Maeder quanto a função teleológica dos sonhos.

processos que envolvem a manifestação onírica podem representar, de forma simbólica, a confluência, ou conjunção desses tempos juntos. Passado, presente e futuro, num mesmo sonho, trazidos ao consciente de forma simbólica. Claro que os sonhos devem ser levados a sério, pois são informações preciosas do inconsciente. Não se deve é dar-lhes interpretações padronizadas. Cada sonho é uma realidade em si. Refere-se a um aspecto particular de cada indivíduo. Sua interpretação deve se constituir num exercício exaustivo de análise complexa da vida do sonhador.

Como hipótese de trabalho, pela riqueza dos conteúdos inconscientes observados em consultórios, pela sua manifestação simbólica, quando não se encontram referenciais na vida atual, na sua maioria, os sonhos se referem a experiências situadas nas encarnações anteriores. Sua interpretação nos conduz aos conteúdos da encarnação presente tanto quanto das vidas passadas. Sua interpretação apressada, ou mesmo o desejo de, para cada símbolo onírico, encontrar-se uma resposta, pode levar a erros grosseiros.

### **Psicotestes**

Os testes projetivos utilizados para determinação de psicodiagnósticos poderiam ser utilizados em pesquisas de reencarnação. Seriam elementos subsidiários na análise de lembranças do passado. A aplicação deles, de forma controlada, em pacientes que se submeterão à regressão de memória seria de grande utilidade num trabalho de pesquisa, pois poderiam revelar aspectos inconscientes importantes da personalidade. A aplicação daqueles testes, antes e depois da regressão, poderia revelar modificações significativas.

A utilização, por exemplo, do psicodiagnóstico de Rorschach<sup>14</sup> serviria para se verificar as correlações entre as lembranças e os resultados dos testes. Os testes psicológicos seriam

também úteis em crianças com lembranças espontâneas como instrumentos de aferição de seus níveis psicológicos de desenvolvimento.

Muitos testes, projetivos ou não, utilizados pela Psicologia, não alcançam as características do espírito nem penetram na complexidade da mente humana. O ser reencarnado apresenta particularidades inacessíveis aos testes psicológicos. Quando surgirem testes em que o indivíduo possa experimentar simples emoções, talvez se possa alcançar mais representatividade da personalidade integral.

---

<sup>14</sup> Psicodiagnóstico (técnica projetiva) criado por Hermann Rorschach, constitui-se na exposição de 10 lâminas padronizadas, com manchas de tinta. As respostas do sujeito são interpretadas segundo um modelo psicanalítico.

# Justiça Divina

A necessidade de se reconhecer um princípio diretor (Deus), justo e equânime para compreender a sociedade e suas complexas relações onde, aparentemente, não existe justiça além da dos encarnados, coloca a reencarnação como o mecanismo capaz de exercer-se uma justiça verdadeira e de possibilitar a compreensão e ao mesmo tempo o crescimento dessa mesma sociedade. Nenhum conhecimento poderia justificar as contingências do existir, com a precisão com que a reencarnação o faz. Tudo tem um sentido. As dificuldades e conflitos humanos passam pela necessidade de uma justificativa filosófica e até mesmo energética. A reencarnação é a chave para desvendar os mistérios provocados pelo vazio do conhecimento parcial que o ser humano tem sobre si mesmo e sobre as relações humanas.

Nem sempre a justiça, que se processa pela via da reencarnação, verifica-se imediatamente na encarnação seguinte do espírito. Os mecanismos educativos podem ocorrer na mesma existência, sem a necessidade de se aguardar uma próxima encarnação, como também podem dar-se após várias encarnações terem ocorrido, sem sua manifestação. O tempo que leva para que o processo educativo se instale, dependerá da ocorrência de fatores que propiciem o aprendizado do espírito. Às vezes, há a necessidade de se reunirem pessoas várias num processo único, o que poderá levar séculos ou milênios. Deve-se salientar que

ninguém, nenhum ser humano, estará isento do processo de educação. A reencarnação é o mecanismo obrigatório no nível de evolução em que se encontra a humanidade terrestre. Ninguém está isento dela. Não há privilégios nem privilegiados.

É comum, por ignorância, o ser humano querer fazer justiça com suas próprias mãos. Não sabendo ele do alcance das leis de Deus, resolve fazer justiça. Age como se fosse do seu direito punir o outro que o agrediu. Tal atitude nem sempre resulta na educação de sua vítima. Ao tentar punir, mesmo com o intuito de educar, torna-se também agressor. Como não sabe educar com amor, necessitará, por sua vez, ser educado para aprender a fazê-lo. Daí, decorre que, quem realiza sua própria justiça, (ou se vingá), necessita ser educado para aprender a agir com justiça. A vingança é a impaciência ante as leis de Deus. Se o ser humano soubesse educar poderia fazer-se de instrumento adequado para o exercício da justiça. Educar no sentido de fazer o espírito alcançar verdadeiramente as leis de Deus. Como ele pode querer educar outro espírito se ainda não iniciou um processo de auto-educação? É preciso que ele comece a agir com amor e misericórdia.

Ao fazer justiça, julgando-se no seu direito, o ser humano estabelece uma conexão entre ele e sua vítima. Imanta-se ao outro. Mesmo que o outro tenha sido seu algoz, cria-se uma ligação que permanece, enquanto ambos necessitarem ser educados. O ódio, tanto quanto o amor, liga as pessoas. O primeiro, o ódio, deverá transformar-se no segundo, o amor. Nas relações entre os seres humanos deve sempre prevalecer o amor. Ele é a base da evolução humana. Toda relação entre pessoas deve chegar ao seu clímax, no amor. Ponto de encontro das leis de Deus.

Os mecanismos de justiça são sempre detalhados. Nada escapa às leis de Deus. Tudo se processa para fazer com que o espírito se aperfeiçoe. A justiça se processa de forma a educar o espírito. Nunca no sentido de puni-lo, mas de educá-lo.

A reencarnação é um processo educativo. É comum dizer-

se que o espírito reencarnou para “pagar” pois quem deve tem de pagar. Tal afirmação deve ser entendida no seu sentido figurado. A “dívida” deve ser entendida como ausência de conhecimento, isto é, desconhecimento em relação às leis de Deus. O entendimento deve ser de que, se o espírito, por exemplo, odeia, ele desconhece a lei de Amor. Reencarna portanto para viver experiências que o façam aprender aspectos que o levem ao conhecimento da respectiva lei. “Dívida” e “Resgate” são expressões simbólicas de nossa ignorância às leis de Deus.

Os mecanismos de justiça, aos poucos, vão se modificando com o progresso da sociedade. O que antes era usado como forma educativa pode não mais ser possível ou necessário. Há doenças que antes eram usadas para tal, mas que a ciência já erradicou. Dessa forma, dia chegará em que o ser humano excluirá dezenas de formas educativas dolorosas. As leis de Deus usarão outras formas de educar o espírito. Até lá, utilizar-se-ão delas para educá-lo. Quando a lei deixar de aplicar a dor, o ser humano já terá avançado no progresso e pertencerá a outra ordem espiritual.

Seria o ser humano capaz, algum dia, de exercer, em nome de Deus, a Sua justiça? Quando ele tiver avançado moralmente, sim. Exercer a justiça implica em saber julgar. Em, de forma neutra, estabelecer o adequado e o inadequado. O que é melhor ou não para determinado espírito. É saber discernir entre aquilo que educa e o que, ao contrário, aprisiona o espírito. Só será possível dessa forma agir, se o espírito estiver acima das paixões e dos sentidos físicos.

A reencarnação proporciona ao espírito vivenciar existências que o capacitarão a aprender as leis de Deus. Só dessa forma ele se preparará a exercer Sua justiça na Terra.

# Esquecimento do passado

O reencarnar sem a lembrança do passado é o processo que possibilita a convivência de desafetos e daqueles que elevaram a paixão ao seu grau máximo. Sem o esquecimento de certos conteúdos traumáticos das experiências anteriores não é necessária a reencarnação e nem seria possível a vida social. Reencarna-se para aprender, para educar-se, para crescer, a partir de novos elementos, de uma nova oportunidade, num novo ambiente, onde se possa construir ou reconstruir sua própria elevação espiritual. Tal esquecimento não significa a perda do conhecimento adquirido nas existências anteriores. O espírito não involui, pois não se perde o que já se sabe. Esquece-se temporariamente o que não é relevante para o crescimento do espírito. As qualidades, os defeitos, as emoções, os amores, os ódios, ficam latentes e interferem, de forma subjacente, nas relações do reencarnado. Tais características desenvolvidas anteriormente, inconscientemente atuam nos processos de escolha e motivação do reencarnado.

Muitos espíritos que estiveram juntos em encarnações anteriores separam-se para se reencontrar mais adiante. Alguns desafetos, quando se reencontram, podem “lembrar-se” do passado. É comum que a inimizade retorne, da mesma forma que os afetos quando se reencontram, refazem a mesma ligação que tiveram no passado. O espírito “enxerga” o outro espírito, independente do corpo que tem e do grau de parentesco que possui.

Alguns espíritos não reencarnam na mesma época que seus afetos e ficam a velar por eles para que obtenham sucesso naquela encarnação.

O mecanismo que dispara o processo de esquecimento do passado parece estar, de alguma forma, relacionado com o próprio corpo físico. A ligação com a matéria deve embotar algum órgão ou função do corpo espiritual, impedindo a completa manifestação do espírito. Ao libertar-se do corpo, seja durante o sono ou com sua morte, o espírito aos poucos retoma sua memória integral.

A lembrança do passado, que porventura ocorra durante o sono do corpo, é raríssima após o acordar. Quando acordamos, não nos lembramos nitidamente do que ocorreu. A lembrança maior realmente ocorre após a morte do corpo. É comum querer-se lembrar do passado, pois a curiosidade é muito grande entre as pessoas, como se tal lembrança fosse propiciar um novo rumo a suas vidas. É engano pensar que tal ocorrerá. A lembrança em si, poderá desencadear reações imprevisíveis, pois nem todos estão preparados para ter acesso às memórias de outras encarnações. O indivíduo que se fixar naquele passado, poderá atrapalhar seu crescimento espiritual na atual encarnação.

O olhar do ser humano deverá estar direcionado para o futuro, para o qual todos estamos indo. Esquecer, temporariamente, o passado, é uma necessidade evolutiva. Devemos viver como se o momento fosse o primeiro, quando começamos uma nova vida, e o último, quando temos pressa para novas realizações. O esquecimento do passado permite que se recomece sem a pressão dos problemas ocorridos em outras encarnações. Eles existem, mas não estão na zona consciente do espírito. Se estivessem, não seria possível recomeçar.

O esquecer é uma oportunidade de recomeçar, sem medos, culpas, traumas ou pressões. Fecha-se a lembrança e abre-se uma janela de esperança no futuro. Tal recomeço, sem a presença de emoções fortes, é uma rara oportunidade que temos e

que almejamos. Quantas pessoas, numa mesma existência, mudam de lugar ou, às vezes, de cidade, a fim de recomeçarem sua vida? O esquecimento do passado, em maior escala, propicia essa oportunidade. A insegurança quanto ao futuro nos impele a querer saber do passado. Quando o ser humano tiver certeza de seu futuro, ele não mais quererá saber de seu passado, pois compreenderá que deverá viver conscientemente seu presente.

A recusa em acreditar na reencarnação como fato, às vezes, dá-se pela rejeição à tese do esquecimento do passado. Por não aceitar estar imerso no desconhecido de suas atitudes passadas, o consciente rejeita a inconsciência. Tal rejeição vem pelo mecanismo de acomodação. É melhor rejeitar que aceitar o desconhecido. Ao espírito que tem consciência de seu papel de crescer, não importa o passado e se suas ações foram ou não negativas. Quer ele, a partir de agora, ser hoje melhor que ontem. O esquecimento é para ele uma certeza de que Deus confia na sua capacidade de crescer sem que seu passado lhe seja empecilho.

Saber do passado pode ser extremamente prejudicial ao reencarnante, pois a lembrança dos conflitos vividos, ou mesmo, a saudade de um tempo que lhe foi agradável, pode ser-lhe um tormento. Para certos espíritos mais adiantados isto pode ser um bem, mas, para a maioria, é algo que atrapalha o seu progresso.

Para o mais adiantado, sua vitória será maior se não souber do passado. Quanto mais ele souber do passado menos mérito terá na vitória sobre si mesmo. Por outro lado, aquele, mais atrasado, que se lembrar de seu passado, se conseguir superar suas deficiências, inclusive respeitando a convivência de contrários, terá grande mérito, pois venceu com maior grau de dificuldade.

Algumas vezes os espíritos revelam o passado de alguém, com a finalidade de auxiliá-lo em seu crescimento. Isso é feito sob controle deles, sabendo em que contexto deve fazê-lo e que quantidade de informações passarão. Para alguns encarnados, tais revelações são necessárias ao seu processo de crescimento.

A maioria das doenças mentais, em geral, decorre, de “*janelas*” que se abriram para o passado, quando não as provoca. As pulsões provocadas pelos conteúdos inconscientes de vidas passadas, afloram ao consciente, provocando a lembrança, total ou parcial. Às vezes, é necessário fechar-se tais “*janelas*” para que o espírito possa progredir de forma melhor.

## A reencarnação como processo educativo

O retorno a um novo corpo, através da reencarnação, se dá para o crescimento do espírito. É um processo educativo, e não punitivo. Encarado dessa forma, não há um número definido de encarnações para um espírito. Sobre a chamada “lei” de causa e efeito atua a lei de misericórdia, que é uma das variantes da lei de Amor. Os processos não se dão de forma linear, isto é, não se passa pelo que se causou a outrem na mesma proporção e na mesma intensidade. As circunstâncias a que um espírito está sujeito numa encarnação expiatória são sempre atenuadas pela Misericórdia Divina. A chamada “lei” de causa e efeito não é como a pena de Talião. Não é “olho por olho dente por dente”. Às vezes, no período de intermissão, o espírito atravessa sofrimentos, resultantes de suas atitudes quando no corpo físico. Ao reencarnar para aprender, os processos a que estará sujeito não poderão ser idênticos aos que proporcionou aos outros, em face do que aprendeu no período de intermissão, bem como em função da necessidade de educar-se a partir de estratégias amorosas das leis de Deus.

Mesmo nas encarnações imediatas, cujo tempo de intermissão é mínimo, os processos serão atenuados pela lei de Misericórdia. Dessa forma, as leis de Deus nem sempre utilizam o

mesmo modo que o ser humano atuou no passado, para educá-lo no presente. Embora alguns processos reencarnatórios sejam planejados por espíritos mais evoluídos, eles estão sujeitos à lei de Amor.

Não se devem interpretar as doenças e outros sofrimentos senão como processos educativos. Errou-se no passado porque não se sabia como agir corretamente. Retorna-se para aprender até não mais se precisar reencarnar.

Nem sempre uma simpatia a alguém se deve creditar a uma relação ocorrida em uma encarnação anterior, pois as afinidades descobertas na atual existência também podem gerá-las. Porém, em muitos casos, as idéias inatas, as simpatias e antipatias gratuitas, os gênios e virtuosos, de alguma forma parecem denunciar uma experiência anterior. O conhecimento não se produz de forma mágica. O inato, quando não é creditado à herança genética, é o termo usado para a falta de explicação lógica. A reencarnação explica tais conhecimentos “inatos”. Como bem disse Aristóteles, *“nada vai ao intelecto senão pelos sentidos”*. Por minha conta, incluo nesses “sentidos” as vias intuitivas, paranormais e mediúnicas. Tudo, dessa forma, é aprendido pelo espírito. Nada lhe é “dado” de graça. A “Graça” ou o “Dom” que se diz ter recebido de Deus, nada mais é do que o resultado das experiências passadas, do aprendizado já feito. Se, no passado, alguém tinha uma aptidão qualquer, certamente ela hoje se manifestará de alguma maneira. Se hoje não se tem habilidade nenhuma, não se tem jeito para nada, é porque não se tinha no passado. Querendo ter alguma aptidão especial, hoje e no futuro, deve-se começar, desde já, um processo de aprendizagem por conta própria, sem se esperar necessariamente por uma “graça” de Deus.

Em muitos casos, os reencarnantes retornam com marcas de nascença, trazendo cicatrizes denunciadoras de experiências pregressas traumáticas. Marcas que, quando não são creditadas a fatores genéticos, reproduzem-se, às vezes, de uma a outra existência, por mecanismos psíquicos de fixação. As experiências que

produziram tais marcas foram de tal forma intensas que se reproduziram no corpo físico. Tal reprodução denuncia a existência de uma matriz comum onde ficam “guardadas” as impressões do espírito. Essa matriz é o perispírito ou corpo espiritual. Da mesma forma que essas marcas, surgem fobias, traumas e outros *complexos*, que se revelam logo na primeira infância, constituindo-se em preocupação para os pais. A solução de tais conflitos só se dará no contato do espírito novamente com o núcleo traumático gerador. As circunstâncias da nova encarnação o colocarão frente a frente com a causa geradora do conflito. Pode-se dizer, então, que não há doenças, mas, antes, doentes.

O conceito de reencarnação transcende o aspecto da mera crença que está presente nas mais antigas culturas, tornando-se a base para a compreensão da razão de viver do ser humano. Antes de ser um processo idealizado para explicar a realidade, é a própria realidade a explicar os processos da vida. A reencarnação não foi concebida como uma teoria para explicar a realidade. É antes, um fato que explica e suscita muitas teorias. As relações humanas estão carregadas das emoções do passado. Impulsos, estímulos, reações emotivas, atitudes diversas, não são apenas fruto da nossa vontade, da herança genética e do meio ambiente, mas principalmente das experiências pregressas gravadas em nosso psiquismo perispiritual. Sua força é tão intensa que, muitas vezes, tais emoções governam a vontade, intervindo no processo de escolha de forma decisiva. Os *arquétipos* junguianos não são mais do que o resultante do acúmulo das experiências pregressas que se internalizam no ser humano, formando um padrão típico de tendência a atitudes. O que ele chamava de inconsciente coletivo, nada mais é do que o conjunto das experiências pregressas, individuais e coletivas, inclusive aquelas adquiridas nos reinos inferiores, acumuladas pelo espírito através do, e no, perispírito.

A personalidade integral que sobrevive à morte, já possui experiências diversas em matéria de profissões, de línguas aprendidas, de tipos de sexo, de classe social, de condição econômica,

etc. A repetição dessas experiências a cada nova encarnação, nos faz perceber que o processo de aprendizagem se dá também por repetição e revisão das lições. A experiência repetida significa a mesma lição ainda não aprendida. O fato, por exemplo, de já ter experienciado viver nos dois tipos de sexo, concede ao ser humano habilidades para habitar nesse ou naquele corpo, sem que isso lhe cause qualquer problema quanto a sua relação com o sexo do corpo escolhido. Uma nova encarnação representa a construção de uma nova personalidade no novo meio que se vai renascer. Os traumas e conflitos, dessa forma, aparecem tendo como uma das causas, talvez a principal, essa realidade interna, anterior, que contracena com a realidade externa. A solidão e as repetidas e constantes decepções afetivas, podem ser encaradas como resultantes de processos educativos oriundos de experiências mal sucedidas no passado.

# Planejamento da reencarnação

Em geral, as reencarnações são planejadas com antecipação, cujo tempo de preparo será proporcional às necessidades educativas do espírito. Quanto mais evoluído o espírito, maior seu tempo de intermissão, conseqüentemente mais tempo terá ele para seu planejamento. O planejamento exigirá o concurso de muitos espíritos, os quais participarão, direta ou indiretamente, das relações futuras do reencarnante. Tais preparativos vão desde a escolha dos pais ao tipo e detalhes do corpo que se utilizará o espírito. Escolhe-se o gênero de provas que se atravessará, o tipo de morte que se terá, as principais experiências que deverão ocorrer após o nascimento, que reencontros se darão, que doenças se terá, qual a época mais propícia para se reencarnar, etc. Tais experiências planejadas se dão no nível de probabilidades, podendo haver alterações, a depender das necessidades do espírito, bem como de seu livre arbítrio e de terceiros. Fundamental é perceber que, embora planejado o destino e a existência da pressão interna das experiências pregressas, o livre arbítrio é soberano, podendo alterar quaisquer daqueles fatores. As escolhas havidas que sejam diferentes do planejado, levarão a conseqüências – positivas ou negativas – para o espírito. O espírito, após a reencarnação, poderá alterar seu planejamento. Poderá ele, ad-

quirir novos compromissos, como fugir de outros. Poderá ampliar suas realizações previstas, tanto quanto diminuí-las.

Deve-se considerar que as ações humanas produzem conseqüências. Não havendo interação instantânea sem conexão causal anterior, nada fica sem uma resposta, sem uma conseqüência. A toda ação corresponde uma reação. Acreditar que tal reação obedeça de forma linear ao princípio físico do nexo causal entre antecedente e conseqüente, é admitir um certo determinismo inexplicável. Algo ocorre que torna a reação favorável ao seu beneficiário. Talvez a lei de amor, através da misericórdia, atue nos processos interativos entre as criaturas, amenizando seus sofrimentos de forma imperceptível.

A vida na Terra deixa de ser um acaso para ter um objetivo. Cada ação humana tem implicações, pois nada ocorre por acaso. Não se volta à Terra como a uma colônia de férias. A Terra não é uma instância de lazer. Viver é construir para o espírito. Estar no corpo físico é conscientizar-se da responsabilidade por vários processos de aprendizagem que o Universo faculta. Aqui se está para algo aprender. Não se deve desprezar o mundo social ou o corpo, pois, mesmo sendo a realidade espiritual matriz geradora, não é exclusiva e nem deve contribuir para alienação ao mundo dos ditos vivos. Há uma complementaridade entre a vida material e a espiritual. Viver fora do mundo físico é saber viver nele. Viver bem na Terra, aspirando a uma vida melhor após a morte, é legítimo, porém não deve ser um fim em si. O espírito não pode esquecer que, além de almejar seu progresso, deve tornar o mundo material um local bom de se viver. O reino dos céus, pregado nos meios cristãos, é tão “além” quanto aqui, isto é, na Terra deve-se implantá-lo, pois ela faz parte do “reino”. A localização desse reino é uma questão de consciência e responsabilidade.

É claro que as escolhas feitas nem sempre obedecem aos compromissos havidos em encarnações anteriores. Tais escolhas podem levar à compulsoriedade, que impõe, ao espírito, deter-

minado processo educativo, independente de seu arbítrio. Há encarnações compulsórias para muitos espíritos que acumulam compromissos, principalmente quando envolvem terceiros. O seu passado espiritual tem influência decisiva nesse processo de escolha. As ligações com desafetos são geradoras de reencontros para que se desfaçam os laços de inimizade e ódio. Os desafetos geralmente nascem juntos para transformarem seus sentimentos aversivos em amor, aprendendo, dessa forma, o real significado do viver. As provas e expiações a que estão submetidos os espíritos, decorrem desses compromissos pregressos. Tais compromissos são vulgarmente chamados de dívidas, cujos correspondentes processos de resgates, chamo de *educativos*.

O processo de escolha que o espírito faz, guarda relação direta com seu livre arbítrio. O planejamento é um balizador para o espírito. Existe apenas um único determinismo imposto ao espírito. Tal determinismo inexorável é a evolução. Evoluir sempre. O ser humano pode se desenvolver muito nos diversos campos do saber, porém jamais poderá alterar as leis de Deus, e uma delas é a lei de Progresso. Progredir sempre, na direção do Bem, do Belo e do Amor, para que alcance a felicidade, essa é a lei. Nos processos de escolha não se deve prescindir do bem coletivo. Cada escolha do espírito tem implicações com o direito dos outros. Nas mudanças de planejamento que visem auxiliar maior número de pessoas, os resultados serão sempre benéficos para o espírito. Essas mudanças ocorrem, geralmente a pedido do espírito que, desejando continuar encarnado para completar alguma tarefa relevante, conta com auxílio espiritual para a alteração de seu planejamento anterior.

Os conflitos e problemas atuais, antes de serem creditados às existências passadas, devem ser analisados, como faz a Psicologia, a partir da vida atual. Será que a origem de tais conflitos não está na infância problemática? Será que a relação materna e paterna não provoca traumas que eclodem adiante? Certamente que tais fatores influenciam. O retorno de um espírito a uma nova famí-

lia é sempre uma novidade cheia de receios e carregada de expectativas. A sociedade muda. Os costumes e regras sociais não são os mesmos para o espírito que esteve ausente da sociedade dos encarnados durante muito tempo. Ele tem que reaprender muito. Principalmente no que diz respeito à convivência familiar. Nenhuma instituição alterou-se tanto quanto a família, ao longo do tempo. Cada dia se assiste novos métodos de convivência em família. É para o espírito um desafio. E isso pode gerar conflitos e transtornos, denominados pela Psicologia de neuroses e psicoses.

Mas há aqueles conflitos, bem como outros problemas, cuja origem se situa num ponto remoto da mente do indivíduo. Quando o conflito possui muita carga afetiva e se enraíza no psiquismo inconsciente, denomino de *núcleo afetivo traumático*. A complexidade do núcleo afetivo traumático me leva a admitir que um simples recalque, uma simples repressão, uma convivência de pouco tempo, não seja suficiente para gerar tanta desarmonia e desequilíbrios tão superlativos com se vê na psicose. Sem falar nos problemas mentais, ou transtornos psíquicos, sem qualquer possibilidade de enquadramento nas teorias vigentes. A nossa ciência, seja na área médica ou na psicológica, em que pese os avanços gigantescos havidos nos dois últimos séculos, tem sido impotente, não só para diagnosticar causas como também para curar os efeitos dos vários distúrbios da mente. A mente humana ainda é um grande oceano desconhecido para essas áreas do saber. A compreensão da reencarnação é fundamental para o progresso científico nessas áreas. É a chave para a compreensão de grande parte dos conflitos humanos. Há casos de pacientes psiquiátricos que não há remédio que dê jeito, nem Psicologia que cure. Não têm teoria que, pelo menos, alivie seus conflitos, que vêm, em geral, de outras vidas. Em muitos casos, só o amor será capaz de trazer a solução. Geralmente, esse amor capaz de retirar o espírito de tamanha confusão mental, está na maternidade, no amor de suas mães. Geralmente, as mães, com seu amor, acompanham tais espíritos, e, é esse amor que é capaz de transformá-los.

No evangelho de Mateus, no início do Sermão da Montanha, capítulo 5, versículo 4, o Cristo colocou: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”. Teria essa frase algo a ver com a reencarnação? Os que choram são aqueles que estão em aflição. De alguma forma estão sofrendo. Onde estará a bem-aventurança? Certamente que a dor não traz nenhuma alegria a ninguém. Não se crê que o Mestre haja feito apologia a dor, exaltando-a a ponto de transformá-la em apanágio da felicidade. A ventura está no fato de se estar atravessando um processo educativo, livrando-se de um passado e aprendendo para viver melhor no futuro. É o aluno que se sente feliz por iniciar uma nova classe na escola. Embora saiba que vai enfrentar um ano inteiro de estudos, sente-se feliz por ter ingressado num degrau mais alto que o anterior. Se a reencarnação é um processo educativo, a dor é um método de aprendizagem. Evidentemente existem outros métodos menos dolorosos. O método de aprendizagem estará de acordo com a complexidade da lição a aprender, com o grau de dificuldade do aluno.

As provas e expiações não são mais do que métodos de aprendizagem, adequados ao espírito e sua problemática. Dessa forma, as doenças revelam conflitos de hoje ou de ontem, conforme seja sua procedência. As doenças congênitas são métodos educativos que alcançam o espírito bem como seus familiares. Conscientizar-se desses métodos educativos e saber aprender com eles, é preparar-se para viver bem amanhã.

Há métodos educativos coletivos, os quais visam alcançar grupos de espíritos necessitados de um mesmo aprendizado. A humanidade, por vezes, atravessa processos educativos coletivos, cujo planejamento pertence a instâncias superiores e visam dar novo ritmo ao planeta. São planejados num nível superior às encarnações individuais. Pela sua interferência nos destinos de uma coletividade, suas particularidades merecem a atenção de espíritos mais elevados.

Depois de encarnado, o conhecimento do planejamento

havido durante o período de intermissão do espírito, ser-lhe-á benéfico. Será como se encontrar com suas próprias aspirações. O espírito se sentirá seguro quando isto ocorrer. É como saber que está na estrada correta depois de perder-se na floresta. Será possível tal percepção? De certa forma sim. Técnicas meditativas, experiências místicas diversas, experiências mediúnicas, sonhos, visões, orações e outros mecanismos, podem fazer com que tal se dê. Será sempre algo positivo se a intensidade da percepção não for tão forte. Se a lembrança for muito intensa o espírito terá dificuldade de retornar ao consciente, permitindo que ela influencie demasiadamente em sua vida atual. A lembrança deverá ser suave e em etapas. O conhecimento completo e detalhado de tal planejamento poderá gerar ansiedade, além da que já existe por conta do conhecimento inconsciente das provas que o espírito vai atravessar. A vida que se leva é fruto das escolhas havidas. Os processos que se atravessam são sempre fruto do livre arbítrio exercido antes ou depois de se reencarnar. É sempre bom lembrar que todas as atitudes do ser encarnado levarão a conseqüências futuras, que serão processos educativos felizes ou não.

Há circunstâncias diversas que promovem alteração no planejamento reencarnatório, que pode ocorrer sem o detalhamento necessário, principalmente nos casos de reencarnações acidentais. Quando ocorre uma união sexual fortuita e conseqüente fecundação, o espírito que esteja próximo ao casal será “atraído” pela concepção. Mecanismos automáticos, por vezes incompreensíveis, encarregar-se-ão de propiciar lições de aprendizagem de que o espírito, nessa circunstância, necessite. Nesses casos, encaixam-se os reencarnantes oriundos de estupros e outros “acidentes” semelhantes. O suicídio é um exemplo do algo não planejado antes da encarnação e que é uma forma (in)voluntária de alterar o planejamento.

A negligência de alguém que, como conseqüência leve à sua desencarnação, promove alteração no planejamento reencarnatório. Alguns acidentes se encaixam nessa situação, por

ocorrerem fora dos processos educativos do espírito e por vontade (negligente) de seu autor. Como exemplo, cito os casos de adolescentes que correm em ruas das grandes cidades, de forma alucinada, sem a mínima segurança, em brincadeiras conhecidas pelo nome de “*pegas*”.

Há filhos não planejados antes da reencarnação, que conseguem realizá-la por intercessão de espíritos que obtêm a concordância do casal.

O problema das separações vale um comentário à parte, pois não creio que alguém haja planejado casar e separar-se. Da mesma maneira, a questão da tendência à redução do número de filhos e daqueles não planejados. São temas que merecem análise, pois, em princípio, parece-me alteração de planejamento.

Algumas lições deixam de ser aprendidas com a separação, porém, outras são, de forma, às vezes, dolorosa, para os casais em trânsito na Terra. Altera-se um planejamento com a separação, mas refaz-se outro com as decisões maduras de seus protagonistas. Ao se separarem, os cônjuges devem planejar cuidadosamente suas vidas, a fim de se evitarem os desequilíbrios comuns nos momentos da crise pessoal.

## Como “planejar” sua próxima encarnação

O planejamento reencarnatório realiza-se durante o período de intermissão, muito embora as correções de rumo possam ocorrer após o espírito ter reencarnado. O planejamento da próxima encarnação, enquanto se está encarnado, propicia a conclusão ou a interrupção de processos em curso que tenderiam a prejudicar o espírito. Se, desde agora, ele vê que determinado processo o prejudicará nesta e, principalmente, na próxima encarnação, retoma o controle da situação, reprogramando ações para esta e para a outra. Não conseguindo realizar algumas aspirações nesta, ele as adia para a próxima.

É claro que, após a morte do corpo, quando estará o espírito liberto de suas contingências, e tendo uma visão melhor a respeito de sua própria evolução, poderá alterar tudo que planejou. Começando a planejar desde agora, o espírito se prepara melhor para uma possível alteração no futuro.

O planejamento antecipado servirá também como marcador para a próxima encarnação. O espírito poderá, desde já, determinar-se a realizações benéficas no futuro. Seu processo de reaprendizagem, comum na infância e adolescência, poderá ser menor e mais fácil, se, desde já ele se programar a não esquecer ou a relembrar o que já sabe.

Um indivíduo, que já passou dos cinquenta anos, tendo uma profissão estável, sem outros recursos para o sustento de sua família além dos dela provenientes, sentindo-se inclinado a dedicar-se a outra atividade, que lhe desperte o interesse, para a qual, porém, não possui a necessária qualificação; reconhecerá, por isso, que qualquer aventura em mudar de profissão resultará na falência de recursos para a família, o que poria em risco sua atual encarnação. Após reflexões, ele deve adiar tal desejo para a próxima encarnação, quando, numa época mais propícia, atenderá seu anseio. Ou então se esforçará para capacitar-se de forma mais tranqüila em prazo mais dilatado. Caso resolva adiar, não deverá haver nenhuma frustração para o espírito que, conscientemente, tomou a decisão.

Não é incomum encontrar-se pessoas que mudaram suas vidas a partir de decisões abruptas, cujas conseqüências puseram, desde já, em risco sua encarnação futura. Qualquer um de nós tem esse direito, o qual se finda quando atingimos o do outro, o que nos exige reflexão.

É necessário planejar a atual (correção de rumo) e a próxima encarnação, desde agora. É como fazer uma análise e balanço da atual encarnação. Para se alcançar tal estágio são necessárias algumas reflexões básicas. Em primeiro lugar deve-se fazer um retrato de si mesmo quanto a certos aspectos fundamentais de sua própria vida, nesta encarnação. A começar pelas qualidades que se tem. Enumere tudo aquilo que você sabe fazer, isto é, o que tem aptidão. Coloque todas as habilidades que possui. Verifique as mínimas coisas que é capaz de realizar. Se você não conseguir enumerar todas ou acha que está faltando alguma, peça auxílio a alguém que conheça sua personalidade o suficiente para ajudá-lo nessa tarefa. Depois disso, descreva sua personalidade. Fale de você. Do que você gosta, de suas emoções, de seus sentimentos, dos seus conflitos e problemas. Fale das pessoas que têm influência em sua vida. De seus pensamentos, de suas emoções mais íntimas. Fale de sua infância, de seus pais, de sua

convivência com os outros. Faça um breve relato de sua vida até hoje. Descreva seus planos para o futuro. Fale do que você não realizou, mas que ainda pensa em realizar.

O ideal seria você escrever tudo isso. Não sendo possível, procure alguém em quem você confie. Diga-lhe seus objetivos e fale tudo o que você quer. Não é tarefa fácil. Mas é necessário desabafar tais conteúdos conscientes. Preferencialmente procure alguém que saiba das existências sucessivas a que estamos sujeitos.

Após escrever ou expor tais características, responda as questões a seguir expressas:

1. Você pede perdão explicitamente a alguém a quem agrediu física ou moralmente?
2. Você consegue distinguir, em suas emoções, o que é paixão e o que é amor?
3. Você consegue identificar, quando em competição, se é uma pessoa que age com solidariedade?
4. Você já eliminou de suas emoções, o ódio?
5. Você já identificou os momentos em que sua vaidade lhe atrapalha?
6. O trabalho profissional que você executa beneficia grande número de pessoas?
7. Você reserva tempo para se dedicar a alguma atividade beneficente, sem que ninguém o saiba?
8. Você ainda ocupa seu tempo falando mal das pessoas?
9. Você costuma procurar culpados para problemas que ocorrem com você?
10. Você faz comentários depreciativos, reais ou não, sobre pessoas?
11. Você aceita créditos pelas realizações de outras pessoas?
12. Você costuma refletir antes de falar, ou fala e age impulsivamente?

13. Você ainda tem algum processo de natureza emocional, pendente com alguém?

14. Você ainda não consegue controlar suas emoções?

Alem de responder às questões acima, analise as seguintes que, de forma mais específica, digam respeito a sua situação atual.

### **Profissão**

Qual a profissão (habilidade para fazer alguma coisa útil) escolhida nesta encarnação?

Você já adquiriu suficientes conhecimentos a respeito da profissão escolhida?

O que você faz na profissão é bem feito?

Além da profissão atual, que outras habilidades você tem?

Que outra profissão você gostaria de ter?

Na próxima encarnação você gostaria de continuar seu desenvolvimento na profissão atual, ou já se sente suficiente apto nela para iniciar outra?

### **Família**

Nesta encarnação você optou por casar (morar com alguém)?

Você tem filhos? Quantos?

Qual sua posição na família (pai, mãe, 1º filho, 2º filho, filho único, caçula, parente, agregado, etc.)?

Você teve dificuldades em constituir família?

Você teve, ou tem, dificuldades de relacionamento com membros de sua família?

Independente de sua vontade, sua família lhe traz problemas que, de alguma forma, lhe angustiam?

Algum membro de sua família ou alguém que convive com você, atravessa algum processo educativo doloroso (doença física, psicológica ou mental)?

Na próxima encarnação, quais as características da família na qual gostaria de nascer?

Na próxima encarnação você pretende casar?  
Caso afirmativo, quantos filhos gostaria de ter?

### **Lazer**

Como você gasta seu tempo de folga?  
Qual seu tipo de lazer preferido?  
Caso não tenha um lazer, qual a causa disso?  
Você sacrifica o tempo que seria investido em outras atividades para se dedicar ao lazer?  
Você tem mais de um tipo de lazer?  
Seu lazer é individual ou coletivo?  
Na próxima encarnação você gostaria de mudar seu tipo de lazer? Para qual?

### **Escolaridade**

Que grau de escolaridade você alcançou?  
Que estudos, além do formal, você fez?  
Os conhecimentos que você já possui hoje são suficientes?  
Que mais você gostaria de saber e que não teve tempo nesta encarnação?  
Na próxima encarnação você pretende ter acesso a que conhecimentos intelectuais?  
Na próxima encarnação você gostaria de ser alfabetizado em que idade?  
Na próxima encarnação você pretende lembrar-se de mais detalhes das encarnações anteriores? Como?

### **Diversos**

Qual sua literatura preferida?  
Que tipo de filme você gosta de assistir?  
Qual a cultura antiga que mais o atrai?  
Que tipo de música você gosta de ouvir?  
Que tipo de indumentária normalmente você usa fora das obrigações profissionais?

- Qual sua preferência religiosa?
- O que você gostaria ter alcançado e não conseguiu?
- Você possui alguma marca de nascença ou sinal particular, ou mesmo, defeito congênito?
- Como são seus sonhos? Você comumente lembra deles ao acordar?
- Qual a cidade ou o país que você gostaria de nascer na próxima encarnação?
- O que dizem as pessoas de sua personalidade?
- O que você mostra que é?
- O que você gostaria de mostrar?
- O que você não percebe em si próprio mas que é percebido pelos outros?
- O que, em sua personalidade, o incomoda?
- Você teme a morte? Que tal pensar sobre ela?

É importante que algumas destas questões sejam respondidas e trabalhadas desde já, ainda nesta encarnação. Não há necessidade de se esperar a próxima para se corrigir os rumos.

Procure respondê-las expressando sua situação em relação a algumas atitudes de sua vida com base nos conceitos adiante. Noutras coloque sim ou não.

Não iniciado = quando você ainda não começou a experimentar realizar aquela atitude;

Iniciado = quando você já iniciou a experimentar aquela atitude;

Conquistando = quando você está concluindo um processo envolvendo o aprendizado daquela atitude;

Conquistou = quando você já aprendeu definitivamente aquela atitude;

Quase nunca = quase você não adota aquela atitude ou o faz muito raramente;

Poucas vezes = quando você já toma aquela atitude em determinadas circunstâncias;

Muitas vezes = quando raramente você deixa de tomar aquela atitude;

Sempre. = quando você sempre toma aquela atitude.

Após responder ao que foi proposto, chega o momento de você realizar seu próprio planejamento. Você verá que algumas decisões, se tomadas desde agora, implicarão em assumir algumas conseqüências antecipadas. Outras terão que ser novamente adiadas para uma encarnação mais futura. A partir das respostas, elabore então, tudo que você pretende para a próxima encarnação e que poderia ter sido exequível nesta, se você tivesse tomado as decisões acertadas. O que for possível fazer desde já, não espere mais tempo.

Trata-se de idealizar o que é possível a partir de suas próprias capacidades. Há pessoas que, depois de replanejarem suas vidas e vislumbrarem o que pretendem realizar em outra encarnação, efetivamente começam ainda nesta. Se, por exemplo, você pretende alcançar um melhor grau de escolaridade na próxima encarnação, que tal começar agora, matriculando-se num curso noturno ou em suas horas vagas? Se você pretende seguir esta ou aquela profissão na próxima encarnação, porque não começar a habilitar-se desde já, buscando os meios para tal? Se você não conseguiu constituir família nem ter filhos como desejaria, que tal adotar uma criança ou amparar uma família carente?

A maioria das pessoas condiciona seu progresso numa encarnação à obtenção de recursos financeiros. Nem sempre dosamos a quantidade que efetivamente necessitamos. Alguns preferem a sorte grande numa loteria, afirmando que não só resolveria seus problemas como os dos outros. Geralmente seus próprios parentes. Há até quem prometa entregar alguma sobra a instituições de caridade, numa tentativa de colocar-se em vantagem perante os que nada prometem a Deus. Seria o dinheiro um real empecilho para se progredir numa encarnação? É evidente que a resposta é negativa, pois, alguns progressos, efetivamente

dependem dele, mas outros (muitos outros), no campo das relações humanas, principalmente, não dependem de dinheiro algum.

Dessa forma, o planejamento para a próxima encarnação poderá ter menos condicionantes. Quando partimos para o “se”, nada fazemos, pois, tudo dependerá de fatores exteriores desconhecidos. Claro que, muitos fatores não dependerão de nós, mas, o planejamento deve ser feito tendo por base o que é de nossa responsabilidade. Quando assim agimos estamos reduzindo a interferência daqueles fatores. Se, por exemplo, determinamo-nos, nesta encarnação, a realizar, na próxima existência, algo em favor de um grupo de pessoas, às quais sabemos que prejudicamos já nesta encarnação, poderemos alterar, desde agora, algum processo educativo em curso que poderia ser imprevisível para nós. Dessa maneira, pode-se entender o conselho de Jesus ao recomendar a reconciliação com o adversário enquanto estivermos no caminho com ele.

No seu planejamento para a próxima encarnação, naturalmente você gostaria de se encontrar com pessoas a quem hoje devota afeição. Lembre-se que, nem sempre será possível reencontrar todo mundo que você quer. Que tal colocar no meio dessas pessoas, alguém a quem você não tem afeição ou com quem você teve dificuldades de relacionamento? Não se preocupe, o esquecimento do passado favorecerá um bom reencontro, o qual será beneficiado pela sua disposição de transformar esse desafeto em um amigo.

Planejar a próxima encarnação é desejar um futuro melhor para si próprio. Planeja bem quem deseja um futuro melhor também para outrem.

O planejamento da reencarnação constitui-se num grande mercado futuro para determinadas profissões que envolvem o aconselhamento. Os filósofos, psicólogos, psicoterapeutas, sociólogos e educadores em geral, poderão abrir consultórios, clínicas, espaços holísticos de orientação ao encarnado sobre sua futura reencarnação. Claro que nunca é demais lembrar da res-

ponsabilidade de quem venha a dedicar-se a tal atividade. O cuidado deve ser muito grande. Seria oportuno o conhecimento das leis de Deus e da vida no mundo espiritual, para não se resvalar na empulhação de espertalhões. Os Centros Espíritas seriam, naturalmente, os locais mais indicados para tais orientações, quando não se tratem de considerações profissionais.

Naqueles ambientes se iniciará o processo de planejamento da atual e, principalmente, da futura reencarnação do sujeito. Tais consultórios, ou centros espíritas, teriam o amparo de institutos de pesquisa e o apoio de técnicas modernas de investigação do passado e do futuro, do reencarnado. A primeira vista parece algo fantástico se não fosse sério. Trata-se de uma importante forma de orientar o ser humano. Hoje, de forma ainda embrionária, essa orientação, sem o caráter de planejamento, é feita nos Centros Espíritas de orientação kardecista.

# Processamento da reencarnação e a união do espírito com o corpo

O processo reencarnatório ocorre de forma natural. Leis automáticas atuam no processo de forma a possibilitar a reencarnação sem, necessariamente, a atuação de qualquer agente externo. O organismo humano está preparado para, ocorrendo a fecundação, receber um espírito reencarnante. Ele, por si só, através de seu perispírito, será o agente das mudanças físicas necessárias ao seu progresso, durante o processo de divisão celular. A ocorrência da concepção atrairá, na maioria das vezes, um espírito para o corpo. Uma espécie de “janela” se abre para a ligação perispiritual. Pode-se dizer que ocorre uma predisposição orgânica para a ligação de um reencarnante. Algum mecanismo biológico é disparado, ou não é disparado, quando não há espírito para reencarnar. Talvez o disparo ou não, ocorra por conta de opções havidas anteriormente por parte da mãe. A mulher, mesmo sem qualquer problema orgânico que a impossibilite engravidar, traz, de alguma forma, uma matriz em seu perispírito que promove o impedimento. Algum mecanismo que nos escapa a compreensão impede a ocorrência da fecundação ou da concepção.

De acordo com *O Livro dos Espíritos*, na edição de 1860,

a segunda, de Allan Kardec, a união do espírito ao corpo começa na concepção, isto é, na geração ou na ligação do óvulo fecundado ao corpo materno. A concepção é o ato que inicia a ligação energética do espírito a um novo corpo.<sup>15</sup> O espírito que vai reencarnar, liga-se ao óvulo fecundado através de um filamento fluídico (energético) que se estreita até o nascimento. Essa ligação não permite que outro espírito lhe possa tomar o lugar, porém não é suficiente forte para impedir que haja desistência. Por algum receio quanto às provas a que iria submeter-se, o reencarnante pode recuar da nova existência.

Em O Livro dos Espíritos, questão 344, Allan Kardec faz a seguinte pergunta: *“Em que momento a alma se une ao corpo? A resposta dos espíritos vem de forma clara: “A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se encontra no número dos vivos e dos servos de Deus.”*

A ligação é frágil, tênue. Quando não ocorre desistência por vontade do espírito, o desligamento na fase intra-uterina se dá por imperfeição da matéria, e serve como prova para os pais (prova acidental?). Tal prova imposta aos pais, não impede que o ex-reencarnante encontre outro corpo para nascer. O que pode acontecer dentro da mesma família ou não. Interrompida a reencarnação, nem sempre é possível obter imediatamente um novo

---

<sup>15</sup> Alguns autores afirmam que é possível a reencarnação no momento da saída de um espírito de seu corpo, isto é, nos estados de coma ou no cadáver. Banerjee pesquisou um caso com essa configuração em que o espírito (Wassily Kandinsky), falecido em 1944, aos 78 anos de idade, ligou-se, em 1946 a um corpo de um jovem, David Paladin, de 20 anos, que estava em coma já há dois anos. Stevenson relata o caso Jasbir, que morreu aos 3 anos e meio de idade e, horas depois, voltou a vida na personalidade do jovem Sobha Ram, de 20 anos, que morrera à mesma época. Wambach relata experiências em que seus sujeitos diziam ter entrado no corpo durante a gestação.

corpo para aquele espírito. Por vezes há a necessidade de se esperar circunstâncias mais favoráveis.

Essa ligação na concepção não significa que o espírito já esteja compreendido dentro dos limites estreitos do corpo em formação. Ele apenas está ligado ao embrião em desenvolvimento. Durante o período de gestação, geralmente o espírito fica perturbado e aos poucos vai perdendo a lembrança da última encarnação. À medida que o nascimento vai se aproximando, a lembrança do passado vai se tornando mais fraca. Quando retorna à sua condição de espírito, com a morte do corpo, recobra gradativamente sua memória espiritual. Mesmo ligado ao corpo físico, o espírito não perde totalmente a lembrança do passado, pois seus defeitos e qualidades, bem como seus sentimentos, gradualmente reaparecem. Embora esteja ligado ao corpo em formação nem sempre está em seu interior. Preso fluidicamente ao corpo, pode, por sua evolução, estar livre de sua influência até seu nascimento, quando nele se acopla definitivamente para aquela encarnação. Durante a gestação, cada vez mais o espírito se torna inconsciente, perdendo as forças, mergulhando em sono profundo, possibilitando sua reencarnação.

O desenvolvimento de um corpo, durante a gestação, não implica na existência de um espírito, porém, toda criança quando nasce tem necessariamente um espírito encarnado<sup>16</sup>. A formação de um novo corpo independente da presença do espírito, pois obedece a leis biológicas e conta com o auxílio do perispírito materno para se desenvolver. O aborto voluntário implica na impossibilidade de um espírito reencarnar, constituindo-se numa transgressão à vida, às leis de Deus. Todo aquele que pratica ou colabora na sua execução, à exceção do aborto terapêutico, ainda não compreende o valor da vida, demonstrando dessa forma sua ignorância, necessitando aprender através de processos educativos em novas encarnações.

O processo da reencarnação por vezes tem que atravessar

<sup>16</sup> Vide O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, questões 356, 356-a e 356-b.

etapas complexas. Quando o futuro reencarnante teve, ou ainda tem, divergências significativas com um dos pais ou com ambos, que impediram a convivência no passado, será importante um trabalho anterior de aproximação para facilitar o processo educativo futuro. As divergências passadas são geralmente trabalhadas antes da reencarnação, o que não impede que tais sentimentos voltem a ocorrer durante a gestação ou após o nascimento. Algumas dificuldades de relacionamento entre pais e filhos decorrem disso. É nesse aspecto que a Psicologia infantil não pode prescindir dos conceitos reencarnatórios. A criança, vista dentro do contexto amplo das vidas sucessivas, será entendida de forma mais global, permitindo uma abordagem precisa de seu comportamento. Compreendê-la dentro dos limites estreitos de uma existência atual, promove limitações nos métodos de auxílio ao seu desenvolvimento.

Uma vez definidos os pais, passa-se a verificar se, geneticamente, as heranças cromossômicas deverão ser repassadas para o reencarnante. Em caso negativo, haverá a normalização dos genes defeituosos de seus futuros pais. Tais características maternas e paternas podem não fazer parte dos processos educativos referentes ao reencarnante. Da mesma forma haverá alteração cromossômica para acrescentar características não herdadas, ao corpo físico. Tal modificação dá-se pela influência do perispírito do reencarnante. Essa influência ocorre durante o processo de duplicação e divisão celular, nas trocas conhecidas com o nome de “crossing-over”<sup>17</sup>, que são permutações de caracteres genéticos. Equivocadamente essas trocas são atribuídas, pela ciência genética, ao acaso.

Observando pelo viés dos encarnados, o processo reencarnatório exigirá dos futuros reencarnantes alguma adaptação à vida intra-uterina. Como será o processo de acomodação à situação de encarnante dentro das estruturas maternas? Como fica o espírito durante a gestação? Será que ele sofre um proces-

<sup>17</sup> Recombinação de material genético.

so de redução espacial para conter nos limites do organismo materno? À semelhança de certos animais, atravessará uma fase próxima a hibernação?. Tal hibernação lhe exigirá, previamente acúmulo de energias para o período de gestação ou entrará num estado de prostração de forças que facilitará aquela redução? Há necessidade de reduzir o perispírito do reencarnante a uma miniatura de corpo? São interrogações que exigirão análise detalhada a partir de informações científicas e mediúnicas diversas, as quais adirão com as pesquisas em torno da reencarnação.

Certamente que a reencarnação deve parecer uma espécie de “morte”. É a entrada em um mundo diferente e novo e, de certa forma, desconhecido. Pior do que a morte, é a entrada em uma prisão. Sabendo o espírito que reencarnará para se educar e para isto enfrentará provas, qual estudante, é natural que receie o fracasso. Quando já renasce sob o impositivo de expiações, os medos e temores serão maiores. O espírito necessita de auxílio no processo reencarnatório tendo em vista as dificuldades que sabe de antemão vai enfrentar. Frequentemente, ele é amparado por seus familiares e/ou por espíritos interessados em seu sucesso. Às vezes, são companheiros que dependerão de seu sucesso na futura encarnação, por necessitarem dele para suas próprias reencarnações. Dessa forma, é fundamental que o reencarnante adquira confiança no seu futuro e que a reencarnação lhe seja proveitosa, por mais difícil que possa parecer.

Geralmente o recém-desencarnado adquire a forma perispiritual de um adulto. Quando ele vai reencarnar é necessário assumir uma forma adequada ao corpo diminuto que vai receber. Provavelmente ele terá que mentalizar a organização fetal ou uma forma de criança. Tal mentalização facilitará o processo de hibernação como também o esquecimento do passado. Essa hibernação possibilitará menos incômodo à mãe. Os pensamentos do reencarnante são assimilados pela mãe e vice-versa. Se ele estiver em estado de vigília provocará um fluxo mental muito intenso com sua mãe. Na maioria dos casos é fundamental, portan-

to, que o reencarnante hiberne, prostre forças e esqueça o passado. Algumas alterações de personalidade que ocorrem na gestante devem-se ao intercâmbio entre as duas mentes justapostas. É importante que o espírito reencarnante não atrapalhe sua mãe. A boa gravidez é a que não perturba o psiquismo e o corpo materno, além das alterações normais.

O crescimento fetal não se deve à presença do espírito reencarnante. Ele modela o feto no sentido de imprimir suas próprias características. O crescimento pertence ao automatismo biológico. Parece que a organização perispiritual da mãe contribui para esse desenvolvimento. Se a ligação fluídica se dá no momento da concepção, a presença do espírito, interpenetrando o perispírito da futura mãe, pode se dar dias antes. A proximidade do reencarnante induz ao início do processo de ligação. Observam-se, geralmente, alterações psíquicas e até físicas na futura mãe antes da fecundação, pela presença do espírito no seu campo perispiritual.

A mudança de “habitat” que ocorrerá com o espírito promoverá alguma alteração em seu organismo perispiritual. O corpo espiritual, acostumado às características ambientais do espaço espiritual em que existia, sofrerá modificações para o processamento da reencarnação. Vai agora se ligar a um corpo mais denso. Muito mais denso. Algo deve se processar com aquele organismo acostumado a densidade próxima de zero. O organismo perispiritual, após a morte do corpo físico, deve a ele assemelhar-se. Mas não em tudo. Pelo menos em matéria de alimentação e sexo deve haver alguma diferença. Quando aquele organismo espiritual vai reencarnar, o corpo físico em formação deve imprimir-lhe novas características. O processo da reencarnação deve fazer com que o espírito perca (transforme) alguma parte do seu corpo espiritual, adquirida no tempo de intermissão. Tal perda, ou “morte”, corresponde ao processo de restringimento do perispírito. O período de vida no corpo físico, propicia o desenvolvimento de uma outra parte daquele organismo perispiritual. A

parte, que se desenvolve com a formação do corpo, desde o embrião, é conhecida com o nome de Duplo Etérico. O fenômeno da perda da parte “astral” do perispírito, isto é, daquilo que se desenvolve no perispírito após a morte do corpo físico, pode, como foi dito, ser visto como uma “morte”. O espírito se desliga de “alguma coisa” quando reencarna. Durante a fase de crescimento do embrião, o perispírito vai se entranhando na corrente sanguínea e nervosa do feto. Quando o córtex estiver completamente formado sua ligação será muito consistente com aquela região cerebral. Alguns sensitivos em desdobramento, afirmam que há uma espécie de cordão fluídico, o qual liga o perispírito ao corpo, e que se localiza um pouco acima da nuca, na base do cérebro.

Não há uma encarnação igual a outra pelo mesmo motivo que não existe um ser humano igual a outro. As provas, dificuldades e desafios, que cada espírito irá atravessar, são diferentes. Os cuidados são distintos. Uns precisam do auxílio de espíritos técnicos em reencarnação para que o processo se dê, outros reencarnam automaticamente, outros ainda, realizam seu próprio processo. O processo reencarnatório não se conclui no nascimento. O espírito ainda precisará de certos cuidados até completar sua união total com o corpo. A finalização do processo reencarnatório ocorre quando: a) o espírito assume sua independência, isto é, o controle sobre o corpo; b) ocorre o começo da fixação da noção de responsabilidade; e c) ocorre o distanciamento definitivo dos pensamentos vinculados ao passado, à medida que o inconsciente já está suprido de memórias da existência atual. Os pensamentos da fase infantil são forjados a partir das últimas personalidades do espírito (principalmente a última), cuja influência o período de hibernação gestacional não foi capaz de eliminar. Talvez tal influência se finde com o início da puberdade. Há autores que afirmam que isso se dá em torno dos sete anos. É em torno dessa idade, que as crianças que se lembram espontaneamente de encarnações passadas, começam a

esquecê-la. Não há evidências quanto a precisão dessa idade. Varia de espírito a espírito.

Cada espírito atravessa um processo próprio de crescimento e distanciamento de seu passado. Sua aceitação como membro daquele grupo no qual reencarnou é fundamental para que o processo se concretize sem traumas. Dá-se, com muita frequência, conflitos devido à rejeição, velada, ou não, da família ao reencarnante e vice-versa. Tais conflitos são oriundos de situações não resolvidas no passado entre eles. Conquistar afetivamente os membros da família na atual encarnação é fundamental para se quebrar vínculos que atrasam o crescimento do espírito.

Em seu livro *A Morte da Morte*, Pierre Weil, dentre outros assuntos, aborda a reencarnação dos “*Tulkus*”, que, para ele, é a reencarnação de uma emanção, uma parte, de um mestre anterior e que demonstram ter um conhecimento digno dele. Os *tulkus* são seres que reencarnam e lembram-se, espontaneamente de sua vida passada.

Para o autor, e segundo a tradição tibetana, um mestre pode fazer reencarnar vários *tulkus*. O conceito exposto não fere o entendimento ocidental sobre o processamento da reencarnação. O processo e a lembrança espontânea também se verifica entre aqueles que não demonstram o conhecimento que um *tulku* é portador. A questão principal é sobre o que reencarna. A encarnação em um corpo humano é prerrogativa de uma individualidade e não de parte dela.

Se admitirmos que, ao reencarnar, o espírito não manifesta todo o seu conhecimento passado, isto é, se ele pudesse manter “esquecida” determinada habilidade que lhe poderia ser prejudicial, a questão do *tulku* estaria enquadrada dentro desta hipótese. Mesmo assim ficaria sem explicação a simultaneidade dos *tulkus* de um mesmo mestre desencarnado. O que valeria dizer que não há individualidade no *tulku*. Creio que o assunto, novo para nós, deverá ser objeto de análises mais profundas quando

se cruzarem informações exatas de *tulkus* distintos, supostamente emanados de um mesmo mestre. A mediunidade, se colocada a serviço desta verificação, poderia trazer novos elementos sobre o assunto. O mestre desencarnado, chamado a se manifestar, declararia quem são seus *tulkus*. Por enquanto tal possibilidade fica no terreno das especulações.

## Argumentos contrários

Geralmente as argumentações contrárias à reencarnação vêm dos meios religiosos. Embora se façam referências religiosas sobre a reencarnação, não se deve perder tempo com tal discussão no campo da crença. Crer em algo é um ato unilateral. A discussão deve ocorrer no campo científico. A razão será sempre melhor conselheira que a crença, muito embora, às vezes, esta demonstra os equívocos preconceituosos daquela. Contra fatos não há argumentos. Deve-se discutir, se são ou não fatos. Os casos documentados são inúmeros. As pesquisas são reveladoras. O argumento da autoridade de quem afirma ou negue acreditar na reencarnação não é suficiente para que ela seja verdadeira ou falsa. São necessárias provas. Provas consistentes. Contra as quais não se tenham dúvidas. O excelente trabalho do Engenheiro Hernani Guimarães Andrade se constitui num demonstrativo do quanto se deve ser rigoroso na análise das informações obtidas sobre reencarnação. Após analisar os dados obtidos em suas pesquisas, que se limitaram aos fenômenos de lembranças espontâneas, ele verificou hipóteses. Por último, certificou-se que a reencarnação era a que conseguia explicar todos os dados e resultados obtidos. Antes de afirmar ser um caso de reencarnação, verificou se não se tratava de: fraude deliberada, informação direta e criptomnésia, telepatia, percepção extra-sensorial, memória genética e, por último, se não se tratava de incorporação

mediúnic. Esta última hipótese pode explicar alguns casos que parecem de reencarnação e que, numa análise mais profunda, decorrem de influência espiritual mais prolongada.

Não se deve afirmar que toda lembrança que se tem, ou mesmo os sonhos, referem-se a encarnações passadas. Vive-se hoje numa era em que a imagem tem valor especial. A televisão projeta para seu telespectador imagens numa velocidade e intensidade muito grande. Não é possível gravar conscientemente tudo que se vê. Por um mecanismo automático, elas passam diretas e são captadas e gravadas no inconsciente. Muitas lembranças podem vir dessas imagens registradas no inconsciente. Elas, pelo seu colorido e conteúdo latente, podem, mais adiante, despertar emoções semelhantes àquelas produzidas a partir de lembranças do passado. O fato de se creditar à reencarnação tudo o que não se pode explicar, geralmente leva à descrença e a buscar-se novos argumentos contrários.

Outra questão que comumente se levanta, quando se fala de reencarnação, é sobre a população. De onde vem tanto espírito? E a super população? A questão nos leva a uma análise ampla da vida no Universo. Como se sabe, o Universo além de ser infinito<sup>18</sup>, contém muitos planetas que podem ter condições de vida semelhantes a da Terra. Os espíritos transitam de mundo a mundo em processo constante de aprendizagem. Assim como há uma mobilidade social muito grande entre as cidades na Terra, também há entre os mundos. Não se aprende tudo sobre as leis de Deus num único mundo. Cessada a possibilidade de aprender-se mais, naquele mundo, passa-se a outro mais evoluído, até não mais se precisar reencarnar. A população de espíritos encarnados e desencarnados, humanos, vinculados à Terra, nos mais diversos planos espirituais de seu campo, supera a casa dos vinte bilhões de habitantes<sup>19</sup>. Dia chegará, graças ao planejamento familiar e a outros mecanismos reencarnatórios, em que haverá uma

<sup>18</sup> Para uma compreensão mais correta e detalhada sobre o Universo e sua infinitude, sugiro a leitura do excelente livro *Possibilidades Evolutivas* de Djalma Motta Argollo.

compensação entre mortes e renascimentos. Os futurólogos encarnados dizem que a Terra estabilizará em cerca de 12 a 14 bilhões de habitantes de encarnados.

Outra objeção que se faz é quanto ao esquecimento do passado. Algumas pessoas até que aceitariam a reencarnação, mas rejeitam-na por que não queriam esquecer o passado. Tal rejeição vem do fato de se temer o desconhecido. O desconhecido passa a ser absurdo. Questiona-se: se eu não sei o que ocorreu no passado, então para que me serve reencarnar? A rejeição pode dar-se por aversão inconsciente ao passado conflituoso que se teve. Pelo simples fato dele não ter sido agradável. Tudo fruto do desconhecimento real sobre a importância do esquecimento do passado. Sem ele, é impossível ao espírito educar-se. Ora, como seria possível retornar à convivência com um inimigo, que já não seria do passado, pois pela lembrança constante, seria sempre do presente? A obrigatoriedade da convivência com um inimigo se fundamenta na necessidade de se aprender a lei de Amor. Aprendemos com a convivência com os contrários.

Mas a maior objeção decorre do preconceito religioso. A maioria é educada dentro de preceitos rígidos que fazem campanha aberta contra a reencarnação e contra outras teses espíritas. Desde criança, aprende-se que só há uma vida reforçando-se o absurdo de que a morte representa o fim do ser humano. O materialismo contribui para essa visão destrutiva da vida auxiliando a descrença na reencarnação. O materialismo, esse sim, é a maior chaga da humanidade. Não só destrói o conhecimento da verdade, mas também tira do ser humano seu principal influxo para a felicidade, a esperança no futuro. O preconceito religioso contra a reencarnação contribui para a difusão do materialismo. Sem querer, ou propositadamente, aqueles religiosos que combatem a

---

<sup>19</sup> O espírito Emmanuel, através de Chico Xavier, no capítulo 9 do livro Roteiro, prefaciado em 1952, afirma textualmente: "*Mais de vinte bilhões de almas conscientes, desencarnadas, sem nos reportarmos aos bilhões de inteligências sub-humanas que são aproveitadas nos múltiplos serviços do progresso planetário, cercam o domicílio terrestre, demorando-se noutras faixas de evolução.*"

reencarnação, estão engrossando as fileiras dos materialistas.

Porque a crença da reencarnação é maior em certas culturas que em outras? Porque a maioria dos casos de lembranças espontâneas se dá em países, cuja crença na reencarnação é mais favorável? Certamente por alguma particularidade especial daquelas culturas. O processo de surgimento de uma nação, envolvendo a consolidação de costumes, ritos e mitos, introduz idéias calcadas em princípios diversos, cujo alcance se perde no tempo. A crença na reencarnação pode ter-se originado a partir de algum indício de lembrança espontânea do passado, ocorrida com certa freqüência em alguma cultura.

Pensar-se que, pelo fato de se encontrar essa facilidade em certas culturas, a reencarnação seria um equívoco coletivo, é o mesmo que considerar a existência de Deus inverossímil, embora sua crença generalizada em todas as culturas e em todas as épocas. Na Revista Espírita de 1864, página 146, num artigo intitulado *A Escola Espírita Americana*, Allan Kardec analisa a oposição maior à reencarnação, dentre os princípios espíritas, na América do Norte, considerando que sua crença chocava com o preconceito de cor, arraigado naquela sociedade. Ele afirmava que os próprios espíritos não ensinavam abertamente tal conhecimento por prudência, mas que, à época propícia, o fariam. Os preconceitos sociais são dificultadores para a disseminação de certas idéias que, a despeito disso, por serem verdadeiras, surgem na época adequada. Allan Kardec tinha razão em sua análise pois, os Estados Unidos é hoje o país com maior número de estudos sobre reencarnação em universidades.

Tais objeções decorrem do estágio espiritual em que se encontra a humanidade terrestre. Embora sejamos uma civilização que beira os duzentos mil anos (ou mais), estamos na infância espiritual. Alcançar a compreensão das leis de Deus, requer maior avanço do espírito. A evolução é contínua, lenta, mas progressiva. Para compreensão de certas leis, o espírito necessita conquistar algumas faculdades. Essas faculdades não são físicas, mas

psíquicas. O aprendizado pela reencarnação faculta ao espírito essa conquista.

As objeções são fruto do preconceito. Se o ser humano de bom senso mergulhasse detidamente na análise dos fatos, veria o quão verossímil ela é, o quão coerentemente ela explica muitas coisas. Além disso, ela se torna lógica pelas oportunidades de aprendizagem que faculta ao espírito, ainda ignorante das leis de Deus. Falta muito pouco para seus opositores renderem-se às evidências dos fatos.

Deixo de analisar as considerações dos que se opõem à reencarnação fundamentando seus argumentos em textos bíblicos. Em que pese o extraordinário valor histórico e religioso da Bíblia, ela não deve ser utilizada para dogmatizarem-se idéias e posições que exigem argumentação científica.

# Breve Histórico

Penetrar nos primórdios da história universal é fundamental para compreensão das investigações e da metodologia empregada no estudo da reencarnação, como também para se verificar como ela esteve presente nas diversas culturas da antiguidade. As tentativas levadas a efeito de prová-la servem como exemplos para encontrar-se o modelo adequado de investigação. A preocupação básica é encontrar um modelo que obedeça ao rigor científico. O estudo de casos de lembranças espontâneas tem sido útil para se conhecer os padrões<sup>20</sup> existentes no processo da reencarnação. Tais padrões, por estarem presentes em épocas distintas, culturas diversas e obtidos de formas diferentes, oferecem a base para o estabelecimento de uma lei. A lei dos renascimentos.

As tradições religiosas e filosóficas, orientais e ocidentais, têm de ser exaustivamente examinadas para expor todas as considerações, argumentos e fatos, contra ou a favor da reencarnação. No sentido de se eliminar, em princípio os mitos e preconceitos daquilo que é real, é importante que as pesquisas se reportem às eras mais remotas da história da Humanidade.

A intimidade da História e da Filosofia com a Religião vem da própria gênese da abordagem sobre os fatos e fenômenos relacionados com o ser humano. Difícil é encontrar uma linha di-

---

<sup>20</sup> Informações a respeito dos mecanismos que envolvem a reencarnação encontradas de forma repetida em casos diferentes e obtidas por métodos distintos.

visória, quando de seus primórdios, entre a Religião, a História e a Filosofia. A ruptura das abordagens dessas três áreas se deu a partir da identificação de objetos próprios e, quando não mais cabia o viés de uma delas sobre as outras, possibilitando o estabelecimento da demarcação entre esses conhecimentos. Assim mesmo, ainda existem aspectos comuns que interessam simultaneamente a elas. A minha abordagem conterà a presença da reencarnação nas diversas culturas, religiosas ou não, bem como na História e na Filosofia, por encontrá-la sob seus domínios. Não tenho a pretensão de ter examinado tudo, a bibliografia deverá ser consultada para análises mais profundas.

As religiões no mundo, de alguma forma se relacionaram com a reencarnação. Numas, como crença auxiliar; noutras, como raiz básica. Em algumas delas só é possível a compreensão de suas doutrinas a partir de sua relação fundamental com a reencarnação.

Se observarmos três importantes religiões que serviram de alicerce a outras tantas, teremos uma visão ampla da presença da reencarnação no mundo, e que serve como fundamento para a constituição doutrinária de suas filosofias.

Os primeiros livros onde encontramos a doutrina da reencarnação são os Vedas, em cuja matriz surgiram as religiões primitivas na Índia. Os Vedas contêm hinos sagrados, de onde se pode extrair o seguinte:

*“Há uma parte imortal do homem que é aquela, ó Agni, que cumpre aquecer com teus raios, inflamar com teus fogos. De onde nasceu a alma? Umam vêm para nós e daqui partem, outras partem e tornam a voltar.”*

No Código de Manu (Manava - Dharma - Sastra, 1.300 a.C.), que teria sido uma das fontes fundamentais das primitivas crenças religiosas da humanidade, e que é tão antigo que já era citado no “Rig-Veda”, já ensinava a reencarnação no Hino dos Apris:

*“Após a morte, as almas dos homens que cometeram más ações tomam um outro corpo, para a formação do qual concorreram os cinco elementos sutis, é que é destinado a ser submetido às torturas das zonas inferiores.”*

No Bhagavad-Gita também encontramos o seguinte diálogo entre Krishna e Arjuna:

*“A alma não nasce nem morre nunca; ela não nasceu outra nem deve renascer; sem nascimento, sem fim, eterna, antiga, não morre quando se mata o corpo. Como poderia aquele que a sabe impecável, eterna, sem nascimento e sem fim, matar ou fazer matar alguém? Assim como se deixam as vestes gastas para usar vestes novas, também a alma deixa o corpo usado para revestir novos corpos. Eu tive muitos nascimentos e também tu, Arjuna; eu as conheço todas, mas tu não as conheces...”*

Algumas doutrinas que se desenvolveram em conjunto com o Hinduísmo, o Budismo e o Taoísmo, incluem a teoria da reencarnação ou renascimento. Em adição às cosmologias que se desenvolveram em torno daquelas religiões, os hinduístas e os budistas desenvolveram uma ou outra versão da lei do *Karma*. Tal adição contribuiu para uma visão mecanicista da reencarnação, como uma espécie de corolário da “lei” de causa e efeito, adotado pela Física clássica. A partir dessa visão, criou-se a interpretação errônea de que a reencarnação significa o retorno a situações exatamente iguais às do passado.

Qualquer uma dessas cosmologias defende que uma realidade uniforme está por detrás de um mundo variado e complexo e em constante mutação, no qual nós vivemos. Em contraste com essa realidade fundamental, as coisas e as condições do mundo dito material, são categorizadas como irrealis, passageiras. Nessas cosmologias, a evolução da alma através das suas diversas vidas materiais e nos intervalos entre essas vidas, tem um objetivo. Este objetivo é alcançar a completa liberação do mundo material e reemergir na realidade fundamental (Brahma, Tao, Nirvana, Espírito Universal, Deus, etc.).

O Budismo compreende, fundamentalmente, duas grandes divisões: Budismo Hinayâna e Budismo Mahâyna. Seu criador chamava-se Sidarta Sakia Muni Gautama (560 - 480 a.C.). O Budismo ensina que aquilo que reencarna é uma energia (psicofísica) que passa de uma para outra encarnação. Em lugar da alma existe Anatta (não eu). No Tibete, a seita Theravada ensina que um princípio denominado Namshes é aquilo que se reencarna. Segundo a escola Mahâyna ou Grande Veículo, o homem sofre transmigrações como alma. Ao morrer, a alma deve passar por um dos 31 estados ou regiões.

O Hinduísmo e o Budismo incluem a doutrina do *Karma*. A idéia básica de *Karma* é que os pensamentos e ações, em qualquer momento, afetam a natureza subsequente da alma e um certo grau de seu apego ao mundo material; desta maneira, tais pensamentos ou ações aumentam a separação da alma da realidade fundamental e intensificam também sua união ao mundo material. O comportamento do indivíduo é determinante no seu processo evolutivo e, conseqüentemente, pode gerar uma ligação intensa ou não com uma situação ou pessoa, vinculando-o mais ainda ao mundo material. Aquela realidade fundamental por detrás do mecanismo da reencarnação, é um dos padrões percebidos nos diversos casos estudados.

No Taoísmo, o pensamento ou ação generosa e desinteressada, facilita o retorno à realidade básica. O Taoísmo não possui uma doutrina tão robusta quanto o Budismo e o Hinduísmo, mas defende um objetivo semelhante e descreve meios similares para sua obtenção.

No Egito, as religiões mais antigas, pregavam a preexistência da alma antes do seu nascimento neste mundo, assim como na sua pós-existência depois da morte e nos muitos nascimentos da alma neste e em outros mundos. O muito antigo “Livro Egípcio dos Mortos”, atribuído a Hermes Trimegisto, contém várias referências ao renascimento da alma.

Outros escritos a ele atribuídos, existiam no começo da era

cristã. Esta tradição hermética, junto com outros mistérios egípcios, constituía um grande rival ao Cristianismo durante os seus primeiros séculos. Os escritos herméticos contêm doutrinas do renascimento, da derivação de todas as almas de uma só Alma do Universo, da evolução das almas através duma seqüência de um nível elevado de formas animais, culminando nos seres humanos.

No mais autêntico livro de Hermes, “Pimander”, extrai-se o seguinte:

*“O destino do espírito humano tem duas fases: cativo na matéria, ascensão na luz. As almas são filhas do céu, e a viagem que fazem é uma prova. Na encarnação perdem a reminiscência de sua origem celeste. Cativas pela matéria, embriagadas pela vida, elas se precipitam como uma chuva de fogo com estremecimentos de volúpia, através da região do sofrimento, do amor e da morte, até à prisão terrestre em que tu mesmo gemes, e em que a vida divina parece-te um sonho vão. As almas inferiores e más ficam presas à Terra por múltiplos renascimentos, porém as almas virtuosas sobem voando para as esferas superiores, onde recobram a vista das coisas divinas.”*

O livro de Fontane (3.000 a.C.) menciona:

*“Antes de nascer a criança viveu, e a morte não é o fim. A vida é um evento que passa como o dia solar, que renasce.”*

O sacerdote sebenita, Manethon, afirmava que a reencarnação era a idéia fundamental da religião egípcia. De fato, o papiro Anana (1320 a.C.) diz o seguinte:

*“O homem retorna à vida várias vezes, mas não recorda de suas prévias existências, exceto algumas vezes em um sonho, ou como um pensamento ligado a algum acontecimento de uma vida precedente. Ele não pode precisar a data ou o lugar desse acontecimento, apenas nota serem-lhe algo familiares. No fim, todas essas vidas ser-lhe-ão reveladas.”*

Religiões significativas da Pérsia, principalmente o Zoroastrismo (século VII a.C.), na sua forma genérica popular e dinâmica, seguiam doutrinas contendo a reencarnação, com a concepção de uma espécie de justiça cósmica (*Karma*) de que as almas recebiam os seus prêmios ou castigos merecidos nas vidas futuras. Há registros de que, da Pérsia, a crença da reencarnação foi levada à Grécia.

A religião ortodoxa Islâmica não aceita nenhuma doutrina de reencarnação. Apesar disso, algumas escolas esotéricas dentro do Islamismo – tais como os Sufis e os Drusos, defenderam fortemente a reencarnação. Alguns místicos islâmicos e poetas sufis como Rumi, Hafiz e outros, defendiam abertamente a reencarnação apresentando suas idéias de forma muito precisa como podemos ler no Mathnawi de Rumi:

*“Morri como mineral e tornei-me planta, morri como planta e tornei-me animal, morri como animal e fui homem. (...)”*

*“Por um milhão de anos flutuei no éter, assim como um átomo flutua sem controle. Se agora não me recordo destes meus estados, com frequência sonho com minhas viagens atômicas. E sou somente uma alma, embora tenha tido cem mil corpos.”*

*“Existiram mil mudanças de forma... Olhe somente a forma presente, porque se olhar as formas do passado, se separará do verdadeiro Eu. (...) Por que então desviar o rosto da morte? Uma vez que o estágio seguinte sempre foi melhor que o anterior, morra de maneira feliz e olhe adiante de si para assumir uma nova e melhor forma. Deve morrer antes de se melhorar.<sup>21</sup> Como o sol, somente quando tiver chegado ao ocidente, poderá surgir de novo fúlgido no oriente.”*

De acordo com Flavius Josephus, o 1º historiador judeu do século I d. C., as três escolas antigas de pensamento e prática da religião judaica – os Saduceus, os Fariseus e os Essênios – diferenciavam-se acerca do destino da alma após a morte do corpo. Os Saduceus defendiam que a alma morria juntamente

<sup>21</sup> Esta frase pode ser entendida como: “você deve morrer antes que consiga aperfeiçoar-se” ou ainda, “é necessário nascer de novo”.

com o corpo. Os Fariseus acreditavam na imortalidade da alma, no renascimento das almas das pessoas boas noutros corpos e o castigo eterno das almas dos mais fracos moralmente. Os Essênios aceitavam a imortalidade e rejeitavam a reencarnação. Os judeus, em geral, não tinham uma compreensão precisa sobre o termo, muito embora alguns acreditassem que Jesus era um dos profetas que havia voltado. Outros chegavam a acreditar que Jesus era João Batista.

O Velho Testamento contém passagens (Provérbios 8:22-31; Jeremias 1:4-5) nas quais os autores professam que teriam existido anteriormente ao nascimento físico. Em Malachias (4:2-6) vamos também encontrar a previsão do retorno de Elias, como sendo o mensageiro que viria antes do Cristo.

A tradição mística judaica, a Kabala, contém referências de casos específicos de reencarnação e de uma doutrina geral. Tal doutrina, presente no clássico Zohar, inclui um princípio que governa a reencarnação, notadamente que as almas têm de voltar à substância divina, da qual são originárias, e que alma alguma poderá fazer isso até ter desenvolvido todas as perfeições. Para isto, deverão continuar renascendo no mundo físico até terem conquistado as perfeições, as quais existem potencialmente em cada indivíduo na sua origem.

De acordo com o “Talmud”, Deus criou um número limitado de almas. Estas deverão purificar-se, através da reencarnação, até o dia da Ressurreição.

A doutrina do renascimento passou à Grécia através de Pherekydes e de seu discípulo Pitágoras (contemporâneo de Buda). Pitágoras lembrava-se de várias existências anteriores. Ele reconheceu uma couraça, dizendo tê-la usado na guerra de Tróia. Nesta ocasião fora Euphorbus.

A reencarnação está presente em várias culturas. Entre os Celtas, os Druidas da Gália antiga e os Teutões.

Na Inglaterra, antes do advento do Cristianismo, a sobrevivência após a morte e a reencarnação, eram crenças ensinadas pela Feitiçaria.

Os Cátharos (séculos XI e XII), na França, eram reencarnacionistas.

Na África, entre os aborígenes, essa crença é generalizada. As tribos vizinhas ao rio Congo crêem no renascimento. Os Bagongos sabem que as crianças podem recordar-se de suas prévias existências.

Os Bassongos, crêem que, após a morte, a alma dirige-se a Deus no centro da Terra. Após um período entre 2 meses a 2 anos, a alma sente saudades e solicita permissão para retornar à vida terrena. Então, o espírito se reencarna. Se a criança nascer com uma cicatriz ou marca semelhante à do parente falecido – o que pode ocorrer – tal fato implica no reconhecimento imediato da reencarnação. Quando a parturiente sofre dores muito intensas, significa que o renascido teve morte dolorosa. Eles admitem, também, a troca de sexo de uma para outra reencarnação.

No Alasca, entre os índios da tribo Tlingit, é crença geral que os sinais e cicatrizes podem reaparecer no corpo do renascido. Entre os Esquimós, há inúmeros casos de pessoas que se recordam de suas vidas pregressas.

Diversas tribos de Peles-Vermelhas aceitam a reencarnação. Os Winnibagos crêem na reencarnação. Crença idêntica existe entre os índios Chippeway. Eles estão certos de que, em seus sonhos, podem reviver acontecimentos de encarnações passadas.

Na Turquia e no Líbano, a reencarnação é aceita pela seita dos Drusos. Há grande número de pessoas nessa região que se recordam de suas vidas pregressas, sendo alguns casos, objeto de investigação pelo canadense Ian Stevenson, como veremos mais adiante.

A reencarnação nunca teve papel significativo no desenvolvimento do Cristianismo. A principal corrente do Cristianismo tradicional, o Catolicismo, nunca acolheu abertamente a doutrina da reencarnação nas suas crenças, enquanto pensadores importantes e seitas dinâmicas abraçaram uma ou outra versão da doutrina dos renascimentos terrestres.

Um conselho ecumênico importante (o 2º de Constantinopla, em 553 d.C.), anatematizou todas as concepções da preexistência da alma e do renascimento, que faziam parte das teses de Orígenes (185 - 254 d.C.), o qual foi excomungado em 232 d.C. porque adotava a reencarnação<sup>22</sup>. Um dos expoentes máximos da Igreja, Clemente de Alexandria, preceptor de Orígenes, aceitava a reencarnação e, ainda mais, afirmava que São Paulo também professava tal crença.

Pode ser argumentado que muitas passagens no Novo Testamento, pressupõem de alguma forma a doutrina de reencarnação. Na Bíblia vamos encontrar, ainda que em certos casos de forma velada, referências sobre a reencarnação, como por exemplo:

*Jó, 8:8/9 - “Pois eu te peço, pergunta agora a gerações passadas, e atenta para a experiência de seus pais; porque nós somos de ontem, e nada sabemos.”*

*Salmo, 71:20 - “Tu, que me tens feito provar tantas angústias e males, me restaurarás a vida e de novo me tirarás do abismo da terra, aumentarás minha grandeza e de novo me consolarás.”*

*Ezequiel, 37:12 a 14 - “Sabereis que eu sou o Senhor quando eu abrir vossas sepulturas e vos fizer sair delas, porei em vós o meu espírito e vivereis, e vos estabecerei em vossa própria terra.”*

*Malaquias, 4:5 - “Eis que vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor.”*

*Mateus, 11:14 - “Se puderdes compreender, ele<sup>23</sup> mesmo é o Elias que devia vir.”*

*Mateus, 16:13/14 - “E Jesus perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que sou?” E responderam: uns, João Batista, outros Elias, outros Jeremias, ou algum dos profetas.”*

*Mateus, 17:12/13 - “Mas eu vos declaro que Elias já veio e não o reconheceram, antes fizeram-lhe tudo o que quiseram. Então compreenderam os discípulos que lhas falava de João Batista.”*

*Mateus, 26:52 - “Todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.”*

*João, 3:1 a 13 - “O que é nascido da carne, é carne; o que é nascido do espírito, é espírito; não te admires de eu dizer: necessário vos é nascer de novo.”*

<sup>22</sup> Para Orígenes, a reencarnação se processava em outro mundo.

<sup>23</sup> O Cristo se referia a João Batista.

*João, 5:28 - "...todos os que estão no túmulo ouvirão a sua voz e sairão, os que fizeram o bem para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição do juízo."*<sup>24</sup>

Da mesma forma vamos encontrar em Marcos, capítulo 6 e em Lucas, capítulo 9, descrições de João Batista como Elias renascido. Em João 9: 1-3, a discussão de que, a causa da cegueira de um homem desde seu nascimento poderia ser o seu próprio pecado (versus o de seu pai) pressupõe claramente que o homem cego poderia ter vivido uma vida prévia.

A tradição da filosofia ocidental, desde os pré-socráticos, sofreu grande influência do ocultismo. As antigas religiões, formaram uma matriz na qual, pelo menos, algumas raízes da filosofia amadureceram e cresceram. Uma leitura de fragmentos de Pitágoras e Parmênides e dos diálogos de Platão, sem os preconceitos introduzidos posteriormente, revela um estilo de pensamento e um entendimento da realidade que têm muito em comum com as doutrinas místicas.

Nos Diálogos de Platão - "*Fedon*", "*Banquete*" e "*República*" a reencarnação é apresentada como um dos ensinamentos de Sócrates.

Na "*República*", livro X, vers. 614 a 620, há o seguinte episódio de Er, filho de Armênio, originário da Panfília:

*"Após 12 dias de morte aparente, Er recupera-se e conta o que viu no mundo dos mortos. Relatou como se dá o retorno das almas para o renascimento. O rio Ameles e o esquecimento das vidas passadas."*

Anterior a Sócrates, pelo menos Pitágoras, Heráclito e Empédocles, expressaram claramente idéias de reencarnação. Sócrates não deixou escritos seus, e é difícil estar-se certo do que ele pensava a respeito de temas fundamentais. Ele aceitou,

<sup>24</sup> Vide ainda: Job, 1:21 — Jó, 14:14 — Jeremias, 1:5 — Salmo 78:33/34 — Malaquias, 1:2 e 3 — Marcos 8:27/28; 9:11 a 13 — Lucas 1:17; 6:24 a 28; 9:18/19 — João, 8:56 a 58; 9:1 a 3 — Romanos, 9:13 — Efésios, 1:3 a 5.

contudo, como genuína a voz do “*daimon*”<sup>25</sup> que falava em sua cabeça e o avisava de ações que iriam entrar em conflito com os princípios éticos. É em *Fedro*, um dos livros de Platão, onde ele fala da doutrina da existência da alma antes de entrar neste mundo, assim como após sua partida dele.

Escola que compreendia o museu e a biblioteca de Alexandria, o Neo-Platonismo foi o movimento filosófico mais antigo associado aos princípios do ocultismo que defendia a reencarnação. Tal movimento incluía grandes figuras como Plotino, Orígenes, Porfírio e Proclus. A escola em Alexandria foi destruída pelo Bispo de Alexandria, “Santo” Cyril, em 414 d.C. e a escola em Atenas foi encerrada pelo imperador Justiniano em 529.

Na Renascença, a Kabala e outros movimentos místicos, ganharam nova vida. Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, Paracelsus e outros, absorveram idéias - incluindo a reencarnação - destas fontes. A Igreja permaneceu insensível a estas influências; Bruno foi queimado vivo por heresia em 1600.

Por que está a reencarnação presente nas mais diversas culturas desde as épocas mais remotas? Qual seria a causa da crença tão generalizada da reencarnação, que parece ter surgido junto com a humanidade? Que experiências teriam levado as pessoas a crer no renascimento? Por que o ser humano moderno, especialmente o ocidental, aceita como crença, mas nega-se a aceitar a reencarnação de forma vivencial? Não será porque a reencarnação é um fato, uma experiência universal? As respostas a essas e outras questões certamente surgirão na medida em que o ser humano avançar no conhecimento a cerca de si mesmo e pesquisar sem preconceitos a reencarnação.

A filosofia contemporânea não dá ênfase a ela, preferindo ignorá-la. A ascendência do misticismo na sociedade, contribuiu para o afastamento da filosofia da discussão sobre o tema. O fato de ter sido um assunto do domínio (erroneamente) da religião, contribuiu para essa aversão.

<sup>25</sup> Espírito protetor, guia espiritual.

A despeito da filosofia e em pleno século XX, as investigações sobre o tema tomaram novo impulso. Na França, com Albert De Rochas, na Índia com Hamendras Nat Banerjee, nos Estados Unidos, com Ian Stevenson. Cada um desenvolvendo diferentes métodos de pesquisas, a partir de fatos concretos, trouxeram nova luz a respeito da reencarnação, principalmente introduzindo-a como objeto de investigação científica.

As referências históricas, mostram a dimensão da presença da reencarnação na humanidade. No Egito, na Pérsia, na Grécia, na Índia, no Japão, na China, no Alasca, na Europa, em toda parte, há referências à reencarnação como crença auxiliar ou como raiz das mais diversas religiões.

O Espiritismo, com Allan Kardec, trouxe de volta a reencarnação como paradigma fundamental de sua doutrina da evolução. Através do Espiritismo, a reencarnação é analisada sob o ponto de vista sociológico e moral. A doutrina das vidas sucessivas é o alicerce da evolução. A frase “Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei” resume o significado da reencarnação para o Espiritismo. Nele, não é apenas tratada como objeto de crença, mas principalmente como mecanismo principal da evolução. Espinha dorsal do processo. Sem a chave da reencarnação não é possível a compreensão de seus fundamentos. Os espíritos, autores da Doutrina Espírita, fizeram dela um dos pilares básicos de sustentação do edifício em que se ergue o conhecimento espírita.

À história interessam os fenômenos sociais, ao contrário dos acontecimentos singulares, de duração breve. A reencarnação, se estudada como um fenômeno social, interessa à história enquanto ciência, que guarda dependência recíproca dos fatos sociais. Os fatos passados tiveram a participação determinante do ser humano, e foi ele seu principal causador. Os indivíduos que decidiram a história retornam numa nova existência. São eles que, trazendo as marcas desse passado de forma indelével, repetem, muitas vezes, aqueles fatos. Pode-se perceber, por similari-

dade, a repetição de certos fatos na história. Na análise sociológica das sociedades, encontra-se também a repetição de certos fenômenos que parecem retornar de forma pouco diferente de similares ocorridos no passado. Geralmente decorrem da volta dos mesmos personagens que foram e são responsáveis pelos mesmos fenômenos, em épocas distintas. A história da humanidade é a história dos indivíduos. É a história do pensamento do ser humano que, sendo o mesmo, retoma suas idéias. São as pessoas que fazem a história. São elas que repetem os fenômenos. A exemplo, pode-se citar o período renascentista da época pós-medieval, cujos reflexos alcançaram as artes, a moral e os costumes. Idêntica consequência pode ver-se no período imediatamente posterior à 2ª Guerra Mundial, em que houve uma verdadeira revolução nos costumes, com a crescente valorização do ser humano, da arte, da cultura, etc.

A humanidade parece ter de volta, numa nova geração, as mesmas idéias norteadoras de movimentos sociais anteriores. Fala-se nas mudanças que ocorrerão no terceiro milênio, na face do planeta. Que leva de espíritos reencarnarão a fim de proporcionar tais mudanças tão esperançosamente anunciadas? Será que nós reviveremos os tempos em que a Terra vivia sob o influxo do vigoroso pensamento *crístico* como há dois mil anos? Época em que a presença de Jesus no solo do planeta deve ter proporcionado alterações psíquicas nas pessoas que compartilharam de sua companhia ou mesmo que viviam nas cidades em que ele passara.

Evidentemente que a repetição ocorre com algumas modificações. O espírito se aperfeiçoa durante o tempo de intermissão. Suas idéias são confrontadas com as de outros espíritos. Às suas idéias somam-se outras. Espíritos encarregados da evolução do planeta auxiliam no desenvolvimento delas. O espírito reencarna sob a influência do que aprendeu no mundo espiritual.

# Perguntas e respostas sobre reencarnação

1) Como explicar a Justiça Divina, no nascimento de crianças com síndrome de down, surdas, cegas e deficientes?

R: Tais nascimentos ocorrem para a educação daqueles espíritos. Geralmente foi escolha do espírito contando com aceitação prévia de seus pais, que são preparados antecipadamente para recebê-los daquela forma. Se assim o espírito reencarnou é porque é dessa forma que ele evoluirá. Seus pais, geralmente, foram co-responsáveis pelas causas que geraram esses tipos de processos educativos. Os equívocos cometidos no passado, geralmente, tiveram a participação dos pais atuais.

2) Nós reencarnamos no mesmo grupo familiar ou juntamente a pessoas com quem temos alguma afinidade?

R: Nem sempre reencarnamos no mesmo grupo de espíritos afins. Às vezes, somos conduzidos a reencarnar junto a pessoas a quem temos aversão ou fomos inimigos. As leis de Deus colocam os inimigos juntos para que o amor os aproxime de fato. Enquanto não perdoarmos nossos adversários, não estaremos livres para realizarmos as escolhas que queremos. Quando merecemos, reencarnamos junto com espíritos afins.

3) Um espírito que reencarnou num corpo feminino e, numa próxima, reencarna num corpo masculino, terá assim tendências homossexuais?

R: Não parece certo. Se assim fosse, todos teríamos tendências ou seríamos homossexuais, pois o espírito reencarna, de tempos em tempos, em ambos os sexos. As tendências homossexuais se dão, dentre outros, por fatores complexos, alguns relacionados com experiências mal sucedidas na área sexual, ocorridas na atual ou em existências pretéritas.

4) Qual o motivo de algumas pessoas se lembrarem de encarnações passadas, enquanto outras nem em sonhos obtêm essa lembrança? Não é necessário o esquecimento do passado?

R: O fato parece estar relacionado com uma predisposição íntima do reencarnante, que se determinou àquela atitude antes de reencarnar. Talvez, também, com o objetivo de se fazer identificar ou de provar algo que ficou obscuro. A cultura parece também ter influência nesses casos. O amadurecimento do espírito favorece tais lembranças.

5) Em que situações a terapia regressiva a Vivências Passadas (TRVP) é indicada? Ela não constitui uma interferência muito forte na vida de uma pessoa? Não é mais correto permitir que a nossa vida flua naturalmente?

R: A indicação de submeter-se ou não a TRVP deve partir de profissional habilitado. Cada caso é um caso. Uma entrevista prévia com o terapeuta, é necessária para indicar-se ou não a TRVP. Há contra-indicações para a regressão, principalmente para algumas deficiências mentais. A condução equilibrada da TRVP impedirá qualquer prejuízo ao paciente. Para que a vida flua naturalmente, às vezes, é necessário que se abra uma *ferida*, a qual vem corroendo sutilmente o indivíduo. Essa *ferida* pode ser um núcleo traumático oriundo de experiências passadas.

6) Gostaria de saber se, na hipnose, a pessoa, entrando em transe, corre risco de difícil retorno ao consciente?

R: No processo hipnótico não há risco para o sujeito. Como toda e qualquer incursão mental, requer cuidados e conhecimentos por quem a utiliza. A mente humana possui mecanismos automáticos de retorno ao consciente. Existe muito preconceito injustificado, contra o uso da hipnose nas terapias. Embora possam ser feitas sugestões pós-hipnóticas, o indivíduo, por um mecanismo natural, retorna à sua normalidade.

7) Qualquer pessoa pode ser hipnotizada para ter conhecimento de vidas anteriores?

R: Em princípio sim. Porém, há pessoas extremamente refratárias, por bloqueios diversos, ao processo hipnótico. Os traumas e conflitos podem ser cuidadosamente colocados, de forma inconsciente, como escudo, impedindo o acesso às informações do passado. Alguns traumas oriundos de encarnações passadas, pelo seu conteúdo extremamente traumático, podem não permitir a lembrança, a qual, caso ocorra, seria muito sofrível para o sujeito. A lembrança do passado nem sempre se dá através da hipnose. Há lembranças espontâneas, principalmente em crianças.

8) Sendo a hipnose tão importante para permitir o conhecimento das encarnações passadas, porque ela não é empregada com maior frequência?

R: Há muito preconceito, tanto quanto muita ignorância, em torno da hipnose. Acredita-se que ela induz o paciente a idéias do operador. Há casos em que ela permite ao operador, dominar a mente do sujeito, inclusive fazendo-o realizar atos contrários à sua vontade. Tal ocorrência não deveria impedir seu bom uso. Seria como não se utilizar a energia nuclear porque alguém fabricou a bomba atômica com ela. A maioria das alegações contra o uso da hipnose é com hipóteses infundadas. Preconceitos tolos de uma época em que se vivia sob o domínio do dogmatismo

religioso. Tais preconceitos impedem a utilização, de forma mais freqüente, da hipnose.

9) É possível a um espírito que desencarnou com poucos meses de vida reencarnar imediatamente, com outro sexo e na mesma família?

R: Sim. Embora a mudança de sexo seja possível em toda e qualquer reencarnação, porém nem sempre se dá nas encarnações imediatas. É comum aproveitar-se numa nova e imediata encarnação o espírito que desencarnou em tenra idade. Quando é possível, faz-se na mesma família e através da mesma mãe. Isto se dá, às vezes, com os abortados, que voltam como seu próprio irmão.

10) Quais os objetivos da reencarnação imediatamente após a desencarnação?

R: Aproveitar-se de um planejamento já estabelecido. Valler-se das condições existentes, propícias à encarnação daquele espírito. Tendo desencarnado ainda criança, aproveita-se seu estado infantil, propício à reencarnação.

11) Por que existem pessoas que eram ricas e depois ficaram pobres, nas ruas, loucas e pedindo esmolas?

R: Nem sempre somos previdentes como deveríamos. Perder a fortuna que se amealhou, mesmo com sacrifício, pode ter sua causa em alguma imprevidência de seu detentor, na vida presente. Tal fato não estaria relacionado necessariamente com vidas passadas. Isto pode ocorrer como prova para o espírito desapegar-se das coisas materiais. Em acontecendo a loucura, suas causas estarão relacionadas com aspectos psíquicos mais complexos, muito embora aquela perda poderá provocar transtornos psicológicos.

12) Há espíritos desencarnados que não acreditam em reencarnação e que vão reencarnar?

R: Sim. Alguns, pelo seu estágio evolutivo ainda primário, não compreendem muitas das leis de Deus. Sabem que algo sucede com eles, mas não imaginam que seja a reencarnação. Outros mantêm o pensamento fixo, mesmo numa realidade completamente diferente, na vida que tinham. O fenômeno, às vezes, é pressentido, porém, nem sempre é compreendido.

13) A solidão e as repetidas e constantes decepções afetivas podem ser encaradas como *karmas*? O que as desencadearam?

R: Nem sempre se deve entender que os nossos conflitos são provenientes de outras encarnações. Nossa maneira de ser, dita nosso dia a dia. Cada personalidade cria seu próprio ambiente. Decepções afetivas podem ser ocasionadas pelas expectativas que criamos em torno das nossas relações. Uma vida voltada para seu próprio crescimento espiritual, pode significar a libertação desses conflitos. A solidão só existe para quem se sente só, em que pese estar rodeado de circunstâncias diversas, que propiciam muitas realizações. A vida não se constitui unicamente na busca de uma realização a dois. O espírito geralmente sente-se obrigado, por questões culturais, a “sair” de qualquer jeito, a procura de sua “alma gêmea”. Depois de decepções, ele descobre que, o mais importante, ele esqueceu: ser feliz e fazer os outros felizes e que não existe alma gêmea. Se assim fizer, ele alcança sua própria felicidade.

14) Como se explica o fato do mundo a cada ano aumentar a sua população? Onde se consegue novos espíritos para reencarnar?

R: O planeta Terra está inserido numa comunidade de outros mundos existentes no Universo. Alguns são inferiores, outros superiores. Há alguns de nível evolutivo semelhante ou próximo ao da Terra. Sempre estão ocorrendo emigrações de espíritos entre esses mundos. Não estamos isolados no Universo, que é infinito. Saem espíritos e chegam outros, num dinamismo cons-

tante no planeta. Vale considerar que, as criaturas *sub-humanas* que habitam o planeta e aqui não reencarnam, também saem para experiências em outros mundos, em encarnações próximas ao estágio humano. A Terra ainda não recebeu toda a cota de espíritos encarnados possível. O próprio ser humano porá limites.

15) Por que a morte da criança, se ela precisará nascer outra vez?

R: Geralmente a morte de uma criança está relacionada com a complementação de tempo subtraído pelo espírito em outra encarnação. O espírito vem complementar uma encarnação que se findou, por sua responsabilidade, antes do tempo previsto. Serve também como prova para os pais. É um processo educativo que tenderá a reduzir-se na medida em que a sociedade voltar-se mais para a criança.

16) Ressurreição e reencarnação não são a mesma coisa?

R: Não. A palavra ressurreição pode ser empregada no sentido de ressurgir, após a morte, com o mesmo corpo ou não. Nesse caso, quando o termo é empregado como se referir aos “mortos” que se mostram em outro corpo, trata-se de uma aparição ou materialização. Noutro caso, o termo é empregado como ressurgimento da carne, isto é, do mesmo corpo que se tinha quando “vivo”. Em nenhuma das duas formas ocorre a reencarnação. A reencarnação implica no retorno à vida material, através de um novo corpo, pela gestação. A confusão dos termos é antiga. A reencarnação pode ser provada, a ressurreição não.

17) Como é a reencarnação de um suicida?

R: Não é diferente da que se dá para os outros espíritos. Geralmente o suicida trás para a nova encarnação as marcas de sua atitude de agressão ao corpo físico do passado. Tais marcas aparecerão no novo corpo, o qual se forma trazendo as agressões havidas no anterior, para a educação do reencarnante.

18) Qual o tempo para a reencarnação de um suicida?

R: Sendo suicida ou não, o tempo que leva para um espírito retornar a uma nova existência (tempo de intermissão) varia de acordo com seu grau de evolução e suas necessidades educativas. Pode ser de dias a séculos. Os suicidas geralmente demoram mais para reencarnar devido à complexidade das causas da desencarnação. Às vezes, ele terá que esperar parentes desencarnarem por vias normais, para juntos voltarem a encarnar.

19) O que são “birthmarks”?

R: O termo em inglês significa marca de nascença no corpo físico e que se justificam por experiências traumáticas ocorridas em vidas anteriores. Diferentes de sinais particulares que, muitas vezes ocorrem por herança genética, eles se dão de forma específica no indivíduo. São marcas perispirituais relacionadas com agressões ao corpo físico da encarnação anterior, que, pela sua carga emocional, fixou-se no corpo espiritual, transferindo-se para o novo corpo físico da encarnação seguinte. Geralmente estão associadas a fortes conteúdos emocionais.

20) Existe um número de vezes determinado para se encarnar?

R: Não. A quantidade de reencarnações do espírito varia em muito. Quando cessa o aprendizado que ele pode obter num planeta, passa a reencarnar em outro, até não mais precisar fazê-lo. Tornar-se-á Espírito Puro. As reencarnações vão ocorrendo, inclusive, em mundos cujo corpo físico se aproxima do perispírito em vibração, isto é, ambos são pouco densos. No nosso planeta a distância vibratória entre um e outro é muito grande. Para alcançar o estado de Espírito Puro não é necessário reencarnar em todos os mundos.

21) Necessariamente temos que pagar com a dor e o sofrimento as faltas do passado?

R: As “faltas” do passado não têm que ser pagas. Nós reencarnamos para aprender o que não sabemos. Somos “devedores”, se assim pode chamar-se, de nós mesmos. Os erros do passado são fruto do desconhecimento que temos das leis de Deus. Reencarna-se para aprender e não para pagar. As chamadas “dívidas”, contraídas no passado, são compromissos que assumimos pelo uso de nosso livre arbítrio. Nem sempre a dor se refere a erros do passado. A dor é inerente ao estágio evolutivo do ser humano na Terra. Quando se refere ao passado, a dor surge quando o amor não é percebido. O sentir dor é relativo para cada espírito. Quanto mais evoluído o espírito, mais ele percebe a dor como o amor de Deus em ação.

22) Em que momento o espírito toma total controle sobre o novo corpo?

R: A ligação energética do espírito com seu novo corpo, no processo reencarnatório, inicia-se na concepção, embora sua entrada nele pode se dar até bem perto do parto. Cada encarnação é particular para o espírito. A entrada, diferente da ligação energética, no corpo, durante a gestação, pode ocorrer a qualquer momento. O controle total sobre o corpo dá-se após o nascimento. Tal processo, isto é, a reencarnação, se encerra próximo a puberdade.

23) Como o espírito atua no processo de formação do corpo?

R: No processo reencarnatório, o perispírito do reencarnante transfere para o novo corpo, via cromossomos, as características próprias não herdadas. No perispírito do reencarnante existem determinantes psíquicos que vão, por justaposição, influenciar nas alterações genéticas necessárias. O processo de alteração do novo corpo, além das características herdadas é automático. Em alguns casos, há espíritos técnicos em reencarnação, os quais promovem alterações outras em benefício do reencarnante.

24) Se as deformações físicas e anomalias, provêm de ações anteriores que ficam “registradas” em nosso perispírito e que atuarão na formação do novo organismo, então como explicar as doenças hereditárias? Teria toda a família praticado erros semelhantes?

R: A hereditariedade obedece a leis superiores previstas nos processos educativos necessários ao crescimento do espírito. Nada escapa às leis de Deus. Numa família, quando há um doente, todos são doentes. Todos que convivem com o doente foram co-responsáveis pela problemática vivida, no passado, por ele. Retornam juntos, para juntos aprenderem.

25) Que podemos fazer para mudar a vida, que ameaça repetir as mesmas conseqüências de outras vidas, quando independem de nossa vontade?

R: Estabelecendo uma nova ética de viver. Renovar-se constantemente buscando novos valores na vida. Nesse sentido, a ética cristã constitui-se num roteiro importante e seguro. O Espiritismo, revivendo o cristianismo, conduz o ser humano de hoje a reconhecer sua natureza espiritual, mostrando-lhe uma nova visão da Vida.

26) Porque a regressão de memória não leva à solução do problema?

R: A regressão de memória é apenas uma técnica, não é uma terapia. À ela, adiciona-se uma terapia, como ocorre na TRVP. A regressão não é mágica. A solução de nossos conflitos transcende à mera lembrança do passado. Não basta lembrar-se dele. É necessário crescer com ele. Vivenciar novas experiências para se aprender o que não se sabia anteriormente.

27) Um espírito pode reencarnar em um corpo sem que o outro espírito tenha desencarnado, isto é, nos estados de coma?

R: Não há evidências que possam comprovar essa possi-

bilidade, embora haja relatos que sugerem sua ocorrência. Para o espiritismo a reencarnação processa-se através de um novo corpo, após a fecundação biológica.

28) No caso de tirarmos a vida de alguém, é da lei, voltarmos reencarnados bem próximos dessa pessoa, ou existem outros meios de se educar?

R: As leis de Deus sempre têm várias formas de educar o espírito. É mais comum, quando estão ligados por emoções distanciadas do amor, vítima e algoz, retornarem juntos. As leis de Deus atuam para ensinar os espíritos a compreenderem o sentido do amor.

29) O que é expiação?

R: Um aprendizado obrigatório a que nem todos os espíritos estão sujeitos. É uma situação penosa a que o espírito está obrigado atravessar, relacionada a atitudes de vidas passadas que prejudicaram outras pessoas. Atitudes inadequadas quanto às leis de Deus, gerarão expiações.

30) Dos estudiosos do assunto, quem você citaria para leitura àqueles que se interessam?

R: A literatura sobre reencarnação é vastíssima. Não se poderia esperar menos, de um tema que tem sido encontrado nas civilizações mais antigas. Essa literatura poderia ser dividida entre livros de pesquisa, livros de crenças, livros com abordagens filosóficas, etc. Recomendo, para início, uma leitura nos livros espíritas, em particular *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Depois, o livro do Dr. Hernani Guimarães Andrade, *Reencarnação no Brasil*.

31) O que determina o momento ou o período em que um espírito deve reencarnar?

R: O aprimoramento do espírito é uma constante. Chega o

tempo em que é necessária sua volta a um novo corpo. A partir daquele momento, seu aprendizado só será possível em contato com a carne, isto é, com os encarnados. O tempo em que ele passa desencarnado é relativo ao seu estágio evolutivo. Alguns, em missão, autodeterminam-se quanto ao tempo que permanecem fora do corpo. Outros, reencarnam por ter chegado o tempo certo. Ele não pode estacionar. A evolução é constante.

32) Como funciona a Misericórdia Divina na “lei” de causa e efeito?

R: A Misericórdia Divina funciona em benefício do espírito, atenuando, de alguma forma, os efeitos negativos de seu passado, a fim de que ele possa efetivamente aprender. O efeito, atuando em perfeita consonância com a causa, não ocorre de forma linear, na mesma intensidade da causa por causa da Misericórdia Divina. A Misericórdia Divina atua na chamada “lei” de causa e efeito, amenizando o sofrimento do espírito. É o elemento diferencial entre a interpretação da Física e a do Espiritismo, em relação a “lei” de causa e efeito.

33) Pode-se alcançar a perfeição numa única encarnação?

R: Considerando que a perfeição é o conhecimento das leis de Deus, e elas são muitas, não é possível atingir-se o estado de Espírito Puro numa única encarnação. Seu aprendizado é infinito. Uma encarnação é muito pouco tempo para tal. Vale salientar que a perfeição não é um estado estático. Alcançá-la significa iniciar um novo processo de crescimento. Não se pode esperar outra interpretação. Perfeição não é beatitude. Só Deus é perfeito.

34) É necessário ver-se o passado para se melhorar?

R: Não. É necessário o espírito compreender que seu passado está influenciando seu presente e que lhe compete ser hoje melhor do que foi ontem. Se está encarnado é porque alguma

coisa necessita aprender. Ver o passado pode ser, ao contrário, uma forma de estacionar-se no caminho. Nem todos estão preparados para tal. O esquecimento dele, denota a necessidade de não conhecê-lo. Pelo menos durante a encarnação.

35) Se estamos em processo de aperfeiçoamento, gostaria de saber por que, mesmo já tendo encarnado diversas vezes, ainda cometemos erros, às vezes tão absurdos?

R: Ainda somos espíritos imperfeitos e nos encontramos na infância espiritual. Ainda nos falta muito para alcançarmos a maturidade no processo evolutivo. Os erros que cometemos são deficiências na aprendizagem. Repetindo as lições, aprenderemos a não mais errar.

36) Há consciência na reencarnação?

R: Alguns espíritos permanecem conscientes durante o processo e, até mesmo, durante a gestação. Tal se dá pela sua elevação. Chega o momento em que ele abandona a consciência e penetra no mundo que vai nascer. Quanto mais elevado é o espírito, mais tempo ele permanece consciente no processo.

37) Os espíritos evoluídos ficam a mercê das leis da hereditariedade ou eles alteram os cromossomos na reencarnação?

R: Os espíritos não podem alterar as leis de Deus. A alteração cromossômica se dá pela influência do perispírito do reencarnante. Dessa forma a hereditariedade dará lugar aos processos educativos do reencarnante. Pela elevação, o reencarnante promoverá as alterações cromossômicas necessárias sem, contudo, alterar as leis de Deus. Algumas alterações poderão ocorrer após o nascimento. Nem tudo que vai ocorrer com o corpo se dá com alterações cromossômicas.

38) A sugestão de datas, na regressão de memória, não pode induzir a imaginação da pessoa?

R: Com ou sem a sugestão de datas, no momento da regressão, pode haver uso da imaginação pelo sujeito. Os conteúdos expressos por ele serão determinantes para se verificar sua veracidade. Se o que for expresso puder ser provado, estará eliminada a imaginação. É possível que tal imaginação se dê, mas algo poderá ter ocorrido naquela data. Não haverá sugestão do conteúdo mas, apenas da época, que será, tão somente, um ponto de partida.

39) Os espíritos de uma mesma família foram invariavelmente inimigos em encarnações anteriores?

R: Não, necessariamente. As leis de Deus aproximam desafetos e afetos. Os espíritos reencarnam em grupos afins, unidos pelos laços de amor, como também para construí-lo onde não exista. Os inimigos reencarnam juntos para transformar o ódio em amor. Às vezes a inimizade aparece na mesma encarnação, sem que nada tenha ocorrido no passado.

40) Quando a gente sente que esteve num lugar antes, sem nunca ter de fato ali estado, isto se deu em outra encarnação?

R: Nem sempre. Tal sensação pode ocorrer sem que já estivéssemos naquele local. A imagem daquele local pode ter sido apreendida por outros meios. Sua fixação em nossa mente pode acarretar a sensação de já ter estado naquele local. Vivemos numa era em que a imagem é muito difundida pela mídia. Nem sempre registramos tais imagens de forma consciente. Quando se trata de outra encarnação a lembrança geralmente estará associada a alguma emoção, que nos transporta a outra época.

41) Uma criança pode submeter-se a uma regressão de memória?

R: Em princípio, não. Não se tem registro de tal ocorrência, nem de suas conseqüências para a mente da criança. O mais adequado seria não submeter a criança a tais lembranças a fim de

que ela não fixe conteúdos que devem ficar adormecidos. O processo reencarnatório se completa durante a fase infantil, em cujo período as lembranças do passado são internalizadas (estão no inconsciente). O sucesso da encarnação poderá ser comprometido se houver recordação.

42) O que é *karma*?

R: *Karma*, é uma palavra que, em sua língua original, significa *ação*. Tal ação reflete uma reação inerente a ela. Chama-se a isso lei de retorno, lei de causalidade ou lei de ação e reação. Toda atitude, física ou mental, gerará, pela lei do *karma*, uma reação em sentido contrário. Popularmente o termo é empregado com um sentido próprio, significando a existência de expiações a serem atravessadas pelo espírito. Vale lembrar que o *karma* se refere aos atos bons ou maus.

43) Onde ficam os espíritos e a que são submetidos nos intervalos das reencarnações?

R: Cada espírito tem sua situação própria. Habitam o espaço espiritual de acordo com seu grau de evolução. Formam núcleos, colônias, cidades e estâncias de trabalho. Essas instâncias psíquicas se situam ao redor dos mundos. Agrupam-se de acordo com suas afinidades. No intervalo das encarnações se apriamoram para outra jornada num novo corpo.

44) Os pais têm culpa da deficiência dos filhos?

R: A palavra culpa não se aplica ao caso. Os pais têm, de alguma forma, responsabilidades pelos problemas que seus filhos trazem a uma nova encarnação. Geralmente participaram da problemática no passado que deu origem à forma educativa do presente (deficiência). Quando tal participação não ocorre, é porque os pais solicitaram, por missão, auxiliar o ente querido que iria reencarnar com a deficiência. De qualquer forma, é uma tarefa difícil. Educar filhos “normais” não é fácil. Quando eles trazem

deficiências, a complexidade é maior. Felizes dos pais de deficientes que conseguem sair da encarnação vitoriosos pelo bem que fizeram àqueles espíritos necessitados. Ser mãe ou pai de um excepcional é sê-lo duas vezes.

45) Não seria mais proveitoso lembrar-se das encarnações passadas?

R: Nem sempre. A lembrança do passado impediria o progresso do espírito que precisa de uma nova oportunidade para crescer. Sem o esquecimento, o espírito não conseguiria conviver com outros que lhe alteram a harmonia, cujo equilíbrio deverá ser feito na atual existência. O esquecimento é uma benção para o espírito cujo passado foi delituoso. Para espíritos mais amadurecidos, a lembrança do passado pode ser de grande auxílio em sua nova encarnação.

46) A repetição de determinado sonho está associada a uma vida passada?

R: Não necessariamente. Os sonhos são imagens simbólicas de conteúdos inconscientes que necessitam de interpretação adequada. Podem se tratar de imagens associadas a conflitos atuais e que não estejam relacionados com vidas passadas. Outras vezes são retratos simbólicos do futuro provável.

47) Que mudanças são esperadas no comportamento da sociedade a partir da crença coletiva da reencarnação?

R: A crença coletiva traria à sociedade uma nova dimensão a respeito da vida. As pessoas enxergariam mais suas atitudes no presente. Vale dizer, porém, que tal crença coletiva não elevaria a sociedade quanto à sua ética. À crença na reencarnação, deve associar-se uma norma de conduta ética que conduza os indivíduos a uma nova realidade. O pensamento cristão é um elemento que, associado à crença da reencarnação, elevará o ser humano e melhorará a sociedade.

48) Em que a crença na reencarnação ajudaria alguém?

R: Por si só, a crença na reencarnação não é capaz de ajudar a ninguém. A consciência de que se é um ser reencarnado, sim, poderá levar o indivíduo a uma reflexão sobre suas atitudes na vida atual, sobre seu futuro e sobre sua relação com a sociedade à sua volta.

49) Porque a reencarnação de gêmeos?

R: Geralmente, os gêmeos são espíritos afins que reencarnam com o objetivo de crescerem juntos. A curiosidade que se tem em encontrar diferenças entre eles, serve como educação para que percebam que são individualidades separadas. Noutras vezes, pode tratar-se de comparsas de um mesmo delito que juntos cometeram no passado e que retornam para aprender da mesma forma.

50) Que métodos ou técnicas são usadas para o estudo e a comprovação da reencarnação?

R: São muitas as técnicas para a pesquisa da reencarnação. Desde a lembrança espontânea à regressão de memória. A literatura científica sobre o assunto é vasta, mostrando a veracidade da reencarnação. Ela é o mecanismo fundamental para a evolução do espírito e para a compreensão da vida.

51) Há casos que haja consenso e aceitação internacional?

R: Os casos relatados e pesquisados por Ian Stevenson são mundialmente conhecidos. No Brasil, vale a pena conhecer os casos pesquisados pelo Engenheiro Hernani Guimarães Andrade, cuja reputação ultrapassa as fronteiras nacionais. Citar um único caso seria particularizar, mas vale a pena conhecer o Caso Bridey Murphy, que deu origem ao livro com o mesmo título, ocorrido na década de 50. O livro que relata a pesquisa feita, é de autoria de Morey Bernstein.

52) Onde ou em que as descobertas e os avanços acerca

da reencarnação têm maior aplicação e estão sendo efetivamente aplicados, e com sucesso?

R: O maior campo de aplicação está na Psicologia. A perspectiva que se abre é muito ampla. A análise dos conflitos humanos à luz da reencarnação, revoluciona as terapias conhecidas. Cada vez mais se percebe a influência das vidas passadas nos problemas humanos. Novas terapias estão surgindo partindo do princípio de que somos seres reencarnados. É a principal alternativa para salvar a Psicologia Clínica como ciência.

53) Pode ocorrer a reencarnação em outro planeta?

R: Sim. O universo é infinito. O espírito reencarna nos diversos mundos habitados. O progresso não se dá num único planeta. Não é possível conhecer-se as leis de Deus num único mundo, mesmo que o espírito reencarne várias vezes nele. É pobreza nossa pensar que a reencarnação só se dá na Terra. Não imaginamos o quão belo é a criação de Deus espalhada pelo Universo.

54) Toda reencarnação tem um tempo programado?

R: O espírito tem um tempo de vida mais ou menos definido. Pode ele encurtá-lo como também, em alguns casos, aumentá-lo. Suas atitudes e necessidades evolutivas serão determinantes para definir seu tempo no corpo. A alimentação desregrada e a falta de cuidados com o corpo, podem acelerar o processo desencarnatório. Há casos em que ocorre dilatação do tempo de permanência do espírito na Terra. Geralmente por missão ou porque a presença do espírito é extremamente necessária para sua evolução e para os que convivem com ele.

55) A aparência física se conserva nas diversas reencarnações?

R: Não. Os caracteres hereditários dos futuros pais são determinantes para a definição do aspecto físico. Há, porém, características que o espírito consegue transferir de uma a outra

encarnação. Tais características vão, desde as marcas de nascença até a semelhanças corporais e faciais. Essa transferência de uma para outra encarnação se dá por exceção. Durante as divisões celulares, na formação do feto, o perispírito do reencarnante transfere suas características em acréscimo à hereditariedade.

56) Todas as pessoas que violam as leis divinas (através, por exemplo, do suicídio) sofrerão seqüelas na próxima encarnação?

R: Não necessariamente. Nem sempre o processo educativo a que um suicida estará sujeito, dar-se-á na encarnação seguinte. As seqüelas que poderão ocorrer estarão diretamente relacionadas com o tipo de agressão perpetrada ao corpo da encarnação anterior, bem como às causas psicológicas geradoras do ato. Cada caso é um caso, pois atenuantes ocorrem nos processos educativos referentes aos suicidas.

57) No caso do aborto voluntário, qual será a situação do feto? Sempre irá tentar reencarnar através da mesma mãe?

R: As conseqüências do aborto para o espírito que ia reencarnar são imprevisíveis. Pode o espírito perdoar seus agressores ou mesmo buscar vingar-se deles. Dependerá de seu grau de evolução. Para o espírito que já estava preparado para reencarnar e que foi abortado, muitas vezes, aproveita-se imediatamente uma nova encarnação, na mesma mãe. Quando não é possível utiliza-se de outra.

58) É possível o espírito de uma pessoa reencarnar em um animal?

R: Não. É impossível ao espírito involuir. A utilização de um corpo animal caracterizaria um retorno desnecessário ao espírito. As vibrações são distintas. O cérebro não humano é deficiente para a manifestação do ser que já alcançou a fase humana. Mes-

mo que o quisesse, o espírito não conseguiria unir-se a uma célula não humana, fecundada. Algumas correntes defendem a Metempsicose que, parecida com a reencarnação, implicaria num retrocesso. Tal hipótese é improvável.

59) A mãe, tendo feito aborto e posteriormente se arrependido, tem condição de obter a volta daquele mesmo espírito através de nova gestação? Em caso positivo como ter a certeza de que seu pedido foi atendido, após nova gestação?

R: Se o espírito ainda não reencarnou, não há impedimentos. Seu estado emocional, tendo em vista a frustração de não reencarnar, poderá ser um impedimento, mas que, se trabalhado, deixará de existir. É possível trazê-lo de volta a uma nova encarnação na família. A certeza de que tal se deu, não é possível de forma muito simples. Através de revelações espirituais ou de sonhos, pode se ter algum indício.

60) O que significa pesquisar com metodologia científica a reencarnação?

R: A reencarnação como um processo, isto é, uma seqüência de estados de um sistema que se transforma, cabe ser analisada sob todos os enfoques. Todo objeto de estudo que deva merecer uma leitura científica, necessariamente se submeterá a uma metodologia apropriada. Uma hipótese de trabalho, numa investigação científica, para ser validada, deve resistir aos rigores de uma metodologia, o que, em última análise, significará tratar do objeto da investigação através de técnicas visando extrair a subjetividade e se apontar falhas evitáveis na descoberta a se realizar. Usar uma metodologia científica na pesquisa da reencarnação significa tratar do assunto com todo rigor e seriedade com que se tratam os objetos das ciências.

61) As pesquisas realizadas dentro dessa metodologia serão aceitas pela comunidade “não espírita”?

R: Toda pesquisa realizada com metodologia apropriada e com seriedade será aceita por qualquer estudioso, seja espírita ou não. Deve também se considerar que, salvo raras exceções, costuma-se considerar os princípios básicos do Espiritismo como verdades incontestes, que não precisam ser colocadas à disposição da investigação. Este procedimento tem gerado os dogmas que, ao longo da História, serviram ao obscurantismo e ao atraso intelecto-moral da humanidade. A metodologia hoje empregada para a pesquisa da reencarnação se enquadra nos cânones científicos, sem nada a dever aos métodos acadêmicos convencionais.

62) Se a reencarnação passar a ser, não apenas uma crença, mas uma realidade baseada em provas, como isso repercutirá na conduta humana?

R: A repercussão na conduta humana será proporcional à intervenção da reencarnação na vida social. A fase de provar a reencarnação, que se iniciou no século passado, não será suficiente para provocar tal modificação. Uma fase seguinte, a qual se caracterizará pela utilização do fato nas diversas áreas do conhecimento, será necessária. Precedendo essa fase ocorrerá um amplo debate sobre o tema nos meios acadêmicos. Por exemplo: na História, para reescrevê-la à luz da reencarnação; na Filosofia, para reinterpretá-la; na religião, para redirecioná-la; na Antropologia, para entender a evolução humana; na Biologia, para a criação de novos organismos; na Sociologia, para melhor solução dos problemas sociais; na Psicologia, para sua maior eficácia terapêutica (a TRVP já é um indicativo); na Medicina, para seu maior alcance, visualizando processos além do corpo; na Política, para melhor compreensão das relações do poder; no Direito, para sua melhor interpretação, considerando os nexos passados; na Educação, para cumprimento de sua verdadeira finalidade, alcançando o espírito, etc. Deve compreender-se também que a modificação da conduta humana dar-se-á através de um conjun-

to de fatores de natureza ético-intelecto-moral, sendo o reconhecimento da reencarnação um detalhe técnico no processo.

63) A constatação tornará o ser humano menos imediatista e mais solidário?

R: Não apenas a constatação, mas sua utilização na vida social, a exemplo da TRVP na Psicologia. A reencarnação é o lastro para a compreensão do estado emocional do paciente. A reencarnação sendo reconhecida nas relações sociais provocará, em curto espaço de tempo, uma mudança radical na sociedade. Primeiramente será um choque e depois uma acomodação. Mas, por si só, ela não provocará essas mudanças. Novos valores deverão ser incorporados pelo ser humano para que aquela transformação ocorra.

64) Diminuirá a exploração do “homem pelo homem”?

R: Diminuirá, não apenas pelo reconhecimento da realidade da reencarnação, mas, principalmente, pela assimilação das leis que estão por trás do fenômeno, isto é, da lei de misericórdia, da lei de amor, da lei de evolução, etc. A exploração do “homem pelo homem” dá-se em níveis diversos, inclusive entre os que já reconhecem a verdade da reencarnação, principalmente nos povos asiáticos, o que nos indica a necessidade de uma ética superior para a solução do problema. A reencarnação um processo, e não um sistema de valores. Acreditar na reencarnação não significa passar a ter uma nova ética. A partir de sua crença é fundamental buscar-se uma nova ética.

65) Há estudos já realizados? Quem tem interesse em financiar tais estudos e com que objetivo uma vez que não se podem vislumbrar lucros econômicos diretos?

R: Há vários estudos. Os estudos de Maurice L. Albertson e Kenneth P. Freeman, da Colorado State University, que tipificaram as fontes referenciais sobre o tema, estabelecendo

pesos e graus de credibilidade. O trabalho deles está em andamento; o magistral trabalho da Dr.<sup>a</sup> Helen Wambach que, através de uma minuciosa pesquisa na história da humanidade e utilizando-se da regressão de memória, chegou a conclusões surpreendentes sobre a reencarnação; as pesquisas de H. N. Banerjee, do Dr. Ian Stevenson e da Dr.<sup>a</sup> Edith Fiore. No Brasil cito os trabalhos do Dr. H. G. Andrade e do Dr. Hermínio Miranda.

Os interesses, por trás desses estudos são particulares, sendo que alguns são financiados por universidades ou sociedades de pesquisas psíquicas. Em ambos os casos, não há interesse em lucros, mas, na descoberta do conhecimento. Sobre esta questão, do lucro econômico, é questão de tempo. Em breve o ser humano capitalista de hoje, descobrirá como obter vantagens com a pesquisa da reencarnação. Uma das formas será a criação de institutos de aconselhamento, amparo, proteção, etc., ao reencarnado. Não se deve pensar que, pelo fato de se obter vantagem com algo, ele seja pernicioso. Embora a vantagem direta para quem a utilize, o ganho social será maior. Obter vantagem, individual ou coletiva, faz parte do sistema social.

66) Deve estudar-se a reencarnação com metodologia científica?

R: Para uma simples leitura, não se exige uma metodologia científica; já na experimentação e na investigação, deve utilizar-se técnicas apropriadas. Nesse particular existem diversos métodos para se alcançar o conhecimento. Deve buscar-se o método adequado às condições de investigação, à natureza do objeto de estudo e aos objetivos do trabalho. Há quem pense que a prova de um fato dá-se, apenas, com a existência de testemunhos ou com a respeitabilidade da assinatura de uma autoridade. Em ciência a prova assume proporções amplas implicando em diversos fatores. Ao pesquisar deve-se fazer uma revisão bibliográfica, principalmente sobre a questão da metodologia científica, se não se possui domínio da matéria.

# Bibliografia

- ABREU, Canuto, *O Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec*, Companhia Editorial Ismael, São Paulo-SP, 1957;
- ANDRADE, Hernani G., *Morte, Renascimento e Evolução*, Pensamento, São Paulo-SP, 1983;
- *Reencarnação no Brasil*, Casa Editora O Clarim, Matão-SP, 1988;
- ANDRADE, Jayme, *Espiritismo e as Igrejas Reformadas*, Lar de Jesus, Conchas-SP, 1983;
- ANDRÉA, Jorge, *Palingênese, A Grande Lei*, Caminho de Libertação, Rio de Janeiro-RJ, 1975;
- ARGOLLO, Djalma Motta, *Possibilidades Evolutivas*, Editora Mnêmio Túlio, São Paulo-SP, 1994;
- BANERJEE, H. N., *Vida Pretérita e Futura*, Nórdica, Rio de Janeiro-RJ, 1983;
- BERNSTEIN, Morey, *The Search for Bridey Murphy*, Doubleday, New York-NY-USA, 1989;
- CERMINARA, Gina, *Muitas Moradas; a reencarnação segundo Edgard Cayce*, Pensamento, São Paulo-SP, 1988;
- CRANSTON, Sylvia e WILLIAMS, Carey, *Reincarnation, A New Horizon in Science, Religion, and Society*, Julian Press, New York-USA, 1984;
- DAVID-NEEL, ALEXANDRA, *Reencarnação e Imortalidade*, Ibrasa, São Paulo-SP, 1989;

DELANNE, Gabriel, *A Reencarnação*, 5ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1979;

DENIS, Léon, *Depois da Morte*, 11ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1978;

——— *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, 11ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1979;

DROUOT, Patrick, *Reencarnação e Imortalidade, Das vidas passadas às vidas futuras*, Ed. Record, Rio de Janeiro-RJ, 1994;

FIGLIARELLI, Edith, *Já Vivemos Antes*, Publicações Europa-América, Lisboa-Portugal, 1978;

——— *Possessão Espiritual*, Ed. Pensamento, São Paulo-SP, 1990;

FRANCO, Divaldo P. e ANGELIS, Joanna (Espírito), *No Limiar do Infinito*, LEAL, Salvador-BA, 1977;

GRANT, Joan e KELSEY, Denis, *Nossas Vidas Anteriores*, Distribuidora Record, Rio de Janeiro-RJ, 1967;

HEAD, Joseph e CRANSTON, Sylvia, *Reincarnation: The Phoenix Fire Mystery*, Point Loma Publications, San Diego-CA-USA, 1991;

HEIDBREDEK, Edna, *Psicologias do século XX*, 5ª edição, Editora Mestre Jou, São Paulo-SP, 1981;

JUNG, Carl Gustav, *Estudos sobre Psicologia Analítica*, 2ª edição, Ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 1981;

——— *O Homem e seus Símbolos*, 12ª edição, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro-RJ, 1992;

——— *Memórias, Sonhos, Reflexões*, Circulo do Livro, São Paulo-SP, 1975;

KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, 53ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1981;

——— *O Céu e o Inferno*, 22ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1980;

——— *O Livro dos Médiuns*, 52ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1985;

- *Revista Espírita, Sétimo Ano -1864*, Edicel, São Paulo-SP, 1968;
- MARTINS, Celso, *Espiritismo e Vidas Sucessivas*, Editora ECO, Rio de Janeiro-RJ, 1976;
- MIRANDA, Hermínio C., *A Reencarnação na Bíblia*, Pensamento, São Paulo-SP, 1981;
- *Reencarnação e Imortalidade*, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1976;
- MULLER, Karl G., *Reencarnação Baseada em Fatos*, 2ª edição, Difusora Cultural, São Paulo-SP, 1981;
- NETHERTON, Morris e SHIFFRIN, Nancy, *Vidas passadas em Terapia*, Araju, São Paulo-SP, 1984;
- POMPAS, Manuela, *Reencarnação, A descoberta das vidas passadas*, Maltese, São Paulo-SP, 1991;
- RODRIGUES, Henrique, *A Ciência do Espírito*, Casa Editora O Clarim, Matão-SP, 1985;
- SOUZA, Elzio Ferreira de e L'in Ch'eng Yü (espírito), *Caminhar Vazio*, Circulus, Salvador-BA, 1995;
- STEVENSON, Ian, *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*, Edicel, São Paulo-SP, 1971;
- *Child Development and Reincarnation, (Desenvolvimento Infantil e Reencarnação)*, Boletim da American Society for Psychical Research (ASPR), Vol III, Number 4, New York-NY, 1977;
- *Children Who Remember Previous Lives, A Question of Reincarnation*, 2ª edição, University Press of Virginia, Charlottesville, USA, 1992;
- TENDAM, Hans, *Panorama sobre a Reencarnação*, Vol. 1 e 2, Summus Editorial, São Paulo-SP, 1993;
- VARNEY, Thomas, *The Secret Life of the Unborn Child*, Dell Publishing, New York-NY-USA, 1986;
- VIEIRA Waldo, *Projeções da Consciência*, 2ª edição, LAKE, São Paulo-SP, 1982;
- WEIL, Pierre, *A Morte da Morte, uma abordagem*

*transpessoal*, Editora Gente, São Paulo-SP, 1995;

WAMBACH, Helen, *Recordando Vidas Passadas*, Pensamento, São Paulo-SP;

——— *Vida Antes da Vida*, Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro-RJ, 1988;

XAVIER, Francisco C. e LUIZ, André, (Espírito), *Missionários da Luz*, 13ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1980;

——— *Entre a Terra e o Céu*, 7ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1980;

——— *Evolução em Dois Mundos*, 4ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1977;

——— *No Mundo Maior*, 9ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1981;

——— *Os Mensageiros*, 15ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1983;

XAVIER, Francisco C. e EMMANUEL, (Espírito), *Roteiro*, 2ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1959;

XAVIER, Francisco C. e PIRES, Cornélio (Espírito), *Costas Deste Mundo*, Clarim, Matão-SP, 1977.